



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

IVO FERNANDES DE SOUSA

**SAGRADO FEMININO: rituais, rezas e representações das parteiras e das rezadeiras
Salgado-PB (1960-1980)**

CAMPINA GRANDE-PB

2021

IVO FERNANDES DE SOUSA

**SAGRADO FEMININO: rituais, rezas e representações das parteiras e das rezadeiras
Salgadinho-PB (1960-1980)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, da Universidade Federal de Campina Grande, pertencente a linha II de Cultura, poder e identidade e área de concentração História, Cultura e Sociedade, como requisito para obtenção do título de mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. José Pereira de Sousa Júnior

CAMPINA GRANDE-PB

2021

S725s

Sousa, Ivo Fernandes de.

Sagrado feminino: rituais, rezas e representações das parteiras e das rezadeiras Salgadinho-PB (1960-1980) / Ivo Fernandes de Sousa. – Campina Grande, 2021.

157 f. : il.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação: Prof. Dr. José Pereira de Sousa Júnior".

Referências.

1. História Cultural. 2. Sagrado Feminino. 3. Parteira. 4. Rezadeira. 5. História Oral. I. Sousa Júnior, José Pereira de. II. Título.

CDU 930.85(043)

SAGRADO FEMININO: rituais, rezas e representações das parteiras e das rezadeiras Salgadinho-PB (1960-1980)

Dissertação apresentada no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, pertencente a linha de pesquisas II Cultura, poder e sociedade e área de concentração História, cultura e sociedade, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em História

Aprovado em 04/08/2021

BANCA EXAMINADORA

José Pereira de Sousa Júnior

Prof. Dr. José Pereira de Sousa Júnior (UFCG/UPE)

Orientador



Prof. Dr. Marinalva Vilar de Lima (UFCG)

Membro Interna

Carlos André Silva de Moura

Prof. Dr. Carlos André de Moura (UPE)

Membro externo

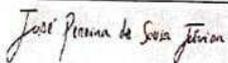
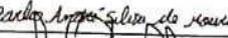
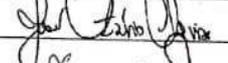
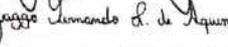


**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Às 15h (quinze horas) do dia 04 (quatro) de agosto de 2021 (dois mil e vinte e um), através de sala de videoconferência do Mestrado da Universidade Federal de Campina Grande, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pelo aluno **Ivo Fernandes de Sousa**, intitulada: Sagrado Feminino: Rituais, rezas e representações da parteiras e das rezadeiras de Salgadinho-PB(1960-1980), em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito "**APROVADO**", em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: José Pereira de Sousa Júnior (Orientador), Marinalva Vilar de Lima (Examinadora Interna), Carlos André Silva de Moura (Examinador Externo). Assinam também a presente Ata o Coordenador do Programa Prof. Dr. José Otávio Aguiar e o Secretário do PPGH Yaggo Fernando Xavier de Aquino, para os devidos efeitos legais.

Parecer: Após apresentação da dissertação e das arguições da banca, decidimos pela aprovação de Ivo Fernandes de Sousa e recomenda-se uma minuciosa correção ortográfica e reestruturação dos capítulos dentro das normas da ABNT e do que rege o Programa de Pós Graduação em História.

Lista de Presença

Orientador	José Pereira de Sousa Júnior	
Examinador Interno	Marinalva Vilar de Lima	
Examinador Externo	Carlos André Silva de Moura	
Coordenador	José Otávio Aguiar	
Secretário	Yaggo Fernando Xavier de Aquino	

Campina Grande-PB, 04 de agosto de 2021.

Dedico a primeira parte dessa dissertação às rezadeiras Júlia Neco e Noquinha, em gratidão por ter tido seu ramo sobre mim, à Maria Tereza de Sousa in memória, que foi parteira e rezadeira, e à minha mãe Rosemira Maria de Sousa que sempre me incentivou. A segunda em especial à senhora Maria Alves “dona Didi”, que foi não só a inspiração para esse trabalho, mas também memorialista para esse trabalho, e que infelizmente veio a falecer durante as pesquisas. Que o trabalho dessas mulheres seja lembrado por todas as gerações, que mesmo no ceio do Pai sua voz não seja silenciada, e seus exemplos sejam passados as outras gerações que virão depois de si. Que já mais seja esquecida por seus filhos, seus netos e seus bisnetos, que sua fé nos inspire. Também de forma especial dedico esse trabalho a Renato Felipe Alves, meu aluno/amigo que perdi durante a pandemia, pelo sonho compartilhado de se formar em História. Saudades eternas.

AGRADECIMENTOS

A gratidão se estende de forma tão intensa a tantos, que esse pedaço de papel se torna pequeno para caber palavras, e nomes de pessoas que foram tão úteis nessa longa jornada, que foi concluir o mestrado, quero iniciar os meus agradecimentos pela minha mãe que esteve presente durante esse difícil percurso, espero que ela esteja alegre por ser analfabeta, e por isso não ter nem pego na mão de seu filho para lhe ensinar as primeiras letras, mas que hoje vê seu filho formado, e também a toda minha família. Quero agradecer a todos os meus professores do programa. Aquele menino bobo que entrou na universidade sem saber o que era um artigo científico hoje se torna mestre em História, agradeço os saberes compartilhados.

Quero agradecer a todos os que trabalharam juntos comigo nessa pesquisa menciono Alex Alves, que me indicou muitas das rezadeiras que eu entrevistei, e cedeu duas obras suas para a bibliografia, à minha equipe de fotografia Emanuely, Victoria, Juliana. Grato por tudo.

Quero agradecer a cada entrevistado que me permitiu mergulhar em suas memórias, que compartilhou comigo suas experiências de vida, agradeço a confiança que tiveram em mim, quero agradecer ao atual prefeito Marcos Alves e sua Esposa Vânia Paula pelo incentivo que vem me dando até esse momento, e as senhoras Aída e Menininha que me acolheram na casa de apoio, e a todos os meus alunos, estou aqui também por vocês. Também não poderia deixar de mencionar aqui ao programa de mestrado que aceitou minha sugestão de pesquisa, espero que ela venha a somar no programa e a CAPES, meu orientador José Júnior por dividir a honra de compor esse texto comigo e a todos da banca que irão avaliar o mesmo, aguardo também vossas contribuições nesse processo. Muito obrigado a todos e todas. Agradeço a todos da linha I de Cultura e cidade que no início trilhei nela, especialmente a Keila Queiroz que foi minha orientadora quando eu participava dela.

RESUMO

O ofício de partejar/rezar demonstra a herança ancestral do ser humano de se relacionar com o próximo, se destaca como uma experiência de dádiva “à troca, e que ainda hoje superem em parte a noção de interesse individual” (MAUSS, 1974, p.188), em meio às dificuldades e desafios nos percursos de moradores de um pequeno município com políticas públicas de saúde frágeis. Em Salgadinho, o ofício está presente desde a fundação do município, em função disso, podemos ressaltar que a história desse lugar está entrelaçada com as memórias de parteiras, filhos e parturientes do município, no campo e na cidade. Diante do exposto, evidenciamos nesse trabalho, as importantes contribuições das mulheres para a formação da sociedade salgadinhense, trabalhando com a história oral local, com a reflexão sobre os papéis da memória (HALBWACHS; 2003), e por meio desses buscar as práticas e representações (CHARTIER; 1990), neste município para a formação da identidade cultural e religiosa local. Mergulhamos nas narrativas das trajetórias dessas mulheres cuidadoras, descobrindo seus saberes, suas práticas, seus meios de se relacionar com o sagrado, tendo como recorte temporal o período no qual as práticas adotadas por elas no exercício do ofício foram mais intensas, de 1960 a 1980. O trabalho de campo com coleta de depoimentos orais foi realizado nas residências dessas mulheres localizadas nas diversas comunidades que formam o município de Salgadinho – PB, utilizamos a metodologia da História Oral, e por meio de entrevistas tecemos as memórias individuais e coletivas dessas mulheres, dando visibilidade aos relevantes papéis sociais e ao poder simbólico das parteiras e rezadeiras de Salgadinho, no percurso de vida de muitas famílias locais, assumindo um poder de vida e de morte sobre os corpos de mulheres e crianças salgadinhenses.

Palavras-chave: Parteira, rezadeira, sagrado feminino

SUMMARY

The job of giving birth / praying demonstrates the ancestral heritage of the human being in relating to the others, it stands out as an experience of largess “to the exchange, and that even today partly surpasses the notion of individual interest” (MAUSS, 1974, p .188), midst of difficulties and challenges in the paths of residents of a small municipality with fragile public health policies. In Salgadoinho the office has been present since the founding of the municipality, as a result we can emphasize that the history of this place is intertwined with the memories of midwives, children and parturients of the municipality in the countryside and in the city. In view of the above, we show in this work, the important contributions of women to the formation of the society Salgadoinho, working with local oral history, in this municipality. We immerse ourselves in the narratives of the trajectories of these women caregivers, discovering their knowledge, their practices and their means of relating to the sacred, taking as a time frame the period in which the practices adopted by them in the exercise of their profession were more intense, from 1960 to 1980. The fieldwork with testimony collection was carried out in the homes of these women located in the different communities that make up the municipality of Salgadoinho - PB, we used the methodology of Oral History, and through interviews we weave the individual and collective memories of these women, giving visibility the relevant social roles and the power of the midwives and prayers of Salgadoinho, in the life trajectory of many local families, assuming a life and death power over the bodies of women and children in Salgadoinho.

Keywords: Midwife, prayers, sacred feminine

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:	15
CAPITULO I: A ESCRITA DO LUGAR	28
1.1 SALGADINHO: O SONHO DE DOMINGOS PASCOAL	28
CAPITULO II: FOI DEUS, NÃO FOI EU NÃO: MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DAS PARTEIRAS E DAS REZADEIRAS	44
2.1. MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DO PARTO PELA PARTEIRA	46
2.2. A PRIMEIRA MÃE QUE ELES VIRAM PRIMEIRO FOI À PARTEIRA: MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DAS PARTEIRAS PELA COMUNIDADE	49
2.3. UMA PESSOA QUE SABIA AMAR O PRÓXIMO: MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DAS REZADEIRAS POR SI MESMA	53
2.4. ELA APAGAVA O FOGO COM A REZA: MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DAS REZADEIRAS PELA COMUNIDADE	55
CAPITULO III: O SAGRADO SECRETO DAS PARTEIRAS	59
3.1. MÃOS QUE PEGAM: O PERFIL DAS PARTEIRAS DE SALGADINHO	59
3.2. “AS MÃES DAS MÃES”: AS PARTEIRAS DE SALGADINHO	63
3.2.1 Maria Alves dos Santos: mãe Didi	63
3.2.2. Iraci Maria de Gouveia: mãe Irací	65
3.2.3. Luisa Paulina de Medeiros: mãe Luisa	67
3.2.4. Maria Francisca de Jesus: mãe Dondon	68
3.2.5. Maria Tereza de Sousa: dona Maria	69
3.2.6. Maria Josefa de Conceição: Maria de Lourdes	71
3.2.7. Severina Maria do Maia: Dona Nininha	72
3.2.8. Maria José da Silva Salviano: Dona Menininha	75
3.3. RITUAIS DAS PARTEIRAS DE SALGADINHO	77
3.3.1. Rituais de adivinhação do sexo do bebê	77
3.3.2. Rituais de passagem no parto	79
3.3.3. Rituais de separação e de adivinhação do futuro da mãe.	81

3.3.4. O ritual de limpeza e proteção da criança: momentos de maternagem da parteira.	83
2.3.5 O ritual de “limpeza” para a mulher “desocupar”	84
3.3.6. Ritual de “ligação”: emborcando o útero	85
3.3.7. Rituais de cura do coto umbilical	86
3.3.8. Rituais para influenciar o futuro da criança: os cuidados com o cordão umbilical	87
3.3.9. Rituais de separação: o resguardo da mulher	89
3.3.10. Rituais de cura do resguardo “quebrado”	90
3.4. AS REZAS DAS PARTEIRAS: VALEI-ME MÃE DE DEUS!	92
3.4.1 Rezas antes do parto: se preparando para o momento	93
3.4.2. Rezas durante o parto: clamando ajuda para vencer a dificuldade	94
CAPITULO IV: AS “DONAS” DO PODER: O SAGRADO SECRETO DAS REZADEIRAS	96
4.1 O PERFIL DA REZADEIRA COMUNITÁRIA	96
4.2. EIS O MISTÉRIO DA FÉ: AS REZADEIRAS DE SALGADINHO	100
4.2.1. Judite Job: dona Judite	100
4.2.2. Rita Nogueira: dona Rita	102
4.2.4. Inácia Dias Alves: dona Inácia	105
4.2.5. Josefa Pereira: Dona Deta	106
4.2.6. Maria do Carmo: dona Carminha	107
4.2.7. Maria Júlia Bezerra: dona Júlia Neco	109
4.2.8. Maria Santana de Bezerra: dona Noca/Noquinha	110
4.3. COM O PODER NAS MÃOS: RITUAIS, REZAS E INSTRUMENTOS DE CURA	112
4.3.1. O ritual e reza de cura do “olhado”, “amorto”, e “quebranto”	114
4.3.2. O ritual e reza de cura de “ventre caído”	118
4.3.3. O ritual e a reza de cura de “raios de Sol” e de “Lua” e “dor de cabeça”	119

4.3.4. O ritual e a reza de cura do “mal de monte” ou “mal vermelho”	121
4.3.5. O ritual e a reza de cura de dor de “<i>ritrosidade</i>”	122
4.3.6. O ritual e a reza de cura de “espinhela caída”, “peitos abertos” e “arcas emborcadas”	123
4.3.7. O ritual e a reza de cura de “mijada de arranha”	125
4.3.8. O ritual e a reza de cura de carne “triada”, “osso desconjuntado” e “nervo torto”	126
4.3.9. O ritual e a reza de cura de “mordidura” de cobra	128
4.3.10. O ritual e a reza de cura de azia e engasgo	129
4.3.11. O ritual e a reza de cura de argueiro	129
4.3.12. O ritual e a reza de cura da língua	130
4.3.13. O ritual e a reza de cura de dor de dente	131
4.3.14. O ritual e a reza para amarrar cobra e de proteção contra os inimigos	132
4.3.15. O ritual e a reza de batismo dos inocentes das rezadeiras	134
4.3.16. O ritual e a reza contra pragas nas plantações	137
4.3.17. O ritual e a reza para apagar incêndios	138
4.3.18. O ritual e a reza para trazer de volta pessoa desaparecida	138
4.3.19. O ritual e a reza de cura de bicheira	138
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	140
BIBLIOGRAFIA:	143
FONTES ORAIS	151
APÊNDICES	152
ANEXOS	158

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Mapa da localização de Salgadinho -PB.....	29
Figura 2- Bandeira de Salgadinho-PB	34
Figura 3- Parteira dona Nininha e Parturiente Socorro no momento da entrevista.	48
Figura 4- Maria Alves, mãe Didi.....	633
Figura 5- Iraci Gouveia, mãe Iraci.....	65
Figura 6- Luisa Paulina, mãe Luisa	677
Figura 7- Maria Francisca, mãe Dondon	688
Figura 8- Maria Tereza, dona Maria	700
Figura 9- Maria de Tereza, dona Maria de Lourdes	711
Figura 10- Severina Maia, dona Nininha	723
Figura 11- Maria José, mãe Menininha	756
Figura 12- Coto umbilical	811
Figura 13 - Judite Job, dona Judite	1000
Figura 14 - Rita Nogueira, dona Rita.....	1022
Figura 15- Ester Mota, dona Ester	1033
Figura 16- Inácia Dias, dona Inácia	1055
Figura 17- Josefa Pereira, dona Deta	1066
Figura 18- Maria do Carmo, dona Carminha	1078
Figura 19- Júlia Bezerra, Júlia Neco.....	1099
Figura 20- Maria Bezerra, dona Noca/Noquinha	1101
Figura 21 - Carminha rezando de olhado	11508
Figura 22 - Dona Inácia rezando de raios de sol e lua na cabeça	1211
Figura 23- Dona Rita medindo a espinhela com o terço	1234
Figura 24 - Dona Inácia rezando de carne triada.....	1265
Figura 25- Pano depositado nos pés de N. S. das Graças no final da reza de carne triada .	1277

INTRODUÇÃO:

O objetivo principal desse trabalho é, analisar as práticas culturais adotadas pelas parteiras, e também pelas rezadeiras, que estiveram atuando no município de Salgadinho-PB. Situamos essa pesquisa na época que, se inicia em 1960 e termina em 1980. Escolhemos esse recorte temporal, porque foi durante a década de 60, que esses dois foram mais procurados na localidade, seguindo depois dessas décadas uma decadência, por motivos que apontaremos mais adiante. Percebemos aqui como essas mulheres foram importantes, para lançar as bases da sociedade em que vivemos hoje, de forma que, os dois ofícios em evidência, foram essenciais para garantir a existência, e continuidade da comunidade, o que tornou a atuação dessas mulheres a principal forma recurso disponível, assim, é impossível pensar a história da comunidade, sem narrar as contribuições dessas mulheres.

A escolha do tema, partiu da influência familiar, pois sou neto de Maria Tereza de Sousa, que foi parteira e rezadeira na comunidade de Olho D'Água, e também por ter crescido, em meio a esse universo mágico-religioso. Onde quando eu ficava doente, minha mãe me levava à casa de tia *Noca* ou à de tia Júlia para rezar. Percebemos aqui que, num contexto onde o acesso a médico, posto de saúde, enfermeira e hospital, era difíceis, foram essas mulheres que por meio da fé trouxeram alívio as parturientes no caso das parteiras, e conforto para as pessoas que sofriam no caso das rezadeiras. Percebemos aqui o quão importante foi a atuação dessas mulheres na vida comunitária local para manter a ordem social.

Fazer a abordagem da temática feminina em uma produção acadêmica não é algo fácil, já que o referencial de estudo foi colocado nos bastidores da produção histórica durante muito tempo. Hoje embora já tenhamos muitas produções voltadas para as contribuições femininas na história, poucas são as que se voltam para o protagonismo das mulheres camponesas. Mas, buscaremos por meio dessa pesquisa, pôr em evidência as contribuições femininas campesinas para a formação tanto social, tanto cultural e religiosa, da identidade da comunidade, sendo assim, produziremos uma pesquisa “que reivindica a categoria mulheres como narradoras de histórias” (CAVALCANTE; 2011, p. 302).

Esses dois ofícios que estão em evidência aqui são manifestações da cultura das rezadeiras/parteiras “que articula uma concepção do mundo e da vida em contraposição aos esquemas oficiais” (BOSI; 2008, p. 78). Perceberemos esses ofícios como identidade de resistência não só dessas mulheres, mas também da própria comunidade, sendo essa identidade:

Criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica de dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo oposto a estes últimos (CASTELLS; 2002, p. 24).

Sendo assim, essas mulheres buscavam nessas práticas, uma forma de aliviar as dificuldades, pelas quais passava a população local, ora recorrendo aos conhecimentos sobre uso de ervas, ora se utilizando de rezas, que iremos abordar de forma detalhada mais adiante. Para isso usaremos o conceito de representação, definido por Chartier como:

As percepções do social, não são de forma algumas discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio (CHARTIER; 1990, p. 17).

Trataremos de buscar essas representações do social por meio da memória da população da comunidade, já que percebemos que a atuação das parteiras/rezadeiras foi tão útil, que muitas famílias têm marcadas em suas lembranças a presença de uma, e até mesmo das duas, pois estiveram recorrendo a sua ajuda no momento da dificuldade, neste sentido:

O conceito de memória é crucial. Embora o presente ensaio seja exclusivamente dedicado a memória tal como ela surge nas ciências humanas, fundamentalmente na história e na antropologia, e se ocupa mais da memória coletiva que das memórias individuais, é importante descrever sumariamente a nebulosa memória no campo científico global.

A memória, como prioridade conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode utilizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passada. (LE GOFF; 2003, p. 419).

Memória essa buscada por meio dos relatos orais, não só colhidas com as parteiras, e as rezadeiras que desejaram participar da pesquisa, contribuindo com seus depoimentos, já que algumas se recusaram, mas também com as pessoas da comunidade e familiares delas, que durante o período em estudo estiveram recorrendo ao saber-fazer (CERTEAU; 2014) dessas mulheres. Nessa perspectiva, esse conceito certeuniano se torna imprescindível em nossa pesquisa, pois foi por meio desses saberes que essas mulheres deixaram seus nomes gravados na memória da comunidade. Vale ressaltar também, que esse saber é um patrimônio cultural imaterial, por nos remeter a uma herança cultural ancestral que permanece em circularidade nas diferentes gerações de mulheres no referente ao saber partejar e saber curar. Diante do exposto, nessa pesquisa:

Recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós (HALBWACHS; 2003, p. 29).

Ao tomarmos como referencial de pesquisa a cultura das rezadeiras/parteiras, percebemos que essa está cheia de atores sociais variados entre eles as rezadeiras, como podemos perceber pelo relato da escritora Maristela Oliveira de Andrade, quando ela escreve que:

...esse tipo de crença é ainda muito forte na mentalidade coletiva no Brasil, identificada, sobretudo como superstição do meio rural, onde a figura da benzedeira ou rezadeira é muito popular e requisitada para rezar as pessoas para afastar o “mau olhado” que acredita-se provocar inúmeras doenças, particularmente em crianças indefesas (ANDRADE; 2000, p. 30).

As parteiras também fazem parte desse universo cultural, pois seu ofício é resultado de uma mescla de conhecimentos adquiridos com a prática diária, que envolvia a manipulação de ervas associadas a recitação de rezas, que eram feitas durante o parto, temos aqui um intenso hibridismo cultural que marca essa religiosidade. Foram elas, fazendo uso desses conhecimentos, as responsáveis por trazerem ao mundo os primeiros moradores locais da comunidade:

A parteira tradicional é aquela que presta assistência ao parto domiciliar e que é reconhecida pela comunidade como parteira. Originalmente adquire suas aptidões fazendo partos por conta própria ou após aprender o ofício com outras parteiras. A formação de quase todas foi na prática, no embate com a falta de

assistência às mulheres, estimuladas pelo desejo de servir, pela curiosidade, pela necessidade de trabalhar. Parteiras fazem mais do que partos, são conselheiras, curadoras das famílias e dos necessitados. Pessoas que detêm saber essencial na sobrevivência de sua comunidade. (NASCIMENTO *et. al.*; 2009, p. 320).

Por meio das duas citações acima, percebemos, como foi importante, a atuação dessas mulheres na sociedade, para garantir o bem-estar das pessoas, com o ramo na mão, rezando e curando as enfermidades, ou sem nada, auxiliando a parturiente e pegando o nascituro. É nesse universo do sagrado, selvagem feminino que iremos percorrer, salientando que “*selvagem* neste contexto não é usado em seu atual sentido pejorativo de algo fora de controle, mas em seu sentido original, de viver uma vida natural, uma vida em que a criatura tenha uma integridade inata e limites saudáveis” (ESTÉS; 2018, p. 21).

Esse conceito de selvagem nos é muito útil, pois, estamos falando de conhecimentos que não são intermediados por uma instituição oficial, fato que vai garantir uma pluralidade de saberes, esses saberes eram uma ponte, entre esse conhecimento primitivo, ancestral e selvagem e a comunidade, entre o passado e o presente, entre a doença e a cura, entre o divino e o humano; como salienta Desroche na introdução do livro *Sagrado Selvagem*:

...o sagrado “selvagem” em oposição ao sagrado doméstico e, nesta pista, o sagrado enquanto “religião viva”, encerrada em sua contestação das religiões “em conserva”. Esse movimento se declarou já a partir das primeiras linhas de sua obra, não sem referência lateral a famosa distinção das religiões “fechadas” e “abertas” (DESROCHE *Apud* BASTIDE; 2006, p. 8-9).

Em se tratando de religião, vamos analisar os rituais usados por essas mulheres, percebendo que, ao contrário dos rituais eclesiais, esses aqui não seguem uma forma ditada pela instituição religiosa, sendo que por isso eles podem variar, mesmo sendo executado no mesmo espaço social, esses rituais foram adotados por elas durante o exercício do ofício de partejar/rezar, através deles percebemos que:

Esses rituais são reencenações do passado, atos de memória, mas também tentativas de impor interpretações do passado, formar a memória, e assim construir a identidade social. São, em todos os sentidos, representações coletivas. (BURKE; 2000, p. 75).

Sendo assim, compreender esses rituais torna-se muito importante para podemos perceber o saber-fazer dessas mulheres e como elas eram percebidas na comunidade, considerando-se que:

O rito não é da ordem do acessório, mas é modalidade de ser e de exprimir-se que medeia expressivamente, despertando as realidades silenciosas da fé: comprometendo o homem e o cosmo, nas articulações de toda ‘a linguagem’ verbal e não verbal. (BARCELOS; 2014, p. 51).

Além dos rituais (gestos simbólicos), temos também as rezas (falas simbólicas), que são usadas pelas duas categorias aqui abordadas, tanto no ofício da cura das pessoas pelas rezadeiras, como também nos rituais de passagem usadas pelas parteiras. Que vão recorrer a esses recursos para conduzir o parto, e garantir que tudo ocorra bem com a parturiente e o nascituro. Essas rezas são de fundamental importância para entendermos a mentalidade mágico-religiosa coletiva comunitária, pois segundo a crença popular essas rezas são percebidas como uma como fórmulas eu se recitadas corretamente garantiriam a cura de quem estava pedindo a ajuda das recitantes.

Embora no pensamento da comunidade identificamos, que essas orações podem ser feitas também para o mal da pessoa, as parteiras e as rezadeiras locais, só fizeram uso dessas rezas para o bem, segundo afirmaram algumas em entrevistas. É tanto que algumas durante o diálogo, se mostraram incomodadas, com esse tipo de questionamento e fizeram questão de afirmar que “o seu negócio era com Jesus e não com o outro” como vamos perceber mais adiante.

Essa pesquisa foi realizada por meio do uso das fontes orais, já que quase todas as parteiras e todas as rezadeiras aprenderam esse ofício por meio do ouvir e do ver, identificamos aqui “o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens de forma concisa, com a autoridade da velhice” (BENJAMIN; 1985, p. 115) e depois de um tempo, geralmente depois da morte de quem ensinou, ela passou a substituir essa, na comunidade. Percebemos aqui o lugar de autoridade religiosa ocupada por essas mulheres na comunidade e mesmo assim, elas não aparecem nas fontes escritas locais, por isso recorreremos as fontes orais para basear nossa pesquisa. Recorreremos ao recurso metodológico da entrevista temática com o objetivo de direcionar seus depoimentos para extrair o máximo de informações possíveis.

Essa pesquisa se iniciou antes da pandemia, porém durante ela tomamos todas as medidas necessárias para proteger nossas e nossos participantes. Trabalhamos com as

narrativas de um grupo de mulheres com idades em 50 e 80 anos que foi parteira ou rezadeira na comunidade esse é nosso critério de inclusão na pesquisa.

As parteiras são: Maria Alves dos Santos, conhecida como mãe Didi, morou na comunidade do Cedro; Maria Josefa de Conceição, conhecida como Maria de Lourdes; Luisa Paulina de Medeiros, conhecida como dona Luisa, e Maria José da Silva conhecida como dona Menininha que moravam na sede do município; Irací Maria de Gouveia, conhecida como mãe Irací, morava na comunidade de Umbuzeiro; Severina Maria do Maia, conhecida como dona Nininha; e Maria Francisca de Jesus, conhecida como dona Dondon, ambas atuaram na comunidade do Bonfim; Maria Tereza de Sousa, conhecida como dona Maria, morava no Olho D'Água.

Lembrando que todas essas parteiras com exceção da senhora Maria José da Silva, tiveram suas histórias narradas na minha monografia da graduação: *Cortando fios de vida, tecendo histórias de afeto: memórias e saberes das parteiras de Salgadinho – PB (1970-1980)*. Mas com a continuidade das pesquisas, uma nova abordagem surgiu, pois enquanto na monografia focamos no cotidiano das parteiras, que vai do seu chamado ao batismo, que era uma forma de agradecimento das parturientes a sua parteira, aqui nessa dissertação, daremos ênfase aos usos feitos por elas, no que diz respeito aos rituais executados pelas parteiras durante o parto, analisando suas rezas, seus rituais, os santos invocados nesse momento, enfim, o simbólico que envolve esse ofício que, por sua vez é muito semelhante ao da rezadeira.

No que diz respeito às rezadeiras aqui abordadas, estas são: as irmãs Maria Bezerra, conhecida como dona Noca, e Maria Santana, conhecida como dona Júlia Neco, residiam em Olho D'Água e já faleceram. Foram elas que inspiraram o interesse em incluir esse saber na pesquisa, além de outras mulheres rezadeiras locais, como: a senhora Ester Mota que mora no Olho D'Água e ainda reza atualmente; Judith Job que mora na sede do município e ainda atua; e as senhoras Inácia Dias, Rita Nogueira, Josefa Oliveira, e Maria do Carmo Oliveira; conhecida como dona Carminha, essas moram e ainda atuam em São José. Essas rezadeiras não tiveram suas histórias abordadas em nenhuma pesquisa histórica até agora. Neste sentido, consideramos que:

A História de um grupo humano é a sua memória coletiva e cumpre a respeito dele a mesma função que a memória pessoal num indivíduo: A de dar-lhe um sentido de identidade que o faz ser ele mesmo não outro. Daí a sua importância. Porém convém

compreender qual é a natureza da memória. As nossas recordações não são os restos descoloridos de uma imagem fotográfica que reproduz fielmente a realidade, mas sim uma construção que fazemos a partir de fragmentos de conhecimentos que já eram, na sua origem, interpretações da realidade e que, ao voltarmos a reuni-los, reinterpretemo-lo a luz de novos pontos de vista. (FONTANA; 1998, p. 267).

Essas mulheres, como dois grupos distintos, mas com relação entre si, desempenharam durante os anos estudados, o ofício de parteira ou de rezadeira no município de Salgadinho, portanto suas experiências de vida se tornam de máxima importância para nós. Tendo em vista que, a partir das histórias dessas mulheres registramos as contribuições dessas na construção da comunidade local. Percebendo que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que este mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com os outros ambientes” (HALBWACHS; 2003, p. 69).

Percebemos, que por meio da análise do modo dessas mulheres se relacionarem não só com o sagrado, mas também com as pessoas que buscavam seus conhecimentos nos momentos de dificuldade que a vida lhes oferecia, podemos extrair através deles aspectos sociais, econômicos, culturais, e mentais de uma época. Nesse sentido, isso nos trouxe a possibilidade de analisar as representações que as mulheres construíram de si mesmas, umas das outras, e também da própria comunidade por meio das experiências, e dos rituais usados no ofício de partejar e de rezar, com isso vamos “produzindo um alargamento do discurso historiográfico” (RAGO; 1995, p. 81). Trazendo ao cenário da história do município as contribuições femininas para a formação da identidade social.

Percebemos essas mulheres, como protagonistas de suas histórias, narradoras de suas experiências, donas de um poder simbólico que excedeu o do seu parceiro, nos fazendo os seguintes questionamentos: exerceram as mulheres uma função de importância social aqui em Salgadinho? Qual foi essa função? Quais suas práticas? Sua área de domínio? Como a sociedade percebeu essa função? Como era sua relação com o sagrado? Quais são os seus rituais, e suas rezas? Quais as contribuições dessas rezadeiras e dessas parteiras no concernente à construção de uma memória coletiva em Salgadinho? Enfim é nesse mundo do sagrado feminino que nossa pesquisa irá percorrer, percebendo que “a dimensão pessoal e coletiva do indivíduo, cuja sensibilidade se expressa em relação à dimensão espiritual, que apesar de sofrer alterações de tempos em tempos, é sempre contemporânea” (ALMEIDA; 2017, p. 113).

Essas mulheres eram movidas pelo sentimento altruísta de servir “num curioso estado de espírito, no qual se misturam o sentimento dos direitos que ele possui e outros sentimentos mais puros – de caridade, de “serviço social”, de solidariedade. Os temas da dádiva, da liberdade e da obrigação na dádiva, da liberdade e do interesse que há em dar” (MAUSS; 1974, p. 298). Isso fica explícito no desenvolvimento do ofício, pois muitas delas se consideram chamadas por Deus, para exercer sua função tendo assim “a obrigação de dar” (*Op. Cit.*, p. 243), sua dádiva sem receber algo em troca. Percebemos isso quando elas foram perguntadas sobre cobranças pelos seus serviços, muitas falaram que “não pode se vender a palavra de Deus” ou que “devemos dar de graça o que de graça recebemos”. Não queremos afirmar com isso que nada elas receberam em troca, mas que elas não mercantilizaram seus saberes impondo um preço. Esses ofícios eram vistos como um:

...seguro comunitário contra o infortúnio individual, ou à reformulação dessas provisões – outrora vistas como uma obrigação fraternal sem discriminações, e um direito universal – como caridade da parte “dos que estão dispostos” dirigida “aos que tem necessidades” (BAUMAN; 2003, p. 57).

Por meio desse trabalho, vamos perceber como essas mulheres conquistaram o poder na sociedade já que “A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça” (BOURDIEU; 2016, p. 22 e 24), e garantiram seu lugar na dinâmica da sociedade.

Percebemos que essas mulheres, as parteiras/rezadeiras sofreram um triplo preconceito; primeiro o social, por se tratarem de mulheres em uma sociedade machista; o segundo foi o médico, por ter seus saberes reduzidos a meras superstições e crendices que só servia para iludir as pessoas que as procuravam; e por último o preconceito religioso, por terem seus saberes associados a feitiçaria e as práticas diabólicas. Sendo assim, iremos perceber como essas mulheres nesse meio conquistaram o poder simbólico, chegando a serem até mais reconhecidas que os homens, e até mesmo procuradas por esses nos momentos de dificuldade, seja de doença ou de nascimento de um filho. Nossa pesquisa se situa temporalmente em um momento de emergência da história das mulheres onde:

O XX é chamado de “o século das mulheres” em razão das transformações aceleradas que propiciou à experiência feminina. Foi uma época de ampliação de direitos e oportunidades e de mudanças, tanto na qualidade de vida das

mulheres, quanto no imaginário coletivo. (PINSKY; PEDRO, 2013, p. 9).

Para que esse trabalho se torne possível vamos fazer uma abordagem sobre a cultura, pois os dois ofícios aqui em evidência se constituem em manifestações culturais. Aqui iremos perceber a cultura como:

O significado mais simples desse termo afirma que a cultura abrange todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo. Ou seja, em outras palavras, cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até idéias e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica. (SILVA; 2009, p. 85).

As parteiras/rezadeiras conferiram a comunidade uma identidade pois “A cultura, no amplo conceito antropológico, é o elemento identificador das sociedades humanas” (SOUZA FILHO *Apud* IPHAN; 2013, p. 71). E as parteiras e as rezadeiras durante o exercício de suas atividades demonstraram como os aspectos culturais de um povo e de uma época podem determinar as ações de um grupo, percebemos que esses dois ofícios foram uma forma de resistência social, pois “...a sobrevivência constitui sempre uma resistência, isto é, a expressão da recusa em deixar-se desapropriar dos instrumentos de produção religioso” (BOURDIEU; 2007, p. 45).

Embora tenha sido intensa a contribuição dessas mulheres, percebemos na administração política da comunidade não tenha nenhuma ação política institucional para o reconhecimento das práticas desenvolvidas por elas, para serem reconhecidas como manifestações do patrimônio imaterial local, e isso é reflexo também do pensamento nacional que é descompromissado com o patrimônio no geral, porém esse tem uma forte influência na formação da identidade comunitária local, pois:

O patrimônio tanto vinculado aos saberes, às habilidades, às crenças, às práticas, enfim, ao modo de ser das pessoas, como aos aspectos tangíveis dos bens culturais. Tomados em conjunto ou individualmente, os bens culturais que compõem o acervo patrimonial brasileiro manifestam a existência de lugares sociais diferentes que possuem a capacidade de construir um processo de identificação com a experiência vivida por outros sujeitos em outros tempos. Nesse sentido, a narrativa histórica com ênfase no local é um importante elemento de constituição das identidades uma vez que apresenta a vivacidade das memórias

suprimidas ou incorporadas à história dita oficial (VIANA; 2016, p. 55-56).

Em Salgadinho, essas mulheres eram sábias cuidadoras, para a comunidade, existia confiança e legitimidade no que diz respeito a estas, e suas artes de partejar e rezar. Na mentalidade da população local, elas eram detentoras do poder sobrenatural, sacerdotisas capazes de intermediar a ligação entre o necessitado e a divindade que era invocada em seus rituais. Percebemos que nessa pesquisa magia e religião se fundem de uma forma que não podemos separar as duas, já que:

No senso religioso contemporâneo, o fenômeno da magia atrelado ao íntimo contato entre religião e magia, aponta para a reconfiguração dos agentes religiosos. É plausível pensar que houve uma apropriação do simbolismo entre os grupos – magos e religiosos. Houve, de fato, uma transformação; contudo, a cultura não se perdeu na essência, sobretudo a religião revela não ter perdido seu íntimo contato com a magia na contemporaneidade. (ALMEIDA; 2017, p.117).

Analisamos a crença de um grupo de mulheres, que foram agentes históricos em Salgadinho das décadas de 60 a 80, que por meio desse ofício, atuaram na construção e preservação da sociedade na qual elas estavam inseridas, lembrando que essas mulheres atuaram tanto no meio urbano como no rural e como essa crença era percebida e narrada pelos moradores locais que acreditavam que em suas mãos estava a cura para as doenças, no caso das rezadeiras, e a vida, no caso das parteiras.

Apesar da temática feminina estar em amplo debate atualmente, há ainda muito a ser escrito sobre elas. Devido à emergência de uma corrente que se dedica a abordar, a presença das mulheres como agentes ativos na história. Buscamos perceber as mulheres nesse campo de trabalho, por meio de sua sabedoria, bem como desvendar as táticas sociais desenvolvidas por elas, sendo essas definidas por Certeau como a “arte do fraco” (CERTEAU; 2014, p. 95), uma vez que dois ofícios, estão atrelados a sobrevivência da comunidade, e a parteira/rezadeira era vista como um barco resgatando o naufrago boiando no mar concedendo alívio até que ele pise na terra firme.

Tratamos de investigar rostos escavados pelo tempo, adotamos as perspectivas das madrinhas, das comadres, das donas, das mães de umbigo, como assim ficaram conhecidas essas mulheres que buscaram, por meio de sua sabedoria ancestral se sobressair, onde não tinham nem um tipo de assistência de saúde e de espiritualidade, isso

demonstrando o ofício de rezar e o de partejar como uma manifestação da cultura já que “quando desejamos compreender a cultura das classes percebemos que ela está ligada à existência e à própria sobrevivência destas classes” (BOSI; 2008, p. 15).

Essas protagonistas apresentadas nesse trabalho demonstraram atos de coragem ao sair de casa à noite, para atender quem necessitava de ajuda; força de vontade ao percorrer longas distâncias a pé, até a casa das pessoas; sabedoria ao contornar as dificuldades com as quais se deparavam no exercício do ofício e abnegação ao fazer tudo de forma voluntária, não cobrando por seus serviços. Muitas delas apesar do não conhecimento teórico demonstravam na prática o seu saber. Buscamos discutir aspectos espirituais nos rituais do parto e nos rituais de cura, por meio das suas rezas, pois a parteira e também a rezadeira como uma sacerdotisa, vai aos pés do sagrado interceder pelos outros e mesmo não tendo o reconhecimento da instituição religiosa oficial, a comunidade tinha com elas uma relação de proximidade e confiança.

A dominação masculina é algo que passa do econômico, atinge o social chegando às páginas da história, mas mesmo em meio a essa dominação masculina as mulheres traçaram táticas e por meio de seus saberes deixaram suas marcas na história. Aqui elas eram percebidas como matriarcas da comunidade. É exatamente essa análise que iremos fazer nesse trabalho, da mulher que é protagonista de sua história.

A história inseriu em suas pesquisas temáticas grupos sociais que antes não faziam parte de seu interesse, devido ao predomínio na história de um pensamento “falocrata” (PERROT; 1988, p.186), o qual privilegiava os atos dos homens, por esses ocuparem os lugares políticos e econômicos, e que decidiam os rumos que a sociedade tomava, restando às mulheres o silêncio histórico.

No século XIX, com a ascensão do modelo de história positivista com seu interesse por temáticas públicas e políticas que acabou colocando no anonimato as mulheres em suas produções, pois na construção da mesma tinha preferências por fontes oficiais onde as mulheres raramente aparecem. A escola dos *Annales* que se voltava para a história dos seres vivos e concretos, embora não incorpore as mulheres em suas produções contribuiu para que isso acontecesse futuramente.

Com o marxismo através da corrente revisionista que vem a assumir como objeto de estudo as massas populares, entre elas as mulheres, faz uma abordagem da trajetória feminina na história. Mas foi com o movimento feminista nos anos 60, nos Estados

Unidos que a história das mulheres ganhou um impulso maior (SOIHET; 1997, p. 275-276).

Esses estudos se espalharam pela Europa e isso só foi possível, segundo Michelle Perrot, devido a três fatores: primeiro o científico, com a influência da antropologia e a demografia histórica que passam a trabalhar com temas como a família e o corpo, assuntos de domínio feminino; em segundo estão os fatores sociais que com a presença das mulheres na universidade, proporcionou a essas o direito de escreverem a própria história, e finalmente o fator político, onde as mulheres passaram a lutar por seus direitos, saindo por meio dessa luta dos bastidores da história (PERROT; 2016, p.19-20).

A onda feminina chega ao Brasil na década de 70 e uma historiadora dedicada a essa perspectiva de história das mulheres é Mary Del Priore que organizou o livro *História das Mulheres no Brasil*, no qual ela reuniu uma gama de textos que fazem uma abordagem diversificada das mulheres. Temos nessa obra textos que tratam das mulheres indígenas nos tempos pré-coloniais até as mulheres no mundo contemporâneo.

No contexto paraibano no que diz respeito às rezadeiras temos os trabalhos *Entre Ramos de Poder: rezadeiras e práticas mágicas na zona rural de Areia-PB*, escrito por Andrea Carla R. Theotônio e outro de título: *Entre o Dito e o Escrito: história e memória das rezadeiras e da comunidade de Junco do Seridó PB*, escrito por Franciel dos S. Rodrigues que serviram de base para nossa pesquisa sobre rezadeiras em Salgadinho, e sobre parteiras temos o trabalho *Entre o Parto e a Benção: memórias e saberes das mulheres que partejam* de Degiane da S. Farias e a outra de título: *Com o Poder de Deus nas Mãos: concepções das parteiras acerca da vivência do parto numa perspectiva espiritual* escrita por Luna M. Maia.

A metodologia de pesquisa que desenvolvemos foram entrevistas, sendo mediadas por pessoas que conheciam essas mulheres. Demos ênfase aos relatos orais gravados em vídeo e áudio, com o fim de descobrir aspectos do cotidiano dessas mulheres, já que “a fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas à historiografia, pois o historiador, muitas vezes, necessita de documentos variados, não apenas os escritos”. (MATOS; SENA, 2011, p. 95).

Mesmo ainda tendo uma resistência ao uso dessa fonte no meio acadêmico sobre esse uso, Pollack nos diz que “...a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta” (POLLACK; 1992, p.

202). Essa metodologia vem sendo “instrumento dos mais adequados para registrar a memória feminina, na medida em que o acesso à escrita não se deu no mesmo ritmo dos homens” (SOIHET; 1997, p. 296), por isso quase não produziram documentos na perspectiva da memória e história oral como nos mostra Amado e Ferreira:

Na história oral, o objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes; a instância da memória passa, necessariamente, a nortear as reflexões históricas, acarretando desdobramentos teóricos e metodológicos importantes. (AMADO; FERREIRA, 2006, p.15).

Com o avanço de nossa pesquisa percebemos a necessidade do uso de imagem para passar para o leitor, o simbolismo dos diversos rituais executados no ofício, pois “as imagens têm o seu lugar ao lado de textos literários e testemunhos orais” (BURKE; 2004, p. 11). Quando fizemos as análises dos depoimentos percebemos que os rituais executados eram muito complexos para serem descritos no papel, tamanha riqueza de seus gestos. Para nos aprofundarmos nesses simbolismos pedimos as rezadeiras que rezassem. Durante a reza ela ia sendo fotografada, alguma aceitaram outras não, mas as imagens que produzimos serão usadas ao longo do texto para elucidar um pouco dessas práticas que é o nosso objetivo principal.

A dissertação se encontra dividida em quatro capítulos: No primeiro, A escrita do lugar, vamos fazer uma viagem dentro do contexto histórico em que as parteiras e rezadeiras se moveram, apontando as principais características dentro do social que impulsionaram o surgimento dessas práticas. No segundo, Foi Deus, não foi eu não: memórias e representações das parteiras e das rezadeiras trazemos ao nosso texto as narrativas orais tanto dessas mulheres como das pessoas que conviveram e convivem com elas.

No terceiro de título: O sagrado, secreto das parteiras, focamos na experiência do sagrado das parteiras e suas formas de atuação, levando em consideração que o sagrado das dessas mulheres é um patrimônio cultural imaterial e que a pesquisa significou um valioso passo para a elaboração de um arquivo local sobre essas memórias. No quarto capítulo, de título: As “donas” do poder: o sagrado secreto das rezadeiras, adentramos nas narrativas das representações dos moradores salgadinhenses beneficiados com as artes de rezar e partejar com relação a essas mulheres cuidadoras.

CAPITULO I: A ESCRITA DO LUGAR

Nesse capítulo, vamos fazer uma discussão sobre o lugar social em que as mulheres parteiras ou rezadeiras habitavam, apontando os fatores que fizeram com que as práticas, desenvolvidas por essas mulheres tivessem uma ampla adesão por parte dos moradores locais. Já na segunda parte, vamos analisar os depoimentos dos participantes para entendermos esse mesmo contexto por meio das suas narrativas, aqui elas se tornam especial, pois foram elas que vivenciaram essas experiências.

1.1 SALGADINHO: O SONHO DE DOMINGOS PASCOAL

Analisar a trajetória histórica do município foi um desafio para nós, já que, devido à falta de interesse pelos estudos em nível superior, poucos são os trabalhos, já produzidos, que se dedicaram a isso, e escassas são as fontes escritas para se fazer um estudo da localidade, sendo que no município temos apenas dois arquivos, sendo um da Prefeitura Municipal e outro da Câmara dos Vereadores, mesmo nesses dois arquivos há uma grande limitação, pois, além de se tratarem de arquivos voltados para as pessoas da política e da administração de Salgadinho, os mesmos iniciam os registros de suas atividades durante a década de 60, depois quando aconteceu a emancipação, e o arquivo da prefeitura sofreu um incêndio que destruiu toda documentação dos primeiros anos de administração, de forma que só temos lá registros recentes.

Em se tratando de trabalhos escritos, sobre a história da localidade, temos dois cordéis, escritos pelo poeta de São José, Alex Alves, o primeiro foi escrito com a colaboração de Fátima Medeiros de título *História de Nossa Terra*, o segundo dele foi dedicado à história de uma parteira, muito conhecida na localidade que ele mora, *Mãe Didi* é o título da obra.

Em se tratando de produção acadêmica voltada para a localidade, temos até agora, apenas duas, a primeira de 2015, produzida na UFCG de título, *A Seca de 1970 em Salgadinho - PB: sociedade, saque e migração*, produzida pelo historiador Juaci Santos, que faz uma abordagem sobre a seca de 1970 e seus impactos na sociedade; e a segunda

produção foi produzida na UEPB de título, *Cortando fios de vida, tecendo histórias de afeto: memórias e saberes das parteiras de Salgadinho, Paraíba (1970-1980)*, essa faz uma abordagem sobre as parteiras da localidade e sua atuação nas comunidades que formam o município.

O primeiro livro que faz uma abordagem, de um pouco da história local, em sua produção foi de 2020, produzido pelos historiadores Josinaldo Gomes e Ivo Fernandes, de título *Salgadinho Revelando Memórias: tecendo o fio da história*, está dividido em duas partes. Na primeira eles fazem uma abordagem sobre a formação do município, e a participação de personagens, como os tropeiros e os construtores da linha férrea durante a década de 50 e 60. Já na segunda parte é destacado o trabalho das parteiras com suas práticas culturais e sua importância na formação do município.

Da Pré-história do município sabemos pouco, pois não há estudos, mais aprofundados, sobre o assunto, feitos por um profissional da área de arqueologia, o que sabemos é que tem no município uma série de pinturas e gravuras rupestres espalhados por diversas propriedades nas comunidades do município.

Figura 1- Mapa da localização de Salgadinho -PB



Fonte: Raphael L. de Abreu.

No sítio Acauã temos a Pedra do Letreiro, com algumas gravuras e pinturas; em Serraria temos a Pedra da Santa e a Pedra da Moça, localizadas dentro da propriedade da família Leite; na sede do município, temos a Grotta do Morcego essa foi a única localidade estudada por um arqueólogo; na divisa do olho D'Água com o Bonfim, temos a Serra Talhada, que contém várias oficinas líticas. Em todos esses locais, tem vários vestígios

da passagem do homem primitivo que precisam ser estudados com mais cuidado por um especialista.

Já sobre a presença de nativos na localidade, temos também relatos. Acreditamos que, como o povoamento de Salgadinho, a sede do município se inicia em 1920, essa localidade foi refúgio para os nativos, que não quiseram se aliar aos conquistadores, isso devido às várias fontes de água que encontramos espalhadas pelo município, e o relato de índios presentes nesses locais, inclusive os moradores mais antigos acreditavam que as pinturas tinham sido feitas por eles. Essa presença de nativos na localidade é atestada também pelo relato de vários conflitos entre os brancos esses. O primeiro que se tem notícias, se deu na Pedra da Moça foi entre índios e moradores por causa de água, os índios que viviam perto dessa fonte eram temidos, pois segundo relato de moradores eles “comiam gente”. Segundo moradores antigos os nativos venceram nessa localidade.

Outro evento conflitivo como esse chegou até o nosso conhecimento por meio do diário de um morador antigo do sítio Bonfim da Batalha, o senhor Manuel Alves, que escreveu um diário, que foi depois impresso pela família com o título *A História de minha Vida*, em um dos trechos ele narra que:

Um dia os índios arranjaram uma intriga com ele por causa desses roubos e começaram a provocar ele, os índios iam lá perto da vazante dele e ficavam em cima de uma pedra insultando Estevão, eles levantam a tanga e diziam para Estevão vir beijar sua cuxa. Aí Estevão atirou neles e acabou acertando um. Como ele sabia que os índios eram valentes juntou um grupo e foi atrás dos índios antes que eles viessem atrás dele. (ARAÚJO; 2007, p. 7)

Pelo trecho acima podemos ter algumas conclusões, a primeira que no âmbito municipal, assim como em quase todo território nacional, a relação entre brancos e índios se deram de forma conflituosa, segundo que os nativos resistiram a essa ocupação, e em terceiro que eles eram muito temidos pelos brancos, notem no texto o destaque para valentia dos índios.

Segundo pesquisas locais, desenvolvidas pelo pioneiro no estudo da história local, o historiador e professor local Josinaldo Gomes, na sede do município o povoamento dessa localidade se inicia nos anos de 1920. Foi o senhor Domingos Pascoal, que fixou o primeiro alicerce de uma casa nesse ano. Ao vir morar no território de Salgadinho, o mesmo sobre à serra, da entrada da cidade e fixa uma cruz no alto dela, isso era um ritual comum, não só de posse, mas também de rogo a proteção de Deus para nova localidade.

Percebemos aqui como a mentalidade religiosa está presente na comunidade desde a sua fundação.

Logo após chegar nessa localidade, o mesmo doou as terras para construção da igreja local, dedicada à Nossa Senhora do Carmo e o cemitério local, chamado de São Domingos em homenagem e ele, sendo assim, temos mais ou menos como era a Salgadinho inicial. Início da rua casa de Domingos onde hoje é localizada a casa de Vêi de Galego, meio da rua a igreja e no fim dela o cemitério local. Sendo que até hoje o cemitério fica no fim da rua.

Mas como Salgadinho é um município amplo, acreditamos que o povoamento do município tenha começado muito antes, isso porque a história da sede, não é a história do resto do município, o registro mais antigo que se tem conhecimento da presença humana foi no sítio Bonfim da Batalha, veio por meio do diário de um morador local ele fala que: “Essa Serra da Batalha veio a ficar no limite das terras do meu bisavô, pai de meu pai, Félix Gomes de Araújo, dizia meu avô que ele comprou essa terra em 1880” (ARAÚJO: 2007, p. 7). Sendo assim o povoamento do município data ainda do século XIX.

A partir da década de 30, outras casas foram construídas, aumentando mais ainda, essa localidade e outras partes do município foram também povoadas, isso por causa das fontes de água que tinha espalhadas pelo município. Foi durante o ano de 1940 que o município sofreu uma grande transformação, na área de mobilidade, pois pela sua posição privilegiada entre Campina Grande e Patos, na década de 40, Salgadinho se tornou ponto de parada para caminhões, que faziam o transporte de produtos agrícolas para Campina Grande, sendo que o principal produto que liderava essas viagens era o algodão, sendo assim, de passagem pelo município esses motoristas fazia parada e se estabelecia no Hotel de dona Odete, ponto comercial de grande importância não só para a economia, mas também para a história do município.

Nessa década também começa o povoamento da comunidade de São José da Batalha, que se inicia em volta de uma fonte de água que foi cavada por Félix Gomes depois de rezar à Virgem da Conceição, devido a uma promessa feita, o mesmo construiu uma igreja no local, fato destacado para mostrar que a religião é bem presente inclusive na própria origem de algumas comunidades e a partir dessa fonte casas foram sendo construídas formando o povoamento.

Foi logo em seguida na década de 50 que Salgadinho vivenciou uma das maiores experiências da chegada do modernismo em seu solo, que foi, a construção da via férrea que ligava Campina Grande a Patos e passava pela região, fato que gerou vários empregos locais e trouxe para localidade várias pessoas para morar e trabalhar, isso acelerou ainda mais o processo de crescimento das comunidades, e o fluxo de pessoas e dinheiro na comunidade, algumas das casas da sede foram construídas nesse período.

Com esse movimento veio também as vendas no entorno das obras, o aumento da população local, a feira na sede do município, onde também eram negociados animais, pois, esses eram usados nos trabalhos de construção da rede, e artesanato produzido pela população local, o posto de gasolina, desenvolveu o comércio nas imediações das obras, várias pessoas que não trabalhavam diretamente na obra de construção, mas que iam à região para vender vários itens aos trabalhadores. Foi também nessa época que foi construída a Ponte da Serra da Viração, com 45 metros ela é a ponte mais alta da Paraíba, algumas bocas de lobo e açudes ainda presentes hoje, na geografia do município foram feitos nesse período. Essa obra foi muito demorada e avançou até a década de 60, no finalzinho dela finalmente o trem passou pela região.

Como o crescimento das comunidades, logo surgiu o desejo de se emancipar, fato ocorrido, mais precisamente no ano de 1961, no dia 22 de dezembro, por ser um município de criação recente, imaginamos as dificuldades da população local, no que se refere assistência de saúde e até mesmo religiosa, embora a primeira igreja, tenha sido construída, logo durante a fundação do município em 1920, por Domingos Pascoal, que foi segundo relato, um dos primeiros moradores da sede do município, vários moradores não podiam ir à sede do município ficando assim desamparados do clero religioso e das instruções do catolicismo oficial.

O município é muito amplo, e mesmo tendo já uma igreja muitos moradores não podiam ir à missa, isso devido à falta de transporte, pois muito moravam longe da sede, já que o município é formado por várias comunidades rurais, isoladas das outras devido ao relevo, que tem presença de muitas serras, fazendo com que mesmo comunidades sendo vizinhas, elas estão isoladas por essa barreira geográfica.

Após a emancipação de Salgadinho, toma posse o prefeito interino, Cícero Alves de Teixeira, conhecido como *Ciço Gato*, que governou de 1961 a 1962, depois desse curto mandato foi realizada a primeira eleição local, onde o senhor Djalma Moraes foi eleito,

lembrando que esse foi um dos responsáveis pelo movimento de emancipação local, seu primeiro mandato foi de 1962 a 1966 e a partir daí vieram outros, não só seus mais de pessoas ligadas a sua família como filho, genro e nora ocuparam lugares na sucessão e prefeitos do município.

Um dos marcos, também para essa localidade nessa década, foi a passagem de frei Damião em 1968, isso porque ele era bastante conhecido no nordeste do país, e ao vir ao município, ele trouxe junto com ele, uma multidão, que sempre o seguia para ouvir suas pregações e ver os sinais, que segundo a crença eram operados durante esse momento. Outro fato destacado nesse período foi à conclusão da rede ferroviária que passava pelo município, e a passagem pela primeira vez na localidade do trem, esse fato marca o início da aceleração da mobilidade local, esse trem levava carga e passageiros, sendo que nas imediações dos trilhos se formaram vilas povoadas por pessoas que vendiam seus produtos no trem ou até mesmo lenha para ser queimada nesse.

Em 1966 toma posse o último prefeito da década de 60, apoiado por Djalma Moraes, o senhor Francisco Maciel, inicia seu mandato de prefeito, num período difícil para todo o Nordeste que foi a transição de 60 para 70, pois essa década será marcada pela seca.

A economia do município girava em torno da agricultura e da pecuária, nesse período poucos eram os funcionários vinculados ao município ou ao Estado na localidade, de forma que eles dependiam da chuva para sobreviver. A década de 70, traz ao cenário municipal um período difícil marcado pela seca, o município que desde a sua emancipação viu o crescimento agora se depara com um fator climático típico do Nordeste que atrapalhou seu desenvolvimento.

Para analisarmos esse período e seus impactos na sociedade de Salgadinho, iremos recorrer ao trabalho sobre a história do município de Juací Oliveira de título: *A Seca de 1970 em Salgadinho - PB: sociedade, saque e migração*. Nessa produção ele faz uma abordagem sobre esse fenômeno e suas consequências sociais para Salgadinho.

O mesmo demonstra que esse período foi de muita dificuldade, pois a seca ocasionou perda de lavouras, morte de animais, dificuldade para conseguir alimentos, e imigração para outras regiões. Uma das entrevistadas revela que nesse período para não ver os filhos morrerem de fome comeram xique-xique cozido (SANTOS; 2015, p. 40).

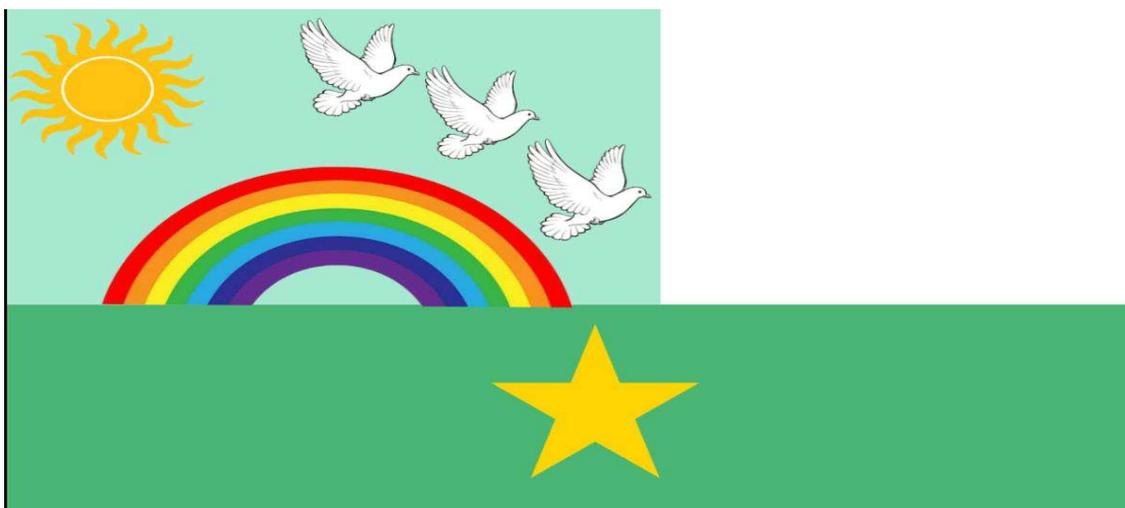
Isso elucidava as dificuldades enfrentadas pelo povo nessa época e que as parteiras e as rezadeiras locais eram vistas como um auxílio em meio a essas dificuldades. Muitas delas são lideranças nas celebrações religiosas pedindo chuva nas comunidades.

As feridas causadas pela seca na década anterior, ainda podem ser sentidas nessa década de 80, pois, os moradores não confiavam no regime de chuva e a dependência do céu começaram a migrar. Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, eram destinos preferidos, isso porque essas cidades estavam passando pelo processo de crescimento industrial, fato que atraiu muitos nordestinos.

Nesse período a comunidade de São José recebeu energia elétrica. Nessa década também Salgadinho viveu o maior escândalo político da época. Djalma Moraes ao terminar seu terceiro mandato passou a chave da cidade para Ibrahim Marcolino, que derrotou o candidato Laldemiro que tinha o apoio de Djalma, essa foi a primeira vez desde a emancipação que Djalma não conseguiu eleger o seu sucessor.

Ibrahim Marcolino tomou posse em 1982, foi durante o seu mandato que a bandeira do município foi elaborada, esse símbolo foi idealizado por ele, a mesma é composta por três quadrados, o primeiro azul simbolizando a turmalina, com um sol, um arco-íris e três pombas simbolizando a paz; o segundo quadrado branco, faz referência ao algodão e o último verde com uma estrela amarela dentro, a cor desse se refere a mata local os detalhes podem ser percebidos na imagem a baixo.

Figura 2- Bandeira de Salgadinho-PB



Fonte: Prefeitura Municipal de Salgadinho

Outro fato que marcou a história da economia local foi a descoberta da turmalina, em 1989, pedra preciosa, mas que foi extraída ilegalmente, e muitos moradores locais nem sequer sabiam o preço das pedras que eram extraídas por meio de seu trabalho, e na localidade ela era conhecida como Cieba, talvez uma forma dos responsáveis pelas minas para não ser descoberto o verdadeiro valor das pedras, que por serem raras chegavam a ser mais caras que o diamante.

O mandato de Ibrahim foi curto, ele foi primeiro afastado do cargo, e depois preso em 1988. Com o seu afastamento João Bosco foi nomeado interventor, ao término desse mandato Djalma retorna para seu quarto e último mandato, que ele não conclui, pois, o mesmo veio a falecer em 1992, assumindo assim o mandato a sua vice, Teresinha Meira, essa se tornou a primeira mulher a chegar à cadeira da administração municipal.

A década de 90, foi marcada pela diversificação econômica local, com a descoberta do caulim no Olho D'Água e sua exploração, embora que de forma ilegal gerou vários empregos, isso porque no início, todo trabalho era manual, e a produção era enviada para um decantamento na Barra de Juazeirinho, que fazia o processo desse material. Com isso muitos lares deixaram de depender das chuvas e passaram a ter um sustento mais certo de para seus moradores.

Outro fato que marcou a história da economia local foi a explosão da mineração da turmalina, pedra preciosa, essa atividade beneficiou a comunidade de São José da Batalha, mas muitos moradores tiveram o seu trabalho explorado, pois a riqueza que eles produziam para os donos das minas era enorme, mas recebiam muito pouco.

Ainda nessa década chegou a Salgadinho os primeiros professores vindos de Patos e também Assunção, a pedido de João Bosco no ano de 1995, sendo assim foi implantado no município o ensino fundamental dois, que foi conduzido por Arlene Lima, Albimah Medeiros, Luiz Jeferson, Direnôra Maria e José Freitas, que permanecem até hoje, atuando como professores no Monsenhor Manoel Vieira, eram esses alguns dos professores pioneiros no ensino local, sendo que os primeiros professores nascido na localidade nesse ensino eram Josinaldo Gomes, Josivânia Antônia e Josiete Gomes, ainda em atuação hoje, antes disso muitos moradores enviavam seus filhos para Assunção, outros para Patos para estudar, outros simplesmente paravam seus estudos depois do fundamental um por não ter como continuar os estudos.

Embora o ensino fundamental dois tenha sido implantado no município na década de 90, foi só nos anos 2000 que teve sua expansão, isso porque, como ficava na sede do município, os moradores das comunidades não tinham acesso a esse ensino por causa da distância. Alguns alunos nesse período iam à Assunção, a pé mesmo para estudar, foi a partir do ano 2000 que foi implantada no município a frota de ônibus escolar que fazia o transporte de alunos das comunidades para a sede do município para estudar.

Essa frota inicial era composta por três, ônibus um fazia o transporte dos alunos de Lagoa de Onça e região passando pela Viração pega os alunos dessa localidade e os do Olho D'Água que iam a pé para estrada principal, o outro transportava os alunos de São José, Bonfim e as outras comunidades próximas e o último conduzia os alunos de Serraria para a Escola Monsenhor Manoel Vieira, que depois de um tempo passou a oferecer o ensino médio também em sua grade curricular.

Os anos 2000 foi um marco não só na área de educação como também de saúde, isso porque começou a implantação do Programa de Saúde da Família em algumas comunidades, de forma que os médicos se tornaram mais presentes, as enfermeiras começaram a fazer o pré-natal e por meio desse o acompanhamento das grávidas. Olho D'Água, São José e Serraria, as comunidades que não tinham posto de saúde ainda, o médico com a equipe se deslocava, da sede para as comunidades, ou em caso de necessidade podia ir à sede por meio de veículos que trabalhavam junto a secretaria de saúde ou nos ônibus mesmo.

Mesmo com essas melhorias os partos das mulheres eram feitos nos grandes centros, principalmente Campina e Patos, as mulheres eram levadas a essas unidades de atendimento por meio de carros e ambulância, até hoje é assim, foi nos anos 2000 que aconteceram nas comunidades os últimos partos que se tem notícia por meio dessa pesquisa, por meio das parteiras como veremos mais adiante, isso porque mesmo com esse sistema de atendimento algumas mulheres passaram por situações onde a parteira teve que fazer o atendimento de urgência .

Foi em meio a esse contexto social, que as parteiras/rezadeiras atuaram na comunidade, trazendo alento aos moradores locais de forma que seu trabalho era um porto seguro para muitos, que além dessas dificuldades tinha que passar por uma situação difícil como um parto sem assistência, ou uma enfermidade sem o cuidado de um médico, e mesmo com a chegada do médico nas comunidades essas mulheres continuaram com os

seus trabalhos, pois elas conseguiram estabelecer uma relação de confiança com a comunidade por serem conhecidas, enquanto os profissionais de saúde eram desconhecidas e suas práticas temidas.

1.2 NARRATIVAS DO LUGAR: MEMÓRIAS E ORALIDADE

Aqui nesse tópico, vamos buscar nos depoimentos como as nossas participantes narram a localidade, em que elas vivenciaram esses fatos que foram narrados, para assim passar ao leitor, como era a época, através das memórias dos participantes na pesquisa. Vale salientar que cada parteira ou rezadeira viveu em comunidades separadas uma das outras por fatores que já destacamos nos tópicos anteriores e que eram raros os contatos entre elas.

Falando sobre as comunidades de São José e o Cedro, dona Inácia rezadeira nos conta que:

Nesse tempo ela morava lá no sítio, aqui era mais pequenininho só tinha o centro não tinha rua não, só tinha aquela *ruinha* aqui no canto da igreja, aí ia uns buscar ela (parteira) lá, quem tinha transporte ia, quem não tinha, ela vinha a cavalo, quando ia *pra* esses sítios João Bento, Batalha e esse mundo, ia a cavalo tinha um *jumentinho* branco ela sempre andava nesses *jumentinho*.

Notemos aqui nesse depoimento uma das principais dificuldades enfrentadas pelos moradores locais no momento de um parto era a falta de transporte, já que esse na época era feito por meio de animais, isso se dava não só pela falta de veículos de assistência à saúde do município, isso se dava exatamente porque muitas comunidades estavam isoladas da sede.

Podemos observar pelo depoimento que a comunidade de São José está isolada da sede por meio de uma serra. Esse percurso com uma parturiente ou doente devia ser feito a pé, pois não tinha como os poucos carros, que tinha no município na época irem à essas comunidades devido ao isolamento, como podemos perceber pelo depoimento de dona Inácia, isso favorecia a busca de recursos mais disponíveis.

Nesse tempo *pra* ir para *Salgadim*, era preciso vim [para São José], para ir pra qualquer maternidade, nem estrada tinha (...) Aí tinha que, se viesse tinha que ser numa rede, tinha só uma ambulância quando eu vejo Zuzu (motorista) me lembro dela, pronto mais aí não tinha estrada, como tem esses sítios hoje que estão tudo, você rompe para Bom Jesus, pra Santa Luzia, pra Junco do Seridó tudo aqui por dentro (...) nesse tempo não existia não.

A ambulância aqui mencionada, ficava na casa do motorista, no Olho D'Água e como na época as comunidades não tinha posto telefônico ficava difícil a comunicação, de forma que quando era necessário o uso dessa, uma pessoa tinha que ir à casa do motorista chamar ele, geralmente essa viagem para o chamado era feito por meio de um animal ou a pé mesmo.

Não podendo a ambulância chegar a todos os lugares, muitas vezes o transporte da pessoa necessitada era feito em redes; agora imagine a situação uma pessoa doente ou uma mulher em trabalho de parto, tendo que ser conduzida dentro de uma rede, subindo e descendo serra, para chegar a sede do município para buscar um carro, que não era nem certeza estar disponível, para fazer o transporte desse para Campina Grande ou Patos, era uma situação muito desconfortável, por isso as parteiras atuaram de forma soberana fazendo a maioria dos partos nessa época em estudo, por que enquanto o sistema de saúde na localidade era uma dúvida, as práticas desenvolvidas pelas parteiras era certeza.

Dona Edileide Alves, filha da parteira Dona Didi, também narra uma lembrança que nos passa uma ideia das dificuldades enfrentadas na época no contexto social em que se moveram essas mulheres ela narra que:

Quando eu comecei a alcançar mãe sair, a dificuldade que tinha era de carro, porque no setor da Batalha, mesmo tinha mulher de sair *pra* ganhar menino até Salgadinho numa rede, ela mesmo foi uma, ela assistiu com uma mulher do Bonfim, a mulher teve o menino, com uns oito dias assim, quando foi com uns oito dias, ela adoeceu pra ter um, nesse dia, nesse tempo ela não tinha carro levaram ela numa rede para Salgadinho.

Veja que contrastante, dona Didi auxiliou uma mulher no parto e deu tudo certo, por estar grávida quando chegou seu momento não teve quem a ajudasse, seu parto foi difícil e por isso mesmo ela teve que ser conduzida dentro de uma rede do Cedro para Salgadinho, viagem essa que leva em torno de uma hora, pois é subindo uma serra.

As redes eram usadas mesmo no caso de transporte de pessoas mortas na localidade para os cemitérios onde os corpos eram enterrados, os primeiros enterros realizados no município foram feitos assim, como podemos perceber pelo depoimento de dona Nininha parteira na região do Bonfim, ela nos conta que o enterro:

De defunto era uma rede (...) quando chegava lá nem *butava* a rede tirava, jogava o defunto lá dentro é porque tinha canto que já tinha a rede *pra* carregar os defuntos, assim o cemitério que já tinha aquelas redes *pra mode* quando era *pra* enterrar já ia buscar a rede lá em São José ou qualquer outro cemitério, pegava a rede *butava* aquele defunto, tirava a rede e deixava ela só no chão.

Percebemos as dificuldades da época no trecho em que ela fala que mesmo o enterro sendo feito em rede, tinha muitas famílias que não podia comprar, sendo essa rede doada pelo cemitério para conduzir o corpo ao cemitério, depois do enterro a rede era utilizada para levar outra pessoa. Os únicos enterros feitos em caixões eram das crianças, mesmo assim o corpo dessas eram conduzidas “...pé levava mais na cabeça fazia um *rudia* botava o caixão na cabeça e ia embora para São José”. Mas esses caixões eram fabricados na comunidade mesmo por artesões locais, que faziam uso de tábuas para isso, não só isso, mas também a mortalha que vestia o morto, era feita na localidade, lembrando que esses velórios eram conduzidos nas comunidades pelas rezadeiras ou parteiras, que já tinha esse sentimento de fazer a caridade a quem precisasse.

Os pouco veículos que tinha na comunidade, além de uma ambulância, eram os que pertenciam aos vereadores locais, que alguns deles habitavam nessas comunidades e esses prestavam assistência as pessoas doentes, como podemos perceber pelo relato de dona Inácia “Eu ainda peguei meninos, Manezim vereador (seu marido) naquela época as *mulher* aqui adoecia só tinha o carro dele para dar assistência”. O senhor Manoel Joca ficava na comunidade de São José, e como na época seu carro era um dos poucos presentes na localidade, era ele o responsável pelo transporte de pessoas da comunidade aos hospitais, levando também pessoas do Cedro, Batalha, João Bento e também, Bonfim da Batalha.

Esses veículos presentes nas comunidades eram controlados por políticos que pela forte mentalidade coronelística, mandavam e desmandavam neles, de forma que só tinha acesso a esse tipo de transporte quem era vinculado ao seu partido e isso mesmo os que prestava serviço ao município, como podemos observar pelo depoimento de dona Nininha quando ela fala:

...era um político que se você tivesse no partido dele você tinha tudo, ele era tudo *pra* você, o que ele pudesse fazer por você, ele fazia, mais se você estivesse contra ele, ele chegou a dizer assim: Adversário a gente mata assim na unha (fazendo o gesto com as mãos de matar na unha).

Percebemos aqui a diferença, enquanto as parteiras e rezadeiras atendiam a todos, e todas sem fazer distinção política, esses políticos usavam a máquina pública para apenas beneficiar os seus eleitores. E as essas mulheres não faziam isso como podemos observar pelo depoimento de dona Nininha que foi além de parteira candidata a vereadora na época ela nos conta que: “Aí eu fui candidata, e esse pessoal com tudo isso votaram contra mim, aí quando foi depois da eleição, aí vai a mulher adoeceu e vieram me buscar e vieram atrás de mim”. Note que na condição de candidata não eleita, ela podia fazer o mesmo que o outro político, mas sua condição de mãe, de mulher, de parteira, e de cuidadora falou mais alto e ela fez esse parto na comunidade do Bonfim atendendo a parturiente que não tinha votado nela, não negando assim o servir por meio da dádiva que recebeu.

O curioso em nossa pesquisa sobre a história local, foi saber que no município durante a década de 70, mais precisamente no ano de 1973, foi inaugurada a maternidade municipal Doutor Libero Massa, que ficava localizada, onde hoje é a garagem municipal na sede do município, o curioso sobre esse estabelecimento e que mesmo tendo o nome de maternidade, ela durante seu período de funcionamento não teve partos. Encontramos em nossa pesquisa a primeira enfermeira de Salgadinho que foi a senhora Maria José da Silva, conhecida como dona Menininha, que trabalhou na maternidade.

Dona Nininha sobre essa maternidade nos conta que as mulheres das comunidades não tinham filho nela nessa época:

Porque era fechada (risos) tinha maternidade ali e as vezes, Menininha assistia muito mais nas casas, porque a maternidade era fechada não atendia ninguém, quer dizer que ela foi uma maternidade que existiu ali só o nome, mas não deu assistência, eu não sei quem foi que nasceu lá. Menininha assistiu com Ester, Inácia de Mané Joca, então ela foi parteira, aí de várias pessoas, *né* mais na maternidade de Salgadinho eu não tenho (lembrança de quem nasceu lá).

Quando dona Menininha foi perguntada sobre a ocorrência de nascimentos na maternidade ela responde: “Na maternidade não, mas na minha casa sim, porque teve dois partos que *foi feito* na minha casa. Só tinha o nome de maternidade, mas não tinha leitos,

não tinha sala de parto, não tinha nada, funcionava como ambulatório médico”. Ainda continuando nossa conversa sobre a maternidade a mesma senhora diz: “Era uma coisa que não servia *pra* nada só tinha muito era morcego lá. (...) Todos os partos eu fiz nas casas delas”, então podemos afirmar que as únicas criaturas que nasceram na maternidade de Salgadinho foram os morcegos.

Lembremos que estamos falando de uma enfermeira parteira que trabalhava em uma maternidade e que fez 180 partos nas casas, isso deu devido a falta de recursos na maternidade para fazer o atendimento às grávidas, o estabelecimento tinha nome de maternidade, mas funcionava apenas como posto médico, o médico atendente era clínico geral, não um obstetra com especialidade em partos e as mulheres da comunidade não tinha como ir a sede do município por falta de carro, a ambulância do município, por ideia era a única que tinha para atender toda a população local não funcionava, quando perguntada sobre o atendimento nas comunidade dona Menininha nos fala que:

Não tinha atendimento *pra* fora, tinha que vir pra Salgadinho, mesmo foi uma época muito difícil só tinha uma ambulância lá em Salgadinho e nunca tinha disponibilidade de pegar um paciente, aí tinha um vereador por nome Justino Leite que esse era quem dava assistência, que ele tinha um jeep que atendia ali (...) e o meu transporte era cavalo, junto pronto meu transporte era isso que eu ia pra fazer os partos (...) era um cavalo, doutor Vicente no outro e outro que acompanhava a gente que foi até Antônio Mendes que mandou

Antes dessa maternidade a presença de médicos no município era quase inexistente, de forma que antes da década de 70, para se ter um médico na localidade tinha que vir a cavalo, de Taperoá, como podemos observar no relato a seguir de dona Nininha, ela conta que:

Médico que existia era doutor Maciel em Taperoá, era pago, o *caba* tinha que pagar, *mode* ele vir, não era coisa exorbitante, mas tinha que pagar, ia buscar médico até a cavalo, porque teve várias pessoas por ai, que foi preciso apanhar o médico. Não tinha carro (...), mas a cavalo vinha por lá (apontando a direção), as mulheres (em trabalho de parto), não levava, que não podia levar, aí tinha que buscar, o médico.

Notemos no depoimento que além de ser muito distante, o médico era pago, o que para muitas pessoas era difícil, arcar com o preço cobrado por ele, por isso as rezadeiras e parteiras eram muito procuradas porque além de ser perto essas não estipulavam valor para seus serviços, trabalhando apenas movidas pela dádiva e o desejo de servirem a comunidade.

Não estamos querendo dizer aqui que todos os partos ou casos de doença no município foram resolvidos nessa época por meio das rezadeiras e parteiras, embora raros, algumas pessoas da época eram atendidas em hospitais, como nos relata a senhora Esmeraldina, ela diz que na época para ir a um hospital as pessoas “Ia para Campina Grande em cima de um pau-de-arara (caminhonete com grades de madeira) deitada num colchão quase morta para os médicos fazer a dinheiro”. Notemos na fala dela a questão financeira que envolvia essa relação entre médicos e pacientes.

Mesmo no caso de parturientes que eram transportadas para os hospitais as parteiras era quem faziam o acompanhamento dentro do carro, o que fez com que algumas delas pegassem a criança dentro desse veículo a caminho do hospital. A exemplo disso temos a narrativa de dona Inácia que foi parteira e rezadeira, sobre um parto assim ela nos conta que:

...ai eu levava (para o hospital), peguei esses de *cumpade* Heleno aqui, que mora aqui de *cumade* Maria de *cumpade* Heleno eu peguei, *teve* deles que eu peguei na Barra no claro daquela luz, na Barra eu peguei eles lá nasceu no *camim*, eu sempre acompanhava tem 3 filhos dele que foi eu que peguei, 2 foi em casa e 1 ele *tava* vindo desmantelado e eu tive medo de enfrentar um sofrimento maior, ai *butei* pra trás e *fumo* pra *Juazeirim* nesse tempo não tinha Taperoá não, aí *fumo* para *Juazeirim*, quando chegou mesmo na Barra, ele nasceu mesmo naquele claro de onde passa, que tem aquela florescente no meio do trevo, ali eles nasceu assim mesmo eu peguei a toalha que levava enrolei ele e *botei* aqui (apontando para o meio das pernas delas) na minha perna dentro da bulé de uma caminhonete ela ficou com as pernas por cima de mim e eu puxei ele, enrolei e *butei* aqui (apontando para o meio das pernas dela mais uma vez), ai eu levei pra eles (hospital) terminar de fazer a limpeza, pronto só esse eu peguei, sim só não fiz cortar o umbigo que foi cortado lá, pronto mais foi todos os filhos dela só teve dois que não foi eu, o resto tudo foi eu.

Pode-se notar no depoimento, que a parteira por não estar preparada, não pode cortar o cordão umbilical, como costumava fazer no parto em casa, mas mesmo assim fez grande parte do processo do parto auxiliando a mulher, mesmo estando em um local inadequado. Já a senhora Ester Mota, que é rezadeira também chegou a fazer um parto nessas condições, sobre o corrido ela nos conta que:

Eu ia com a menina, para Campina Grande, e no caminho a menina adoeceu e ela falou: Mainha eu vou morrer. Aí eu falei: Porque você vai morrer? Porque eu estou sentindo muita dor. Então eu falei vamos fazer, pois só Jesus e quem está na nossa mão agora eu quero ver, o que o poder dele vai fazer *com nós* minha filha, se prepare e vamos fazer força para ter o filho, foi

isso que eu fiz e o menino nasceu nos meus braços e o motorista puxou nos *chegemos* em *Juazeirim* e o rapaz falou: Como foi que a senhora pegou esse menino aqui dentro? Quem pegou foi Jesus, mais eu, porque eu não sabia, mais a minha filha *tava* passando mal, mais o que eu fiz foi socorrer ela, nasceu o menino nas minhas pernas porque a ambulância era apertada eu cobri com um lençol minha filha e quando eu cheguei dentro do hospital disseram como é que essa mulher *ta*? Eu disse: Ela *ta* coberta pode abrir a porta da ambulância, que aqui *ta* tudo coberto, *tava* coberto com o lençol a criança se mexendo ela eles cortaram o umbigo.

Outra dificuldade na época vivenciada pelos moradores, era a falta de acesso a remédios, já que no município não contava com farmácia, ainda que algum morador conseguisse uma consulta com um médico que já era difícil, ele tinha também que comprar o remédio o que era mais difícil, essa dificuldade fez com que o tratamento das parteiras e das rezadeiras ganhassem destaque, pois seus usos medicinais era feito com ervas, que estavam ao seu dispor no quintal de casa, fato que iremos discorrer sobre isso mais adiante. Sobre esse tipo de uso do remédio do mato temos o depoimento da parteira dona Nininha que conta que:

Essa Helena que morreu que é a mãe de Socorro *tava* com hemorragia e foram atrás do carro pra tirar ela, ele mandou dizer que levasse ela numa rede pra Cisia, e era eleitor dele, aí ela chorando ela disse: Nininha não me deixe levar numa rede não. Confie em Deus, que você não vai numa rede não, e ela chorando fui lá no roçado arrancar um pé de algodão, aí fiz o remédio *pra* ela, aí fui no pé de *cadeiro* (cacto) e fiz outro chá e levei e dei a ela, aí foi que a mulher melhorou *num* foi pra canto nenhum.

Nota-se aqui o desespero da mulher com o receio de morrer ao ser transportada de rede, e a sabedoria da parteira ao fazer uso de um remédio do mato, conseguiu por meio desse restituir a saúde da mulher. Para encerrar esse capítulo vamos usar uma fala da mesma senhora, sobre a época de dificuldade vivida ela conta que:

Então são essas as coisas, que a gente ver no passado como era difícil a falta de transporte, mais eu não condeno as gestões passadas que não faziam era a *dificuldade* do mundo inteiro, não era só da gente não, era porque não existia transporte para dar assistência na hora que o *cabra* precisar hoje tem só não vai se não quiser.

Por meio dessa fala percebe-se as transformações sociais ocorridas no contexto e que ela viveu e vive, fala das dificuldades do passado e as facilidades do presente e as mudanças que essas ocasionaram nas práticas das parteiras e rezadeiras da comunidade.

CAPITULO II: FOI DEUS, NÃO FOI EU NÃO: MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DAS PARTEIRAS E DAS REZADEIRAS

Pretende-se nesse capítulo fazer uma análise, dos depoimentos, dos moradores locais; no primeiro momento trazemos os depoimentos das parteiras e das rezadeiras sobre seu ofício; e em um segundo momento buscamos os depoimentos de moradores locais que tiveram durante esse recorte temporal em meio a dificuldade recorrido a esses saberes.

As representações sociais, aqui são um conceito central em nossa pesquisa para, por meio delas demonstramos a importância do trabalho dessas mulheres em sua comunidade, pois: “As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus e o seu domínio” (CHARTIER, 1982; p. 17). Sendo assim, vai ser por meio dessas representações que vamos poder perceber o mundo social no qual elas estavam inseridas e também como essas mulheres narram a suas experiências vivenciadas no passado.

Outro conceito central para construção desse capítulo são as memórias que, buscamos por meio dos depoimentos que é entendido aqui como “memória histórica, entendemos a sequência de eventos cuja lembrança a história conserva, não será ela, não serão seus contextos que representam o essencial disso que chamamos de memória coletiva”. (HALBWACHS, 2003; p. 99), é por meio dessa memória tanto herdada, como passada a diante, que elas moldaram a comunidade por meio de sua influência tanto social como religiosa.

De início, vamos dar lugar para as parteiras, e as rezadeiras falarem de si, para compreendermos como elas se viam, como narram essa experiência de vivência comunitária, para podermos compreender, se elas tinham sabedoria, de como seus atos causaram um impacto, na sociedade em que elas estavam inseridas, já que, vida e morte, e saúde e doença estavam em suas mãos, foram essas mulheres que por meio dos seus saberes regularam a comunidade garantindo a ela o crescimento e continuidade.

Em segundo lugar, vamos recorrer às representações das pessoas da comunidade, para situar a importância dessas mulheres, faremos isso, por meio dos depoimentos das

peessoas que recorreram aos seus conhecimentos no momento da necessidade, para entendermos, como elas narram esses momentos e em que ocasiões elas buscavam esses saberes e também percebemos aqui se elas obtinham aquilo que precisava intermediado pela parteira ou a rezadeira que era buscada.

Nessa pesquisa, atrelado ao conceito de representações (CHARTIER, 1982), outro conceito chave é o de memória (HALBWACHS, 2003), pois, estamos falando de dois ofícios, diferentes, que foram aprendidos pela experiência individual, exercido por meio da prática diária, que envolveu um complexo exercício de memorização das rezas e dos rituais, já que as mulheres aqui pesquisadas não usavam livros de rezas, afirmamos que o saber delas estavam armazenados em seu tecido memorial, e o exercício do ofício, vai significar uma recuperação dessa memória ancestral. Perceberemos essas mulheres como guardiãs da memória e da identidade religiosa local, sem falar que teremos na pesquisa um complexo trabalho, o de lembrar, o que foi vivido e outro, o de narrar essas lembranças por parte dessas mulheres que vivenciaram esses momentos.

A lembrança é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada. Claro, se pela memória somos remetidos ao contato direto com alguma de nossas antigas impressões, por definição a lembrança se distinguiria dessas idéias mais ou menos precisas que nossa reflexão, auxiliada por narrativas e testemunhos e confidências dos outros, nos permite fazer de como teria sido o nosso passado (HALBWACHS; 2003, p.91).

Sendo assim, aqui passado e presente se juntam, já que os fatos foram vivenciados em outro tempo, e lembrado no momento da pesquisa para ser narrado. Aqui percebemos como elas foram importantes, pois eram detentoras de um poder simbólico muito forte na comunidade, e até fora dela, faremos uma reflexão sobre a liderança comunitária feminina aqui, demonstrando que, só pelo fato das pessoas da comunidade estarem perto de uma delas, eles tinha esse sentimento de amparo e proteção dessas mulheres cuidadoras, já que tanto a parteira como a rezadeira eram procuradas em situações de extrema necessidade por parte da comunidade e isso nós percebemos por meio dos relatos colhidos. Foi esse sentimento de proteção e amparo no meio da necessidade que fez com que essas mulheres deixassem uma lembrança marcante nas memórias dos moradores locais.

2.1. MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DO PARTO PELA PARTEIRA

As parteiras, eram muito importantes na comunidade local, mas será que elas tinham ciência dessa importância? Vamos recorrer aos depoimentos delas para responder a essa pergunta levantada pela nossa pesquisa. Recorreremos aos depoimentos das próprias parteiras para entendermos esses dois aspectos. Quando perguntada por que foi partejar, dona Luisa Paulina nos relata que foi: “Por que não tinha quem, aí um dia eu cheguei ali na casa de uma *muler*, aí ela *tava* sofrendo para ganhar neném”.

Nota-se no relato dessa senhora o imediatismo, com que as coisas aconteceram, e isso fez com que a necessidade de partejar surgisse na vida dela, ela fala que não tinha quem fizesse o parto, se referindo as dificuldades vivenciadas por essas mulheres na localidade, havia no pensamento da parteira em seu depoimento também podemos perceber a comoção desta com a situação da parturiente, pois essa, segundo ela, estava sofrendo. É exatamente isso que vai mover as parteiras a necessidade de aliviar o sofrimento do outro por meio dos seus cuidados.

Nessa relação de troca percebemos que “Ademais, o que elas trocam não são exclusivamente bens e riquezas (...) São, antes de tudo, amabilidades” (MAUS, 1974; p. 190-191). Isso se deu pelo pensamento de servir a necessitada por meio da dádiva que recebeu, e por isso não podia negar a ajuda, esse dom foi dado por Deus para servir, não olhando a quem. Algumas parteiras não eram requisitadas apenas para partos, como algumas tinha conhecimento hospitalar, era comum que elas fossem procuradas na comunidade para outros fins que não fosse só o parto, de acordo com depoimento de dona Iranilda, falando sobre sua mãe parteira, ela era procurada quando alguém estava sentindo:

Dor, ela aplicava injeção, se a pessoa tivesse hemorragia, ela aplicava para cortar a hemorragia, se tivesse com dor, assim depois do parto ela aplicava injeção, ela fazia curativo, ela pontiava, ela fazia tudo, que ela era formada ela trabalhou em Patos, quando ela trabalhou em Patos, na maternidade, aí ela foi transferida par aqui, quando ela foi transferida *pra* aqui depois de seis meses, não sei político, ela não sabe nem o motivo porque tiraram ela, ela ficou trabalhando por conta.

Nesse relato da dona Iranilda Maria, percebemos o quanto era essencial, para a comunidade o trabalho das parteiras, que no caso aqui ela era requisitada pela comunidade para outras funções além de partejar. Outro relato forte sobre esse aspecto das parteiras nos veio por meio do depoimento da senhora Severina Maia ao descrever um fato que marcou sua vida ela conta que:

Aconteceu de um homem adoecer para ir criar *bicho*, e eu fui fazer o tratamento, (...), aí eu fui fazer o tratamento de manhã (...) quando eu cheguei lá estava limpando e cheio de sangue e eu perguntei o que é isso? Ele me chamou assim e me mostrou, quando me mostrou, estava assim (gesto de muito com a mão) de *bicho* eu tirei 35 desse tamanho assim (gesticulando com a mão o tamanho), a metade era preto com aqueles chifres, assim (gesto com os dedos), uma coisa horrível, aí eu coloquei um remédio de animal lavei com leite, aí preparei esse chama-se até bebidol, e eu coloquei leite, mais leite do que um pingo daquele liquido, e *butei* numa lâ de algodão e *cubrí*, aí no outro dia o que tinha, tinha morrido, aí ficou aquele buracão, aí quando ele viu tanto vomitou como chorou, mais, quando a ambulância chegou eu já fiz o curativo e ele viajou tranquilamente não causou mais nada porque matou, destruiu. Então são essas as coisas que a gente ver no passado como era difícil

Embora sejam conhecidas pelo ato de partejar, as parteiras fizeram muito mais, pela comunidade, como podemos perceber pelos relatos a cima, a parteira aqui em evidência enfim, tratou de uma “bicheira”, só que essa não era em um animal do campo como é de costume na época, mas em uma pessoa, esse foi um relato forte em nossa pesquisa não só para demonstrar a importância delas, mas também para percebemos as condições sociais em que a comunidade estava na época, a ponto de uma ferida de um homem entrar em estado de putrefação e ser tratada com remédio para animais, isso demonstra também uma tática social usada por essa mulher para vencer a dificuldade que apareceu em sua frente. Outro depoimento marcante em nossa pesquisa vem da mesma parteira, que narra sua experiência da seguinte maneira:

Eu via até Helena chorando, dizendo que ia morrer, que ia morrer, aí eu dizia que vai morrer que nada Socorro, tu vai é ficar boa, aí eu fiquei com ela eu orientando até que ela foi melhorando, mais se não reparar não comia e Helena ia fazer a comida, e quando ia conversar com ela, e ajeitar pra dar *culerinha* por *culé* pra comer, e assim ela reagiu, depois ela começou a se alimentar, aí começou a andar. Aí quando eu cheguei lá o menino tinha nascido os pés, só os pés dentro do saco d'água desse tamanho assim (gesticulando com as mãos o tamanho).

Alguns aspectos nos chamam atenção nesse trecho, que merecem destaque, percebe o fato da parteira ter uma enorme preocupação com o estado psicológico da mulher que ela estava fazendo o acompanhamento, tratando dessa forma o psicológico dessa e insistindo para que tudo acontecesse bem, note o detalhe na narrativa quando ela diz que se não reparar não comia, e foi por meio dessa insistência que a vida da mulher foi salva, mesmo narrando sua experiência aqui dona Nininha não se coloca como heroína não usa o que fez para se vangloriar no ato da entrevista, antes atribui a Deus tudo que fez foi movida pelo desejo de servir o próximo e movida pela dádiva recebida para servir a comunidade.

Figura 3- Parteira dona Nininha e Parturiente Socorro no momento da entrevista.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Outro trecho de entrevista vem por meio do depoimento de dona Meninha quando narra um parto de dona Inácia ela conta que, após a menina nascer a mãe não tinha leite de forma que a parteira diz “Eu amamentei até a menina porque ela não tinha leite, amamentei ela uns 30 dias”. Notemos aqui como o cuidado prestado pela parteira

era algo bem mais amplo do que o que era vivenciado no ambiente hospitalar, a parteira aqui por estava lactante pode prestar esse auxílio a mãe que não produziu o leite para saciar sua filha de forma que quando essa cresce fica muito próxima da parteira afetivamente de forma que a criança a chama de mão Menininha.

São práticas como essa que colocaram essas mulheres como protagonistas na história local revelando os cuidados prestados por essas a população da comunidade, são esses fatos que conferiram a elas o lugar de mulheres sábias, ocupando assim um lugar de destaque na comunidade por meio dos seus saberes.

2.2. A PRIMEIRA MÃE QUE ELES VIRAM PRIMEIRO FOI À PARTEIRA: MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DAS PARTEIRAS PELA COMUNIDADE

As parteiras tinham um grande prestígio social, dentro da comunidade e em Salgadinho, não tem um lar, ou uma família só, que não tenha sido uma delas responsável por colocar no mundo um de seus membros, lançando assim, na comunidade os primórdios da ocupação social de Salgadinho e a dando a essas pessoas o direito à vida. Em se tratando de depoimentos sobre elas, onde percebemos essa importância das suas práticas narradas por parte da comunidade, temos a senhora Ester Mota nos diz que “ela (a parteira) já era mãe, a primeira mãe que eles (nascituro) viram primeiro foi à parteira”. Notemos nesse depoimento o tom de afetividade que envolvia a relação entre a parteira, parturiente e o nascituro, pois aqui é destacado que a parteira é a primeira pessoa que a criança ver quando vem ao mundo, sendo essa a primeira mãe da criança.

Quando perguntadas se não fosse à presença das parteiras na comunidade, a resposta dada por essas mulheres nos permite compreender com mais precisão o quão útil foram elas, como podemos perceber pelo relato da senhora Esmeraldina, quando perguntada se não fossem as parteiras o que seria das mulheres da comunidade ela respondeu: “Ia para Campina Grande, em cima de um pau-de-arara deitada num colchão, quase morta, para os médicos fazer a dinheiro, era trezentos, trezentos reais ou duzentos, que o médico fazia e a parteira fazia por cem reais mais era a minha mãe e eu não pagava nada”

Nesse trecho citado, percebemos as dificuldades enfrentadas pelas parturientes que caso quisessem um parto hospitalar tinha que serem deslocadas à Campina Grande, isso à 120 Km de distância, em uma viagem que podia durar até uma hora e meia, correndo o risco de morte. Podemos ressaltar também no depoimento, o fato dela mencionar que seus partos eram feitos de graça, pois a parteira era sua mãe, as parteiras da comunidade faziam esse trabalho todo de forma voluntária, pois muitas delas acreditavam que seu saber era uma dádiva dada por Deus, exatamente para servir a comunidade, de forma que caridade era um sentimento que moveu essas mulheres, e as parteiras que cobravam para fazerem partos eram dos municípios vizinhos, mas mesmo assim muitas famílias no momento não tinham como arcar com esses custos, recorrendo assim ao trabalho voluntário das parteiras locais.

Já a senhora Inácia Dias falando sobre o seu primeiro parto ela nos conta sobre a importância de dona Didi, que foi a parteira que lhe auxiliou nesse momento:

...era uma boa parteira, começou a ser parteira com 30 anos de idade, o primeiro menino que ela pegou foi da mãe dela, acredita? Ela pegou o próprio irmão, filho de umbigo, pronto foi o primeiro que ela pegou na hora porque tinha ido chamar minha vó, mas a minha vó já era *veinha* demorou a chegar, o menino já tinha nascido, ela já tinha feito, já tinha ajeitado, só faltava cortar o umbigo a minha vó foi, e ensinou a ela como era, e ela amarrou e cortou o umbigo do menino *direitamente* como que tivesse, fez tudo a minha vó só terminou de ensinar e ensinou só essa vez e ela pegou todas as práticas que graças a Deus não sei nem a soma de meninos que ela pegou e nunca morreu uma mulher de parto na mão dela.

Dona Didi foi a parteira mais conhecida da comunidade, como já mencionamos e isso se deu ao fato percebido nessa narrativa, não só a grande quantidade de partos realizados, que não podem ser contados, mas porque nunca morreu uma mulher em suas mãos.

Outro trecho de narrativa que merece destaque, sobre a importância da atuação das parteiras em sua comunidade e sua importância vem por meio da senhora Severina Maia, ao falar de dona Dondon ela conta que:

Ela gostava muito de ir na casa das mulheres grávidas, ela gostava muito de conversar com as *mulher* antes, assim durante a gravidez, sim ela sempre gostava de ir lá as vezes fazia recomendação as *mulher*: Você não faça isso, não faça aquilo,

isso não presta pra você fazer ela sempre recomendava assim uma orientação a gestante.

Enfim, isso demonstra que o acompanhamento realizado pelas parteiras se iniciava muito antes do momento do parto, e que essas mulheres participavam ativamente da vida familiar das pessoas da comunidade estabelecendo com eles uma relação de amizade e confiança, fato esse que não podemos perceber no parto realizado em hospital.

Nem em todos os momentos, os esforços feitos pelas parteiras davam certo, em certas ocasiões de partos delicados, lembremos que no âmbito hospitalar mesmo com os médicos, aparelhos, medicamentos acontece a mortalidade, seja da criança ou da mulher, conseguimos por meio de nossa pesquisa, o que chamamos relatos de morte, que associados aos relatos de vida queremos evidenciar em nossa pesquisa, porque aqui eles irão evidenciar o sentimento de frustração por parte da parteira que mesmo fazendo tudo que estava ao seu alcance não conseguiu fazer a vida triunfar sobre a morte.

Cada parto era um momento diferenciado, uma experiência nova, tanto para a parturiente, como para a parteira, esse não era só o momento de colocar em prática seu saber, mas também, de adquirir mais saber como podemos observa pelo depoimento da senhora Severina Maia; “Porque cada um filho é diferente, o parto é diferente um do outro, não é tudo de um jeito só, não (...) Eu vou me preparar porque vai ser daquele jeito, mais não vai ser daquele jeito não (...) É assim é bem diferente”. Mesmo as parteiras lutando pelas vidas que foram confiadas em suas mãos temos também em nossa pesquisa, relatos de morte, como podemos perceber pelo relato da senhora Lourdes Silva, quando perguntada se não fossem as parteiras, ela responde:

As mulheres morriam, como morreu a de Antônio Celestino, a primeira mulher dele, era minha tia de Lagoa de Onça, ela morreu deixando dois filhos e a parteira dela ou foi o médico disse, que ela morreu porque arrancaram um *rins* dela durante o parto na puxada da placenta, puxaram e veio um *rins*.

Outro relato de morte durante o parto nos foi dado pela senhora Severina Maia que conta a experiência de uma parteira da comunidade que ela mora:

Ela foi fazer um parto, e a mulher morreu, já nas mãos. Foram buscar um médico em Taperoá, e quando chegou, só fizeram tiraram a criança e a mulher morreu, e ela tomou conta da

criancinha, ela adotou a criança, só que a criança com pouco tempo morreu, ficou doente.

Notemos no depoimento, a situação de abandono da mulher grávida, que estava só em casa com filho, o marido como alguns da região tinha migrado para o Rio de Janeiro em busca de trabalho e melhores condições, deixando ela grávida, foi por isso que no relato a parteira adotou o filho que ficou órfão durante o parto, mas que com o avançar dos dias esse também veio a óbito. Em fim na comunidade tanto rural como urbana as parteiras estavam presentes, por meio de seus saberes auxiliando as famílias.

Quando pesamos o parto hospitalar, achamos que esse por oferecer mais recursos para a parturiente é considerado a melhor forma de parir, mas com o avanço de nossa pesquisa percebemos que esse é um pensamento equivocado, dentre as mulheres entrevistadas tivemos algumas que vivenciaram essa dupla experiência de parto a domicílio com a parteira, e o parto hospitalar com o médico e que preferiram o parto em casa como podemos perceber pelo depoimento da senhora Severina Maia:

A gente ficava tranquila em casa, ficava dois dias de repouso, quem descasa na maternidade não tem repouso não, quando tem o primeiro filho já se levanta, daí já vai tomar banho. Dentro de casa tinha repouso, tomava banho com água morna, não tomava com água fria e ficava deitada repousando mesmo e quem ganha na maternidade nem fica de repouso lá, e quando sai de lá já vem *batendo* dentro de carro nessas estradas.

Notemos aqui, no depoimento da senhora, o predomínio do pensamento da mentalidade popular, da crença sobre o pós-parto da necessidade de um período para a recuperação da mulher, fato que não é observado no parto em ambiente hospitalar, sem falar, que o contato entre grávida e médico só se dava no momento do parto, enquanto no parto realizado pela parteira, havia uma relação que se iniciava bem antes desse momento.

Essa preferência pelo parto no lar, por parte das mulheres se davam por outros fatores também, como podemos perceber pelo relato da senhora Inácia Dias:

Para lhe falar a verdade eu achei melhor quando eu tinha em casa, com *cumade* Didi, de que quando eu saía para fora (...) era o costume eu me envergonhava um pouco, eu achava melhor quando era com ela propriamente, ia (para o hospital) porque era obrigado, mas a gente não se sentia como, sabe? Poderia ser que o sofrimento fosse menos, mas a dedicação que eu tinha pra *tá* em casa junto com ela e com todos eu achava melhor, acredita?

Vale apontar que as parteiras não foram as responsáveis por todos os partos, mas sim pela maioria, isso se dar por vários fatores um deles percebemos no trecho a cima, a vergonha de expor o corpo para um desconhecido, fato que era comum no hospital. Assim foram as parteiras essas mulheres cuidadoras as responsáveis por intermediarem o nascimento em Salgadinho por meio de suas práticas chegando e serem mais consideradas que os médicos, como percebemos pelo depoimento da professora Socorro do Bonfim falando sobre a parteira dona Nininha, ela conta que:

A importância dela é muito grande, principalmente na minha casa, foi muito importante, porque na época que, tudo de doença lá em casa, ela sempre *tava* do lado da gente, como enfermeira que não tinha enfermeira aqui, tudo era ela lá em casa, era tanto que meu pai confiava mais nela que no médico (...) Era muito difícil, aqui as coisas, e na época que a gente, que ela atuava aqui, ela ver que as dificuldades, se adoecesse uma pessoa, para curativo só tinha ela para fazer.

Em todos os depoimentos podemos perceber como foi importante a atuação dessas mulheres que partejavam foram elas as responsáveis não só por colocar no mundo uma geração, mas por prestar os primeiros cuidados aos moradores da localidade.

2.3. UMA PESSOA QUE SABIA AMAR O PRÓXIMO: MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DAS REZADEIRAS POR SI MESMA

Para entendermos se as rezadeiras tinham consciência de sua importância, iremos analisar alguns trechos de suas falas, para demonstramos isso. Para obtermos essa informação perguntamos as rezadeiras, o que foi que aconteceu durante esse tempo que ela reza que marcou a sua vida, recorreremos ao depoimento de indivíduos, mas que estão inseridos em uma categoria coletiva e social uma que é a da rezadeira. Quando indagada sobre isso dona Inácia Dias nos responde:

Um dia desse, uma mulher dali do Bonfim, filha de Daniel, chegou aqui com uma criança, essa criança tanto vomitava, com licença da palavra, como era desinquieta e sem fôlego e ela mandou: Dona Inácia eu *truve* ela aqui por que ela já amanheceu o dia assim, aí a gente foi *pra* uma novena, aí quando *chegemo* ela já passou a noite com febre e vomitando e eu queria que a senhora rezasse nela se ela não *miorar* eu vou com ela para o médico aí eu disse: Você não levou ela pro médico não? Aí ela

disse: Não senhora. Porque mãe disse: Vá lá na casa de dona Inácia que ela reza.

No trecho acima citado, percebemos como a rezadeira se tornou importante, pois quando a criança doente, iria ser conduzida ao hospital a avó da criança orientou a mãe para antes ir à casa da rezadeira, de modo que percebemos que aqui, a rezadeira foi a primeira opção é a mais viável para essa mãe da comunidade e Inácia continua dizendo:

Eu saí *pra* ali, tirei as três folhas de arruda, aí rezei; a menina quando eu terminei de rezar ela já *tava* cochilando, assim fechou os olhos e dormiu, (...), aí ela se acordou, já acordou-se a já foi sentando no colo da mãe e puxando o vestido dela pra mamar. Pode perguntar isso a ela, ela deu a mamada dela, quando terminou ela se sentou ali e foi brincar com as *cabeceiras* que eu tinha era até outras puxando as rosas e gritando. *Vala-me* Deus ela *ta mior*, se ela não vomitar, aí eu sei que ela demorou um pedaço, aí com pouco a danadinha desceu do sofá e foi andando lá pra cozinha atrás de um cachorrinho que eu tenho.

Repare os três momentos na fala da rezadeira: O primeiro momento, em que a mãe chegou à sua casa, com a criança doente em busca de ajuda na figura da rezadeira. O segundo, o que a criança foi rezada. E em terceiro, e último o momento em que a criança ficou totalmente curada, voltando para casa diferente da forma que veio, recuperando assim por meio da reza o seu estado de saúde. Já a senhora Maria do Carmo nos fala que:

Aqui dentro do lugar mesmo, eu já rezei em pessoas que era gritando, com a dor, dizendo que ia *pro* hospital, que ia *pro* hospital, eu disse não vá, não vá, que você fica bom um mora em Assunção e outro mora aqui mesmo Manuel Leitão e o outro é *Zé de Tonha*. Eu fui lá na casa dele, ele não podia andar não, já ele não precisou não (ir ao hospital), não, rezar de *triadura*, a pessoa rezou, tendo fé em Deus não precisa, só se for quebrado que só Deus e o médico que pode *né*, mas essas coisinhas assim eu não tenho medo de resolver.

Note na fala da rezadeira, o fato que o doente, estava tão debilitado que não pode ir à sua casa, ela ao receber o chamado foi à casa do doente, ainda em sua fala ela não deslegitima o conhecimento médico, como muitos médicos fazem com a crença nas rezadeiras e a mesma reconhece que há doenças que só a rezadeira cura e há doenças que só o médico cura.

Já a senhora Judite Job, nos conta que “Eu morava no Bonfim tinha um pedreiro fazendo uma casa sabe, aí sofreu um choque nas costas dele, ele quase que não descia de

cima da casa, aí eu rezei nele e ele ficou bom e muitos que eu rezo sai servido”. Observe no relato da rezadeira o trecho em que ela disse que os seus rezados saem servidos, ou seja, curados após sua reza, além disso essa fala demonstra muito bem o aspecto divino da chamada das rezadeiras que é servir à comunidade. Já a senhora Rita Nogueira não levando para o lado de representação de cura, mas uma representação do ritual de proteção contra praga ela nos conta que:

Sempre todos os anos, quando a nossa planta nasce no roçado eu vou com o *rusário* da Imaculada Conceição e o crucifixo, rezo (...), nos três aceiros e um, eu deixo solto, aberto sabe, para as pragas irem embora sempre graças a Deus abençoou, sabe? Teve uma vez que, teve uma praga que comeu o roçado dos *vizim* lá no João Bento, comeu de todos eles que não tinha fé em Deus sabe, mas quem tem fé em Deus a praga não chega perto no meu roçado só atingiu três *pé de mi* comeu do pé a madeira, comeu a madeira toda, mais desapareceu.

Destacamos esse trecho, pois falamos que os cuidados das rezadeiras não estavam restritos às pessoas, mais como as plantações eram parte importantes, para a sobrevivência do sertanejo elas desenvolveram rituais, tanto para proteção contra as pragas, como também para expulsar as pragas das plantações. Note na fala dela, a necessidade de destacar que o seu roçado não foi tão atingido, como os dos vizinhos, e o fato disso ter acontecido, segundo a rezadeira foi pela falta de fé em Deus.

2.4. ELA APAGAVA O FOGO COM A REZA: MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DAS REZADEIRAS PELA COMUNIDADE

Nesse ponto, vamos dar voz à comunidade, as pessoas que se viram em dificuldade, e desprovidos do aparato do Estado que prestasse assistência, na hora da dificuldade, foi aos saberes das rezadeiras que o povo recorreu, e essa não era a última opção, mas a única disponível na comunidade, e é por meio da narrativa de quem recorreu a elas que iremos entender a importância dessas práticas, dentro da comunidade, por meio de quem vivenciou essa experiência. A senhora Ester Mota que é rezadeira falando sobre outra rezadeira Júlia Bezerra, nos conta que naquela época quem:

Chegar lá chamar na porta, e ela rezar, e dizer que as pessoas iam ficar boa, e dava uma palavra de conforto a gente saia de lá mais forte, sabendo que eu já levei criança *pra* lá desgovernada,

levei nos meus braços e ela rezou e ficou boa. No outro dia a lembrança que eu tenho dela que eu *tava* com uma dor de dente forte que eu corri, corri mesmo, daqui até na casa que era dela, quando cheguei lá seu *Paizim* disse: Ela foi para Assunção, eu fui pegar ela entre a casa de Damião Macaco, não sei se você chegou a conhecer a casa de *Biu baixim* (...), ela *tava* lá conversando na porta eu cheguei *apois*, ali ela rezou *neu*, na porta mesmo, eu vim pra casa, quando eu cheguei em casa era um caco de dente que eu tinha arrancado e ficou dentro da gengiva, quando foi com dois dias ele caiu (...) inclusive ela era uma pessoa que sabia amar o próximo aqui dentro da comunidade ela foi uma pessoa muito *servideira*.

Nota-se, nesse depoimento alguns aspectos, que temos já ressaltado no texto. O primeiro, que a palavra da rezadeira, tinha um efeito sobre a pessoa, que aflito, via nessa mulher a fonte de um conforto. Segundo, que a rezadeira sempre estava disposta a rezar na pessoa, independente do lugar, pois nesse depoimento, a mesma foi abordada na porta da casa de outra pessoa, enquanto essa conversava, e rezou na pessoa que a procurava.

Já a senhora Efigênia, lembrou um momento de reza no seu roçado “Era uma lagarta tão grande no mundo, quando era na sexta-feira da paixão, ela vinha bem *cedim*, aí rezava, rezava aquelas chamava *mufina*, chamava *mufina* com as lagartas, *oxe* ela rezava quando era com três dias, não tinha mais nenhuma caía *tudim* e morria na areia quente ali tinha uma reza santa viu”. Aqui destacamos na fala dessa senhora a ênfase em narrar que com três dias depois da reza a praga do roçado tinha caído, e que essa mulher em questão aqui tinha uma reza santa, essa frase evidencia o poder simbólico atribuído a essa mulher dentro da comunidade. Já no depoimento da senhora Lourdes ela nos conta que:

Tinha muita gente, que chegava muito agoniado, muito agitado, aí quando ela começava a rezar, aí já *miorava*. Eu mesmo um dia eu fui *pra* lá era um dia de domingo, mãe não *tava* em casa, ela (Julia Bezerra) era quem *tava* ela (Maria Bezerra) tinha ido pra rua. Tia Júlia. Aí me deu, me atacou uma dor de dente, me atacou uma dor de dente, que só faltava eu correr aí eu fui, *botei* um pano na cabeça e saí chorando *pra* lá, eu fui eu cheguei lá, ela disse: Minha *fia* o que foi? Eu disse: É um dente madrinha Julia doendo, (...). Aí eu dizia: é um dente madrinha Júlia doendo eu estou sem suportar! Aí ela: Chegue minha *fia pra* cá, deixe *eu* rezar, ela era rezando e com a mão em cima do dente (Colocando a mão no queixo) o dente *vêi* chega pulava.

No depoimento da senhora, percebemos esses dois momentos, o de agonia, que vai fazer a pessoa procurar a rezadeira, e de alívio após essa reza, note que ao falar sobre

ela mesma, ela salienta que saiu de casa com dor de dente chorando à casa da rezadeira em busca de alívio. A mesma falando sobre esse evento marcante ainda continua:

Ela perguntava: Você quer que eu reze *pra* ele *miorar*, ou reze pra ele se quebrar? Eu disse: Ah! Madrinha Júlia reze logo *pra* esse danado se quebrar, (risos) porque do jeito que ele está me *aperriando*, *assa* noite eu não *durmi* nadinha, aí ela, *oxem* aí ela rezou pra se quebrar, mais Ivo aí pronto. Passou mais uma coisinha? *Ta* passando (Pergunta a rezadeira). Aí ela foi: Se deite aí um *pedacim* na cama (olhos lacrimejando); aí eu me deitava aí, *oxe*, eu dormi um *sonim*, eu dormi um *cochilim*, quando me levantei, *oxe* o dente tinha passado, eu já vim embora pra cá mais alegre, mais contente, aí quando foi com poucos dias ele inchou, parou de doer, aí eu fiquei com o queixo alto (gesticulando com a mão o jeito do inchaço) e o outro baixo, aí quando ele desinchou, pois, esse dente se quebrou *todim*, ficou só os farelos, *num* ficou nenhum caco se quebrou *todim* que ela rezou, a reza dela era forte se quebrou *todim*.

Além do que temos destacado, no outro trecho citado, nesse, percebe-se como a crença na reza da rezadeira era forte na mentalidade da população local, pois aqui não só o alívio da dor de dente como o fato dele se quebrar foi atribuído ao poder da reza dessa mulher. Como os cuidados das rezadeiras não estavam restritos às pessoas, mais algumas rezadeiras eram procuradas, pois, rezavam em animais e em roçados como podemos perceber pelo depoimento da senhora Rosemira Sousa, quando ela diz que:

Nas jumentas, eu sei que ela rezava, quando a jumenta não queria comer, e quando *Zé Miguel* *butava* ela na Serrinha, ela rezava, ela disse: Era *pras* almas vaqueiras *butava* as jumentas em casa e *butava*. Eu ia lá correndo e ela fazia isso (...). Chamei muitas vezes, tia *Noca*, era dia de São Sebastião, *pra* proteger das pragas na lavoura, *pras* lagartas não acabar a lavoura.

Nota-se aqui nessa fala, o sincretismo religioso que caracteriza o ofício de muitas rezadeiras, pois essa aqui em evidência nesse trecho rezou às almas vaqueiras, sendo que essas almas, segundo, a crença popular, são treze espíritos que já morreram por não serem más o suficiente, por isso não foram para o inferno, não foram boas o suficiente para irem para o céu e não tinham pecado para irem para o purgatório, ficando assim vagando pela terra para ajudar os vivos. Ainda dentro da mesma abordagem a senhora Maria Gorete nos conta que a rezadeira:

Rezou muito aqui em casa, foi no gado, aí teve uma vez que a gente achou que tinha sido cobra e ela rezou, e muitas vezes

meu pai chamava ela *pra* rezar aqui no terreno pra afastar as cobras pra soltar os bichos, e ela rezava e graças a Deus as cobras não pegava não. Ivo a finada madrinha Júlia *Neco* se tocasse fogo. Às vezes o pasto *num pega* fogo? Incêndio? A pois ela apagava o fogo com a reza, ela apagava o fogo, a madrinha Júlia *Neco*.

Os animais faziam parte do cotidiano do povo sertanejo, quando esses adoeciam ou desapareciam, eram as rezadeiras que essas pessoas recorriam, e não só nos casos de animais, mas no depoimento percebemos também o cuidado da rezadeira com o roçado e o pasto que servia de alimento para os animais. Mesmo algumas rezadeiras tendo partido a crença nos poderes das rezas dessas mulheres é tão forte que na ausência de rezadeiras dedicadas a arte de curar, é comum os moradores clamarem pela intercessão delas como podemos perceber pelo depoimento da senhora Efigenia:

Olhe e vou lhe dizer a verdade um dia eu *tava* com uma dor de cabeça tão grande, tão grande, lá em casa aí madrinha Júlia já tinha morrido, aí eu me peguei com madrinha Júlia, pela alma dela pra ela rezar onde ela tivesse, ela rezasse em mim daquela dor de cabeça, mas tu acredita que quando foi uma hora, *oxe* eu fiquei quietinha ali num canto deitada pensando nela, a pois meu *fi* assim uma hora mais ou menos num estante minha cabeça passou.

Estivemos aqui recorrendo, aos relatos dos moradores locais para demonstrar a importância das práticas desenvolvidas pelas rezadeiras no cuidado com a população apontando assim que elas foram responsáveis nessa época por cuidarem da população. E foi por meio das suas práticas que essa buscou alívio para as suas dores.

CAPITULO III: O SAGRADO SECRETO DAS PARTEIRAS

Nesse capítulo pretendemos mergulhar fundo no universo mágico-religioso das parteiras locais. No primeiro tópico vamos traçar o perfil da parteira local, com o objetivo de dar forma a imagem da parteira. No segundo, apresentamos as parteiras locais, apontando principalmente as suas singularidades. No terceiro percorremos o sagrado das práticas ritualísticas usadas por essas mulheres para desenvolverem o seu ofício de partejar. Já no quarto e último apresentamos as rezas que eram usadas por elas em determinados momentos do parto.

O conceito de sagrado secreto está intimamente ligado ao saber fazer dessas mulheres, sagrado aqui, porque é na sua forma de se relacionar com o divino estabelecendo esse contato entre o pedinte e a divindade, e secreto porque as parteiras mantem suas rezas em secreto, sendo que durante o ritual de cura elas murmuram essas rezas. De forma que para essa pesquisa foi um pouco trabalhoso recuperar essas narrativas, pois algumas parteiras não revelaram suas rezas deixando com isso o silêncio falar por ela, pois isso é um importante aspecto também de seus sabres.

3.1. MÃOS QUE PEGAM: O PERFIL DAS PARTEIRAS DE SALGADINHO

Ao analisarmos os perfis das mulheres que tivemos oportunidade de nos aproximar nessa pesquisa, percebemos que elas tinham vários pontos em comum, que iremos analisar, mais adiante, mas salientando que nosso objetivo não é de homogeneizar a imagem de nossas parceiras de pesquisa, pois, mesmo tendo muito em comum, o ofício de parteira como foi desenvolvido em Salgadinho tinha muitas variantes que serão destacadas ao longo do texto. É preciso apontar que essa pesquisa se situa temporalmente em um período em que houve uma intensa valorização da maternidade, “Por ser o século XX de extrema valorização da criança, a maternidade foi vista como a verdadeira essência da mulher, ou seja, inscrita numa espécie de ‘natureza feminina’” (VÁZQUEZ; 2016, p. 2336).

No âmbito municipal percebemos que esse pensamento esteve presente ao encontramos mulheres que deram à luz a vários filhos não só por causa desse pensamento,

mas também, pela falta de acesso a métodos contraceptivos, que eram raros nessa localidade na época em estudo, e mesmo estando presente, havia uma resistência dos moradores em usar isso, pois esses recursos ficam na unidade de saúde, na sede do município e os moradores das comunidade não tinha como ir, em busca desses recursos, o que fez com que as taxas de natalidade da época fossem altíssimas. De forma que foi por meio das mãos das parteiras que essas pessoas chegaram ao mundo.

A primeira característica em comum entre as parteiras que encontramos, é que esse ofício em Salgadinho foi exercido predominantemente por mulheres, sendo assim o parto era visto, como coisa de mulher, e elas desenvolveram esse ofício por necessidade, pois, para a época, essa era a única forma da mulher dar à luz dentro da localidade, garantindo a continuidade e existência da comunidade, essas mulheres que realizavam os partos tinha profunda relação de confiança entre elas e a comunidade.

Mesmo com a implementação dos veículos de saúde, que faziam o deslocamento dessas mulheres para as regiões urbanas, que tinham hospitais e maternidades elas continuaram a ser procuradas, pois enquanto os médicos representavam o desconhecido, as parteiras representavam o conhecido pela comunidade; enquanto a parturiente tinha que ir ao médico, a parteira ia à casa da parturiente, enquanto o médico era um homem, a parteira era uma mulher; enquanto o médico atendia no hospital fora do município, as parteiras atendiam na casa da parturiente; de forma que o parto intermediado pela parteira representa esse momento sagrado vivenciado entre mulheres em ambiente domiciliar.

A segunda característica era, a jornada de múltiplo trabalho. As parteiras eram as donas de casa, dedicadas ao lar, as mães de família cuidando dos filhos e o marido, eram as agricultoras dedicadas ao roçado e a criação de animais e nos momentos de necessidade assumiam a função de parteira para atender quem necessitava. Ser parteira aqui era exercer várias funções, como acompanhamento das grávidas, indicação de remédios naturais, repouso, ou seja, a assistência das parteiras era antes, durante e depois do parto, pois aqui as “Parteiras fazem mais do que partos, são conselheiras, curadoras da família e dos necessitados. Pessoas que detêm saber essencial na sobrevivência das comunidades” (NASCIMENTO *et. al.*2009; p. 320).

A terceira era que na grande maioria dessas mulheres o seu conhecimento era prático, vinha de suas experiências, a começar pelos seus próprios partos, pois todas as parteiras quando começaram a atuar já eram casadas e mães. Esse conhecimento vinha

também do dia-a-dia que era passado oralmente, e da prática ao auxiliar uma parteira mais velha da comunidade, de forma que elas se tornaram as guardiãs do saber da comunidade e formadoras da identidade local e por meio desse ofício, moldaram não só a comunidade por intermediarem esses partos, mas também deram suas contribuições para a memória e identidade local, pois seus saberes ainda se encontram em circulação hoje.

Em quarto, podemos destacar que esse ofício vai conciliar em seu exercício quase sempre manobras mecânicas feitas pelas parteiras para facilitar o parto, que eram associadas ao uso de rezas e bebidas, que, segundo a crença facilitaria o parto. Temos aqui a parte mágico-religiosa desse momento que era considerada a passagem da criança do mundo espiritual para o material, e que por isso, esse momento era envolto em uma ritualística que fazia parte da mentalidade da época e percebemos isso ao analisarmos as práticas adotadas pelas parteiras no exercício de seu ofício.

Em quinto, podemos destacar o grande prestígio e reconhecimento social que essas mulheres conquistaram para si, por meio do exercício dessa atividade. Nos depoimentos as pessoas se referem à parteira como “comadre”, “dona”, “mãe”, “mãe de umbigo”, “mãe da comunidade”, “mãe das mães” e muitas dessas parteiras se tornaram figuras presentes nas memórias das famílias locais, pois foi por meio dessas mulheres que as famílias locais garantiram a sua continuidade na comunidade e isso demonstra como sua atuação foi importante.

Em sexto lugar, podemos destacar, os rituais que eram executados por essas parteiras, que eram resultado da miscigenação cultural, pois além das rezas feitas geralmente às santas auxiliares das grávidas, vamos identificar também a manipulação de chás e garrafadas; o uso da cachaça, do urucum e cominho e outros elementos que iremos destacar mais adiante. Esses usos são provenientes das culturas afro e indígena. De forma que perceberemos que seu saber é uma ponte, entre esses conhecimentos primitivos e a comunidade, entre o pensamento selvagem e o civilizado, entre o passado e o presente.

Em sétimo, podemos destacar que devido à dificuldade de transporte da época, essas mulheres se deslocavam para a casa da parturiente de várias maneiras, podendo ser de cavalo, jumento, bicicleta ou até mesmo a pé, fato esse que muitas vezes fazia com que a parteira chegasse atrasada e o parto já tivesse acontecido, de forma que restava a ela, o corte do cordão umbilical, cuidados com o bebê e a mãe. Isso é apenas uma das

muitas dificuldades que foram contornadas pelas parteiras na época, e mesmo com essas, elas não desistiram de exercer sua função.

Em oitavo, podemos destacar os instrumentos, que eram usados por elas, quase sempre se constituíam de coisas que eram requisitadas na casa da parturiente mesmo, durante o momento do parto, que, por ser algo repentino pegava a todos despreparados. Como podemos perceber por meio do depoimento da senhora Inácia Dias narrando um parto acontecido em 26 de julho de 1978 ela nos conta que:

...eu me lembro tinha muito leite lá em casa eu estava despachando o leite e senti umas dorzinhas assim (colocando a mão do lado da barriga). *Oxe* só deu tempo eu fazer a entrega do leite, aí começou a dor, aí eu mandei chamar ela, foi *cumade* Didi também, porque a gente morava porta com porta.

Era comum nesse momento a parteira pedir, bacias, tesoura, cachaça, pano, ervas para chás, e outros objetos durante o parto. Esses eram alguns dos instrumentos usados por elas durante esse momento que de tão repentino não dava muitas vezes tempo da parteira se organizar.

Em nono, podemos destacar a vivência entre a tríade aqui estudada, composta pela parteira, parturiente e nascituro, pois, enquanto no parto hospitalar, a figura do médico sai de cena após a episiotomia, deixando a mulher aos cuidados de terceiros, era comum no parto em domicílio o acompanhamento ir bem mais adiante. Algumas parteiras chegaram mesmo a cuidar do resguardo da mulher que elas atendiam. Nesse sentido, para as mulheres “O partejar constitui um ato de partilha, uma ação onde múltiplos elementos são trocados. A parteira coloca à disposição da mulher e da criança o seu saber, sua técnica e sua força, mas também seu afeto, sua fé e suas rezas” (SILVA *Apud.* FARIAS; 2013 p. 28).

Em décimo, podemos destacar que por terem pegado muitas crianças, não só da comunidade, como fora dela, essas mulheres tiveram muitos afilhados, isso porque muitas das mulheres por não tinha dinheiro, ou qualquer outra coisa para dar à parteira costumavam dar um de seus filhos para ser afilhado da parteira, de forma que essa relação era selada no altar, isso evidenciava a importância social delas, pois ter afilhados nessas comunidades era sinal de prestígio. A parteira não cobrava por seus serviços, mas era

comum as pessoas darem alguma coisa, como percebemos pelo depoimento de dona Inácia Dias:

Dava por amizade, por amigo, mas não dei eu lembro nesse tempo a gente tinha uma porção de gado, e de criação eu dei uma bezerra a ela foi onde ela começou o lance de gado dela, foi logo de Marcos antes dela pegar os outros, aí eu dizendo que era um presente de aniversário e eu não podia dizer a ela que foi por isso, ela não ia receber.

Nota-se aqui dona Didi fez o parto, e não determinava valor, nem aceitava receber nada por isso, mas dona Inácia querendo retribuir o favor, usou a tática do aniversário dessa parteira para lhe retribuir a dádiva recebida por meio da parteira.

3.2. “AS MÃES DAS MÃES”: AS PARTEIRAS DE SALGADINHO

Para facilitar a compreensão do ofício de partejar, iremos apresentar as parteiras que foram encontradas exercendo a função no município de Salgadinho durante as décadas de 60 a de 80, pois, entendemos que “não se pode falar das parteiras como se elas fizessem parte de uma mesma categoria social. Entre elas havia diferenças sociais e culturais importantes” (MARTINS; 2004, p. 74-75). E essas diferenças sociais serão apontadas aqui.

3.2.1 Maria Alves dos Santos: mãe Didi

Figura 4- Maria Alves, mãe Didi



Fonte: Arquivo pessoal de Thirson Francisco

Conhecida como mãe Didi, nasceu em 25 de fevereiro de 1936, agricultora e costureira, casada com o senhor José Pedro dos Santos, conhecido como *seu* Nozim residia no sítio Cedro, teve 22 filhos, a maioria nascido em casa, uma das parteiras que a atendeu foi mãe Chiquinha, mãe Didi é uma das parteiras mais conhecida na comunidade Salgadinho. Já falecida na ocasião dessa pesquisa entrevistamos o seu marido para buscar relatos sobre ela. Atuou durante uma grande temporada na região de São José, Bonfim da Batalha, Batalha, João Bento; e foi uma das mulheres que “pegou” muitos dos salgadinhenses, foi a principal inspiração para o início de nossas pesquisas é tão conhecida que sua vida e obra foi narrada em um cordel, produzido na comunidade em que vive, destacamos o verso a seguir falando sobre ela;

Seu trabalho é conhecido
Em toda essa região
Trabalhou por muito tempo
Na Batalha e no Grotão
São José e Salgadinho
Devem a ela gratidão
(...)
Parteira era o trabalho
Que dona Didi exerceu
Deixada por sua avó
Herança que recebeu
Trabalhou com muito amor
Por enquanto ela viveu.
(OLIVEIRA, 2018, p. 2)

Dona Didi recebeu o ofício de partejar por herança familiar, através de sua avó que também era parteira, acreditamos que por perceber essas dificuldades enfrentadas pelas mulheres em trabalho de parto, as próprias parteiras tinham o cuidado de transmitirem esse saber-fazer para outras mulheres. Depois de adquirir esse saber como assistente finalmente chegou o momento de pôr o conhecimento em prática, fato que se deu ao fazer o parto de sua mãe que ocorreu 23 de julho de 1963, ela pegou um irmão, fato curioso aqui, pois ela além de ser irmã, se tornou a partir desse momento mãe também de seu irmão, mas mãe de umbigo.

O último parto realizado pela senhora Maria Alves se deu no dia 03 de fevereiro de 2004, na comunidade de São José da Batalha, percebemos aqui como foi extensa a atuação de dona Didi, que chegou quase aos quarenta anos servindo a população de Salgadinho como parteira. Sobre esse último parto, este se deu de forma curiosa que

podemos perceber pelo relato da senhora Cícera Oliveira que foi a parturiente atendida por dona Didi sobre esse momento ela conta:

Eu comecei a sentir contração estava chovendo muito, por volta das 9 horas da manhã, e nas 11 horas da manhã e rolou o resto do dia, por volta de altas horas da noite, chamamos o meu tio Mané Joca e comadre Inácia, quando foi pra ir pra maternidade, quando chegou no riacho de João Domingo estava chovendo bastante e não teve como passar, o carro soterrou ficou um lado todo, (...) a gente ficou lá nessa brincadeira amanheceu o dia quando foi cedinho meu pai chegou (...) e eu sentindo as piores dores para ter o menino e não tinha jeito, eu andei mais de pé, do que de carro, eu fui na frente voltei pra cá, aí Mauricio estava no meio da turma, Mauricio veio mais meu marido e foi chamar mãe Didi lá no sítio, e comadre Inácia já estava comigo ela já fez parto, aí comadre Inácia estava comigo, aí a gente voltou, isso era uma terça-feira porque eu adoeci na segunda, a gente chegou em casa por volta das 7 horas da manhã, ela ficou comigo quando mãe Didi chegou ficou comigo lá quando foi 10:13 da manhã César nasceu.

Percebe-se aqui, como foi essencial nesse momento a presença de uma parteira experiente como dona Didi. A mulher estava em trabalho de parto e foi deslocada para a cidade de Juazeirinho, lugar onde na época eram levadas as mulheres em trabalho de parto, mas devido a uma forte chuva que tinha acontecido na região o carro foi impedido de chegar ao destino final. Sendo assim Dona Didi foi o único recurso presente para solucionar essa situação.

Dona Didi foi a responsável por colocar no mundo inúmeros salgadinhenses, aqui na comunidade ela atendeu várias mulheres dentre elas:

Ela fez parto até em Maria de Heleno, lembro uma vez Cosme que era *geme* que nasceu debaixo de um cajueiro aqui onde João de Odilon Morou alí, eles moravam numa barraquinha não tinha nem uma casa, eu me lembro foi Tati que era o *fi* mais velho e o outro e Bastim, foram buscar ela no sítio *pra* ali, aí ela veio, e fez o parto desses dois meninos os *gemes*, mais Damião morreu.

3.2.2. Iraci Maria de Gouveia: mãe Irací

Figura 5- Iraci Gouveia, mãe Iraci



Fonte: Arquivo pessoal Carlos Martins

Conhecida como mãe Iraci nasceu no ano de 1928. Hoje é aposentada, mas viveu muito tempo dedicada à agricultura como a maioria da população, diferente das outras parteiras que foram entrevistadas, dona Iraci não reside no município de Salgadinho, mas mora no sítio Jatobá da Serra município de Taperoá, como esse município faz divisa com Salgadinho, dona Iraci atuou nas comunidades de Salgadinho que fazem fronteira com Taperoá. Ela teve 8 filhos ao todo sendo todos nascido do parto intermediado por parteiras. Atuou nas comunidades de Lagoa de Onça, Bulgica, Umbuzeiro.

Foi uma parteira que rompeu fronteiras e atuou em dois municípios, sua entrevista foi um pouco difícil por causa de problemas auditivos associados a um processo de esquecimento, por isso recorremos a sua filha a senhora Lindines Elias de Gouveia que também foi assistente da mãe em alguns partos para sabermos alguns fatos.

Quando perguntada como aprendeu o ofício de partejar mãe Iraci responde: “Ave Maria aí, eu aprendi, sabe eu aprendi, aí Deus tirou ela Mãe Maria minha vó”. Assim como outras parteiras, mãe Iraci começou como auxiliar, para depois vir a exercer o ofício de partejar de forma independente. Em alguns partos realizados, ela teve o auxílio de sua filha Lindines que descreve sua participação em um parto ao lado da mãe ela nos diz: “Fez dezesseis *ano* que eu participei de um. A mulher adoeceu aqui em Jatobá mesmo e não dava tempo levar para Taperoá aí eu fui com ela, aí eu auxiliei ela, foi muito emocionante”.

Quando mãe Iraci foi perguntada se lembrava dos nomes de algumas mulheres que foram atendidas por ela, ela responde: “Eu me lembro de poucas *muié*, *cumade* Teresinha de *cumpade* Mané Tico, Maria de *cumpade* Zé Freire *né*, *cumade* Alzira, *cumade* Sivirina França, Judí que eu peguei uma menina dela que é casada com um *fí* de Aliro, Beatriz que é a finada Bia”. Ela iniciou como parteira no ano de 1955 e continuou “pegando menino” até 1998. Sendo assim atuou durante 43 anos como parteira servindo as comunidades por meio de seu saber.

3.2.3. Luisa Paulina de Medeiros: mãe Luisa

Figura 6- Luisa Paulina, mãe Luisa



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Residia na sede do município, era agricultora aposentada, viveu durante muito tempo dedicada à agricultura e o ofício de partejar, nasceu no dia vinte e cinco de agosto de 1941, começou a fazer partos por volta de 1966, ela teve 5 filhos. Diferente das outras mulheres que receberam o ofício de partejar por parte de uma mulher da família, dona Luisa como é conhecida aprendeu o ofício com uma comadre, a senhora Maria Josefa de Conceição, conhecida como Maria de Lourdes, que foi uma parteira que também atuou na sede do município, exercendo não só a função de parteira, como também de enfermeira. Abordaremos sobre ela mais adiante. Sobre essa relação de troca de saberes estabelecida com Maria Josefa, D. Luisa nos fala como se deu de forma ousada:

Mais é por que eu toda vida fui *incherida*, aí tinha uma *cumade* minha, justamente era a enfermeira que pegava meus filhos onde ela *tava*, eu *tava* mais ela apreciando o que ela fazia, aí um dia ela disse: *Cumade* Luisa nesses dias tu tá *pegano* menino, pode continuar a me ajudar e pronto, por aí eu fui *pegano*, tive pena porque não tinha leitura para aprender para fazer.

Observamos pelo seu relato, que ela destaca sua ousadia para a época, se utilizando do termo “*encherida*”, foi uma mulher que marcou sua presença na história local. Dona Luisa perdeu a conta de quantos partos foram feitos por ela, isso demonstra que sua atuação foi bem ampla, lembrando que ela partejava na sede do município, contamos que ela fez partos de várias mulheres de outros locais que estiveram de passagem por aqui através das obras da estrada e ferrovia que foram realizadas durante seu período de atuação.

3.2.4. Maria Francisca de Jesus: mãe Dondon

Figura 7-Maria Francisca, mãe Dondon



Fonte: Severina Maia

Conhecida como dona Dondon, viveu dedicada à agricultura, residia no sítio Bonfim da Batalha, ela teve 9 filhos todos nascidos em casa, e exerceu a função de parteira durante a década de setenta, auxiliando mulheres no Bonfim, em São José da Batalha, no Olho D'Água e também na comunidade de Serra de Santana, município de Junco do Seridó, sendo assim, dona Dondon foi uma parteira que exerceu influência dentro e fora do município, rompendo com as fronteiras geográficas para atender quem necessitava de seu saber-fazer. Falando sobre a área de atuação de dona Dondon temos o relato que ela:

Fez, fez nas comunidades de São José de Batalha (antiga Cham), aquela menina Dora de Zé de Gererino teve um *bocado* com ela, que ela assistiu a menina estava laçada aí foi que deu o nome a ela, em São José da Batalha, Grotão, nessa região aí (apontando) todinha só tinha ela mesmo, depois dela apareceu outra, que foi a mulher de Nozim

Algumas mulheres da comunidade que foram atendidas por ela são:

Teresinha Faustino, foram 16 meninos, Irene Mendes, das Neves, Aguída, e. Deixa eu ver quem foram as outras Tereza de Roque, Neném, Maria de Luisana, Luízia Ferreira, aquelas outras do povo de Berlarmino, Luisa, deixa eu ver que era as outras... Inácia de Antonio Mendes, Noemi, e mais ali no (...) povo de Mané Belo também aquele setor, Rosa de Luiz Belo e mais que eu não estou lembrada.

Muitas dessas mulheres não residem mais na comunidade, por isso foi difícil encontrar mais detalhes sobre essa parteira. No caso de dona Dondon na região que atuou ela foi a parteira mais velha que tivemos relatos, depois dela veio dona Didi, atuando na mesma região que ela.

3.2.5. Maria Tereza de Sousa: dona Maria

Figura 8- Maria Tereza, dona Maria



Fonte: Lindaura de Sousa

Natural de São João do Cariri, Maria Tereza de Sousa nasceu no dia 2 de outubro de 1922, veio morar em Salgadinho após o casamento com o senhor Manoel Severino de Sousa, por meio da compra de um terreno na comunidade do Olho D'Água, nessa localidade teve 22 filhos todos nascido por meio de uma parteira. Não podemos dizer com exatidão a quantidade de partos feitos por ela pois, algumas mulheres que foram atendidas por ela faleceram ou moram fora e não puderam ser encontradas na pesquisa, mas só de netos e sobrinhos ela pegou 20 crianças.

Era agricultora, costureira, comerciante, fazia cocadas, sequilhos, pavios de algodão para lamparinas, que eram vendidos em feiras ou na venda de seu segundo marido, trabalhava de ganho, fazendo o combate de formigas nos roçados dos seus vizinhos e era também artesã. Morou toda a sua vida no Olho D'Água comunidade essa onde atuou como parteira por 35 anos. Deixou de exercer o ofício por que foi diagnosticada com Mal de Parkinson, sua história nos foi narrada por duas de suas filhas, Esmeraldina de Sousa que teve filhos com ela e a senhora Maria de Lurdes de Sousa, pois dona Maria já era falecida quando essa pesquisa se desenvolveu.

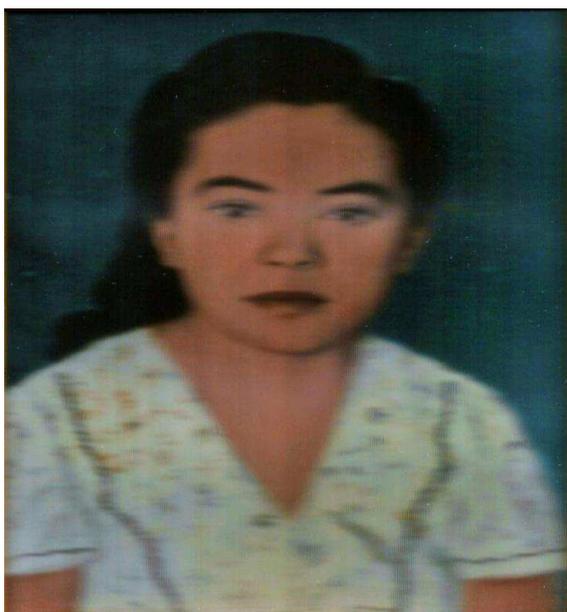
Segundo sua filha Maria de Lourdes, algumas mulheres da comunidade que foram atendidas por ela foram “*Noquinha*, conhecida por *Noquinha*, Iracema, Luzia de *Zaqui* e fez parto da própria filha, de Vanda, fez de Esmeraldina também que foi o parto de Aparecida”. Ao resgatarmos a trajetória dessa mulher nos surpreendemos com uma particularidade só sua como parteira, tivemos o privilégio de investigar nesse relato, sua singularidade se deve ao fato de assumir uma ritualística bem própria, o parto se dava da seguinte forma:

Toda mulher que ela assistia e fazia o parto, ela declarava para a mulher quantos filhos a mulher iria ter, ou se já tinha encerrado, depois ela passou para nós que a mulher só deve fazer ligação quando ela tem mais de trinta anos, porque na placenta reza o tanto de filho que ela vai ter, é uns nozinhos. Ela tinha que ter ou já tinha tido, ela dizia pronto você já pode encerrar, pois na sua placenta já reza a quantidade de filhos que você ia gerar.

Infelizmente devido se tratar de uma parteira que já faleceu não temos como obter mais detalhes sobre essas particularidades do saber dessa parteira sem falar que as mulheres atendidas por elas não dão mais detalhes sobre essa prática.

3.2.6. Maria Josefa de Conceição: Maria de Lourdes

Figura 9- Maria de Tereza, dona Maria de Lourdes



Fonte: Iranilda Oliveira

Conhecida como Maria de Lourdes foi a primeira enfermeira que se tem conhecimento na história de Salgadinho, fez o curso de enfermagem na cidade do Recife, e trabalhou em uma maternidade na cidade de Patos. Atou em várias áreas na comunidade de Salgadinho. Quando perguntada sobre a profissão da mãe, dona Irani nos responde:

Ela era professora, costureira, paneleira, fazia panela de barro, plantava muita horta, trabalhava em agricultura, muitas coisas ela fazia muita, muita mesmo. Ensinava de noite, ensinava de tarde era professora pelo município, e como é que se diz? Professora particular, muita gente de idade de Salgadinho como Janduí, Renira, Joaquim. Todos estudaram com ela.

Percebe-se aqui, que por ter sido detentora de um amplo conhecimento, coisa rara na população da época, a senhora Maria Josefa conseguiu se projetar em várias áreas, que ia desde a saúde ao artesanato. Atuando como professora foi responsável pela formação de várias pessoas da comunidade compartilhando seus conhecimentos não só como parteira, mais também nas múltiplas atividades que exerceu na comunidade.

Devido à vasta experiência na área, dona Maria Josefa não fez apenas partos, mas segundo sua filha, ela atuou atendendo várias pessoas que recorriam aos seus conhecimentos como enfermeira. Dona Maria Josefa, quando foi impossibilitada de exercer sua função de enfermeira pela prefeitura, segundo a família por perseguição política, abriu em sua casa, uma enfermagem onde passou a atender as pessoas que necessitavam de seus serviços. Ela pegou vários meninos filhos dos trabalhadores da rede ferroviária e devido ser a única enfermeira da localidade na época atendia também as pessoas que se acidentavam nesses trabalhos em sua própria casa.

3.2.7. Severina Maria do Maia: Dona Nininha

Figura 10- Severina Maia, dona Nininha



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Dona Nininha, como é mais conhecida pela população local, nasceu no ano de 1941. Reside atualmente no sítio Bonfim da Batalha, comunidade essa onde foi cenário de sua atuação como parteira, ela teve 11 filhos, sendo que 10 nasceram em casa com dona Dondon. Foi uma mulher que atuou em várias áreas para além da saúde, foi professora, costureira, merendeira, como catequista iniciou as catequeses no sítio Bonfim que deu origem a igreja de Nossa Senhora Aparecida, a do Olho D'Água de cima que deu origem a igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e no Olho D'Água dos Lima que deu origem a igreja de Nossa Senhora das Graças, e hoje mesmo aposentada, ainda pratica a agricultura, atuou como ministra na igreja de Nossa Senhora Aparecida, que fica na mesma comunidade em que ela mora.

Atualmente é viúva. Adquiriu um pouco de conhecimento na área de enfermagem através de um curso, mais prático do que teórico, realizado no Hospital de Soledade ao lado de um dos médicos mais conhecidos da Paraíba, o doutor Antônio Ivo. Sobre o início dessa experiência dona Nininha nos relata que:

Era perto dele, a todo instante porque ali, ele ia explicando o que era de fimose, vesícula, e cirurgia normal, *otas era* cesário, *otas* ligação, tudo isso não tinha escolha não. Primeira vez que eu fui parece que eu, quando ele cortou que o sangue voou parece que me quis dar um negócio assim (gesto de nojo), aí pronto eu me firmei aí pronto não quis dar mais não, a gente quando vê a primeira vez tem aquele susto *né*, aí pronto passou dali eu não *tava* nem ligando mais.

Infelizmente dona Nininha não pôde terminar o curso que estava fazendo por dois motivos, o primeiro foi um acidente que ela sofreu, e por último, quando sarou que pensou em retornar para concluir seu curso, o doutor Antônio Ivo tinha se afastado do hospital para disputar as eleições. Mesmo com esse curso incompleto por causa da necessidade, Dona Nininha passou a atuar como enfermeira, e por meio dessa chegou a fazer partos, tendo o seu trabalho como parteira reconhecido, recebeu o convite para ser parteira no Hospital de Taperoá, fato que ela narra da seguinte forma: “mas até a parteira de Taperoá, queria, me convidou para ir para lá, para ir trabalhar lá, mais ela quando terminou, eu disse: não vou não, porque era mais ruim lá não porque, em Soledade era melhor esperava o médico lá em *Juazeirim*”.

O primeiro parto realizado por dona Nininha ficou marcado em sua memória, pois se deu em um momento de muita dificuldade e se tratava de um natimorto, chamado por ela de aborto, ela nos relata de maneira detalhada assim:

Aí quando eu cheguei lá o menino tinha nascido os pés, só os pés dentro do saco d'água desse tamanho assim (gesticulando com as mãos o tamanho), aí quando foi dali foi um sacrifício *pra* tirar, fazendo os *esforço* que eu fiz assim no corpo dela, ora força para tirar uma coisa daquela não tinha como porque ela *tava* se desmanchando a criança. E ela chorando dizendo que sabia que ia morrer. Eu disse: morre não, eu tive onze meninos, não morri porque você só com um vai morrer, morre nada, mas eu vendo que o negócio era complicado, porque a gente não vai dizer não aqui *ta* ruim, não aqui *ta* bom, aqui não tem nada de mais não mulher, aí eu disse eu vou fazer aqui um esforço vou lhe ajudar aqui o que você sentir dor mesmo você, aí foi comecei a *encarcar* ali, ela tinha um mioma como ela ainda hoje tem.

E em seu relato ainda continua a falar sobre o fato que marcou a sua carreira como parteira, dona Nininha conta que:

Tem dia que ela *ta* quase normal não sei como é um negócio daquele, outro dia quando a gente chega lá a mulher *ta* aquele rolo assim (gesticulando com as mãos em forma de círculo), ai

eu disse a ela: Helena põe a tua mão aqui desse lado que é pra segurar aquilo é duro, ai Helena segurou e eu fui forçar nessa outra parte aqui (apontando para o lado esquerdo da cintura dela), até quando a criança começou a descer eu já peguei umas fraldas e fui enfaixando, porque não tinha onde agente pôr o dedo se desmanchando, ai tirei aquilo ali até o pescoço e disse agora é com você eu não posso fazer mais nada, ai comecei a forçar, quando vier uma grande, grande mesmo você. Mande fazer logo uma garapa para evitar de dar hemorragia, por que a garapa fervida evita de dar hemorragia, ai a mãe teve tão amedrontada que não soube fazer ai eu deixei ela e fui fazer, ai fiz a garapa e dei ai ela tomou ai ela fez força para botar para passar a cabeça da criança, mas o *bichim* tão *cabeludim* chega o cabelo batia aqui assim (apontando para a altura do seu ombro) no *pescocim* mais só tinha branco isso aqui (apontando para o lábio dela) a outra parte toda avermelhada, toda se *dismanchando*.

Percebemos pela riqueza de detalhes como foi narrado um momento chocante e de dor profunda, e como foi útil a presença de dona Nininha neste momento tão complicado. Percebemos também a rede de afeto que foi estabelecida durante a execução desse parto pelo cuidado da parteira com o psicológico não só da mulher como também da mãe dela. Isso evidencia muito bem o conceito de dádiva onde segundo

Ela procura, cerca o indivíduo, num curioso estado de espírito, no qual se misturam o sentimento dos direitos que ele possui e outros sentimentos mais puros – de caridade, de “serviço social”, de solidariedade. Os temas da dádiva, da liberdade e da obrigação na dádiva, da liberdade e do interesse que há em dar (MAUSS, 1974, p. 298).

Não só dona Nininha que está aqui em evidência como as demais parteiras se sentiram primeiro escolhidas por Deus para exercerem tal função e em segundo movidas pela caridade cristã onde não poderiam dizer não, a quem necessitasse de sua ajuda na comunidade. Segundo elas essa dádiva foi dada a elas exatamente para servir a comunidade no momento da necessidade por isso se tornou rotineiro nas entrevistas um incômodo da parte das parteiras quando era perguntado se elas cobravam pelos seus serviços, ouvíamos repetidamente a frase, “dai de graça o que de graça recebeste”.

3.2.8. Maria José da Silva Salviano: Dona Menininha

Figura 11- Maria José, mãe Menininha



Fonte: Arquivo pessoal da senhora Maria José

Nascida em vinte e oito de outubro de 1953, a senhora Maria José da Silva Salviano é mais conhecida como dona Menininha; foi uma das pioneiras na área de saúde em Salgadinho, auxiliar de enfermagem experiente, fez o curso no Hospital da FAP em Campina Grande-PB. Logo após, passou a atuar como enfermeira em Salgadinho, fez o primeiro parto em 1971, com 18 anos. Ela quebra com a imagem da parteira tradicional, pois, no seu primeiro parto era solteira ainda, casou-se com 19 anos, teve 3 filhos e fez 180 partos nas comunidades, hoje mesmo aposentada ainda trabalha na área de saúde em uma casa em Campina Grande que serve de apoio a doentes e pacientes vindos do Sertão.

O primeiro parto que ela realizou foi nas terras de Salgadinho. Sobre esse momento inesquecível para ela, conta que:

O primeiro parto que eu fiz foi no município (comunidade) de Serraria, foi muito difícil, porque era uma parturiente de primeiro filho e eu *tava* sem nenhum medicamento e sem nada, assim adequado pra fazer um parto, um parto de emergência e foi muito difícil. Mais graças a Deus eu consegui fazer, fazia só quinze dias que eu *tava* aqui em Campina eu fui passar o final de semana lá ai aconteceu

Uma das mulheres que teve filho com dona Menininha foi a rezadeira dona Inácia, sobre o parto que teve com ela, ela nos conta que:

Reja Neide que é a segunda, Reja Neide foi *comade* Menininha, Reja Neide é filha natural de Salgadinho (...) ai quando eu adoeci, ai eu fui para *Salgadin*, *comadre* Didi não *tava* (...) ai eu fui para *Salgadin*, (...) ai a ambulância veio me buscar aqui, ai daqui eu fui naquela bendita ambulância que eu estava dizendo a você, ai fui pra lá pra casa, quando *chegemos* naquela maternidade, hospital, sei lá o que era, ai eu fiquei na casa dela mesmo, ela disse: minha amiga não vai dar tempo você chegar em Patos não, mas ela já tinha curso de enfermagem já tinha pegado diversos, ai pronto Reja Neide nasceu (...) mesmo na hora do batuque (...) aqui *tudim* chama ela de mãe Menininha.

Nota-se aqui aquilo que já tínhamos falado, mas aqui por meio do depoimento de outra mulher, dona Inácia foi para Salgadinho onde tinha a maternidade, mas foi atendida na casa de dona Menininha, ou seja, a maternidade de Salgadinho não tinha como atender as mulheres que precisavam dela.

3.3. RITUAIS DAS PARTEIRAS DE SALGADINHO

Os rituais são importantes para entendermos esses aspectos, pois eles simbolizam uma ponte entre o humano e o divino. Em Salgadinho como parte do território nacional, percebemos que esses rituais trazem em sua composição elementos vindos das religiões que formaram essa nação. Pretendemos aqui analisar esse universo simbólico dos rituais usados pelas parteiras e suas finalidades, bem como os momentos do parto em que eram executados esses rituais e a quem eles eram endereçados.

3.3.1. Rituais de adivinhação do sexo do bebê

O período de gravidez era um momento de muita ansiedade. Era esse período, no interior do Sertão, onde as práticas de pré-natal que conhecemos hoje, não eram presentes, devido à falta de profissionais da área de saúde, se tornavam difícil o acesso. Essa ausência fez com que as mulheres locais desenvolvessem uma série de práticas mágico-

religiosas, com o objetivo de tentar prever o sexo da criança, que estava por nascer, e que vamos analisar. Segundo a crença, para saber o sexo da criança antes de nascer, a senhora Rosemira Maria nos conta que mulher deve usar: “O coração da galinha é *pra* saber se é *feme* ou macho, *oxe* corta o coração e bota *pra* cozinhar, aí se fechar é homem e se for aberto é *muié*”.

Essa mesma prática é descrita por Câmara Cascudo, sobre esse ritual ele escreve que era costume “Dar um talho num coração de galinha e fazê-lo cozinhar; se o coração conservar o talho aberto, é menina; ao contrário, menino”. (CASCUDO; 2000, p. 711).

Além dessa prática de adivinhação por meio da leitura do corte feito em um coração de galinha depois do cozimento, segundo a mentalidade local o formato da barriga da gestante poderia dar sinais do sexo da criança, sobre essa prática a senhora Rosemira nos explica que “a barriga de menino, homem é cumprida e de *feme* é redonda. Observamos que esses usos dentro da cultura das parteiras local eram vistos como “simpatias”, que eram rituais populares que mesclava elementos do catolicismo oficial e antigos cultos de religiões nativas, que eram executados com várias finalidades. Já dona Inácia, uma rezadeira importante da localidade, contando sobre seu primeiro parto com dona Didi ela traz em sua narrativa outra forma de adivinhação do sexo da criança, que era usada pela parteira quando nos diz que:

...quando chegou, ela (Dona Didi) fez um exame, e disse: Tu vai ter um menino, ela disse: Tu vai ter um menino, ela já dizia antes dela ir (fazer o parto) ela já dizia isso: Vai ser um menino, essa barriga sua é muito grande e redonda, ela já sabia. Eu que peguei poucos eu conheço passa uma pessoa aqui antes de fazer os exames. Pronto Neys essa semana passou, aí eu disse tu vai ter outro menino Neys.

Observa-se aqui que o conhecimento dessa prática, tanto por parte da parteira como por parte da mulher, vem de sua experiência, ela observa o formato da barriga, que segundo a crença ela era definida pelo sexo da criança.

No caso esses rituais eram usados com a finalidade de adivinhar aquilo que não estava em evidência aos olhos humanos, por isso a comunidade vai recorrer ao saber divino.

3.3.2. Rituais de passagem no parto

Além dos rituais de adivinhação do sexo da criança, como foram descritos no tópico anterior “existia todo um ritual em torno do parto, que era vivenciado exclusivamente por mulheres, um saber que era transmitido oralmente de geração a geração” (CAIXETA; 2014, p. 119), isso porque “o parto é, antes de tudo, um evento social e, como tal, submetido a rituais, códigos e tradições, caracterizando-se, portanto, como um acontecimento histórico” (MARTINS; 2004, p. 67). Percebemos também os chamados rituais de passagem, na cultura das parteiras em Salgadoinho.

Quase sempre esses rituais consistiam na manipulação de determinados símbolos, que segundo a crença, facilitava a saída da criança como uso de bebidas, chás, massagens e compressas. Aqui sobre esses rituais temos o relato da senhora Severina Maia, ao dizer que durante os seus partos, a parteira que lhe atendeu; “dava apenas chá, às vezes pegava e esquentava uma água, colocava duas *culher* de manteiga, batia e dava *pra gente tumar*”. Já a senhora Ester Mota que teve nove filhos em casa, nos conta que durante os seus partos a parteira “Dava chá, garapa fervida, dava chá, e como se chamava na época, hoje não existe, existe mais, *elas não faz* mais em casa um rematinho de carne que chama o caldo da caridade”. Esse caldo era dado a mulher depois do parto com a finalidade dela recuperar as forças.

Já a senhora Iracema Pereira nos relata que, durante os seus partos, a parteira que lhe atendeu deu “chá de pimenta do reino, somente. Que chega ardia as *guela* d’agente”. Esse tipo de uso, era bem comum entre as parteiras, mas também elas se utilizavam de garapas como podemos perceber pelo relato da parteira Severina Maia, que atuou como parteira no sítio Bonfim da Batalha, quando ela relata sobre um parto que marcou muito a sua vida, diz que:

Mandei fazer logo uma garapa para evitar de dar hemorragia, por que a garapa fervida evita de dar hemorragia, aí a mãe teve tão amedrontada que não soube fazer, aí eu deixei ela e fui fazer, aí fiz a garapa e dei aí ela tomou aí ela fez força para botar para passar a cabeça da criança.

Nota-se no relato o fato que, ela conta que após tomar a garapa, a mulher em dificuldade, finalmente conseguiu expelir a criança. Dona Iracema Olindina que teve 15 filhos, todos nascidos em casa, nos diz sobre o modo de atuação da parteira:

Ela fez um rescaldo de cinza que *pra* eu *tumar*, que disse, que foi porque eu tinha me *aperriado*, porque a menina tinha morrido, eu *tava* com sete mês dos três, aí ela fez um rescaldo quente quando *tava* bem *sentadim*, ela me deu pra eu *tumar*, e quando *cumade* Juvina chegou aqui, que eu vi que era pra nascer menino mesmo, aí eu tomei um chá de *oi de cajueiro* pronto.

Esses rituais vivenciados por essas mulheres parteiras, eram resultado da miscigenação cultural, entre a cultura africana, a indígena e a branca que resultou nesse tipo de prática, que vai associar o uso de ervas e bebidas com orações. Isso por que:

O ato de partejar, executado pelas parteiras, é mediado pela cultura, e está fortemente ligado ao sistema de valores, crenças e costumes de um determinado grupo. Nesse sentido, as parteiras tradicionais são mulheres que possuem vínculos com as mulheres e com as famílias da comunidade onde habitam, sendo, por sua vez, faz emergir lembranças da nossa ancestralidade. (SOUSA; 2018, p. 253).

Percebemos na dinâmica da sociedade, que as parteiras foram agentes ativos na construção do espaço social, exercendo esse ofício intermediado pela cultura, elas fazem parte do patrimônio imaterial da comunidade já que o “Patrimônio Cultural Imaterial é definido como constituído pelas “práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas” (IPHAN; 2013, p. 102).

E são também figuras presentes nas memórias das primeiras famílias locais, já que ser salgadinhense, nessa época em estudo, significava quase sempre, ter nascido por meio das mãos de uma parteira. Percebemos quanto foi útil para a localidade os serviços prestados por essas mulheres, garantindo não só a continuidade da comunidade, mas também formando a identidade social e religiosa local, por meio dos seus saberes. Já que a parteira não era procurada só para fazer partos, ela além do vasto conhecimento sobre o uso de ervas que era procurada pela população local para buscar seus remédios do mato, ela também era vista como uma sacerdotisa, intermediando a ligação da comunidade com o sagrado.

3.3.3. Rituais de separação e de adivinhação do futuro da mãe.

Fazendo uma abordagem sobre esse tipo de ritual, Van Gennep escreve que ele é “A principal separação dessa espécie exprime-se pela secção cerimonial do cordão umbilical (...) e pelos ritos relativos ao pedaço do cordão que, quando seco, cai por si mesmo” (GENNEP; 1977, p. 59). Sendo assim, dentro da cultura das parteiras e parturientes podemos encontrar esse tipo de ritual de separação.

Antes do corte, as parteiras locais costumavam fazer uma amarração, como podemos perceber pelo relato da parteira Iraci Pereira “Era um *cordãozim* amarrava para depois cortar”. Já a senhora Esmeraldina nos deu mais detalhes desse ritual quando diz que “*Butava* um cordãozinho, media dois dedos e amarrava, aí media mais três dedos e deixava o umbigo” esse processo se dava para evitar o sangramento após o corte, já que como podemos ver pela imagem a baixo essa parte do corpo da criança tem veias e artérias importantes, esse corte simbolizava a separação física entre a criança e sua mãe.

Figura 12- Coto umbilical



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CI-qgR7DMgR/?igshid=nzua7kf5cil1>

O corte do cordão umbilical era feito de uma única forma. Para isso as parteiras usavam uma tesoura, geralmente de costura mesmo, e esse instrumento poderia passar por um processo de esterilização com cachaça ou álcool ou apenas uma lavagem com água que esses dois outros elementos para esterilização eram vendidos. Como podemos perceber pelo relato da senhora Severina Maia, que foi uma enfermeira parteira, falando sobre o processo de esterilização de seu material ela nos diz:

...lavada com álcool, muitas vezes a gente guardava aquelas coisas que a gente trabalhava *pra* tirar ponto, essas coisas assim na água fervida, colocava a água para ferver colocava aquilo ali dentro e colocava pra secar pra não passar um pano ela escorria ali e guardava. E também antigamente aquelas seringas de aplicar injeção não era descartável, era vidro toda vez que a gente terminava, a gente tinha aquilo ali tinha uma gavetinha, a caixa dela era inox ali a gente *botava* álcool na parte de baixo e colocava água naquela de cima, pronto o álcool fervia ali todinho *pra* gente poder tirar era assim, hoje se o *cabra* inventar de pegar para fazer isso não vai não porque só tem ela (risos).

Esse tipo de ritual podia variar de parteira, para parteira, e de ocasião para ocasião, pois muitas dessas mulheres, costumavam usar o que estava ao seu dispor no momento do parto. E isso trazia uma grande responsabilidade para a parteira como podemos perceber pelo relato de Severina Maia “A menina de Teresinha que nasceu a *sanoite tava* vomitando sangue. Aí eu tive um susto grande, foi eu que não *subi* cortar o umbigo da menina, aí fiquei *aperriada*, peguei a vasilha de água e corri para casa quando cheguei aqui desci, que a casa dela era ali (apontando) em baixo”.

Notemos no depoimento da senhora, o fato dela ressaltar que aquela situação se deu por não saber cortar o cordão umbilical direito. De acordo com a tradição de algumas parteiras, no cordão umbilical estava o destino da mãe. Essa é uma prática rara no contexto de Salgadinho, era feita pela parteira Maria Teresa que, segundo familiares contavam quantos nos tinha no cordão e falava a parturiente não só quantos filhos ela deveria ter mais também, a idade certa em que a mulher poderia fazer a laqueadura.

3.3.4. O ritual de limpeza e proteção da criança: momentos de maternagem da parteira.

Além de ser a primeira pessoa que a criança via quando chegava ao mundo, geralmente era também a parteira, a dar o primeiro banho na criança. Esse ritual que fazia parte do cotidiano das parteiras era repleto de cuidados. Notemos que após a saída da criança, as atenções se voltam para ela, mesmo estando a mãe debilitada pelo acontecido. Sobre esse momento temos o relato da senhora Esmeraldina que diz que a parteira “Dava banho cortava o umbigo trocava os paninhos e *butava*, não *butava* em berço não, *butava* na cama perto da mãe”. Já a senhora Ester Mota relata que a parteira depois “dar o banho e colocar na cama *mais* a mãe, *nera* nem berço era a caminha de lado, ali encostado a mãe, fazia a caminha e deitava o menino de lado.

Notemos a responsabilidade da parteira nesse momento, pois era ela quem entregava a criança limpa nos braços da mãe para a primeira amamentação. Mas esse é um procedimento realizado ainda hoje em maternidades, onde está o ritual de proteção? Segundo a crença, a água depois do banho deveria ser jogada na sombra, isso porque em contato com o corpo da criança esse elemento passava a ter em sua composição parte do fluído da criança que exposto ao sol, podia causar mal a criança. Esse ritual vai se repetir até a adolescência da criança, quando ela vai poder tomar banho só.

A presença da parteira nesses momentos representava uma segurança para a mulher que passou pelo processo do parto, pois ela vai ver na figura da parteira, não só uma forma de apoio, mas também de identificação e compreensão por alguém que já passou por aquela mesma situação que ela, diferente do parto hospitalizado que há um grande distanciamento entre os envolvidos nesse processo. Podemos afirmar que o parto intermediado pelas parteiras é um momento vivenciado entre três mulheres, a primeira mulher é a parturiente que necessita dos cuidados e atenções por causa da situação, a segunda mulher é a parteira sempre apta a dar o seu melhor e a terceira é a santa intercessora na qual se buscava auxílio para esse momento geralmente em sua maioria uma das representações marianas que passou pelo mesmo que a parturiente.

Na narrativa bíblica percebemos esse momento, quando chegou a hora do parto, Maria estava sem auxílio e em uma manjedoura onde teve seu filho, Jesus. Por isso era comum as rezas feitas durante o parto eram feitas a ela ou uma de suas variações.

Percebemos aqui, como o corpo é visto como um elemento também espiritual na cultura das parteiras onde “A sua finalidade é a de proteger, conter, apoiar e aticar o espírito e a alma em seu interior. (...) É a de nos elevar e de nos impulsionar, de nos impregnar de sensações para provar que existimos, que estamos aqui, para nos dar uma ligação com a terra”. (ESTÉS, 2018; p. 237), e garantir que essa ligação seja segura esses rituais na cultura das parteiras era uma forma de proteger esses corpos, que segundo a crença estava em perigo já que o parto era percebido como um ritual de passagem no qual, caso desse errado as vidas poderiam se perder. As parteiras eram vistas como uma força que garantia que tudo ocorresse bem para ambos.

2.3.5 O ritual de “limpeza” para a mulher “desocupar”

Notemos que as atenções depois do corte do cordão umbilical se voltam para a criança, nesse momento a parturiente praticamente desaparece, após a parteira dar o banho e colocar a criança para amamentar é hora de cuidar da mãe. Na relação parteira e parturiente, esse vem a ser um momento de muita tensão, pois, após a saída da criança, vem o momento de saída da placenta e os restos do parto que ficaram no útero. Quando essa saída demorava acontecer gerava muito medo, pois podia causar a morte da parturiente, deixando a criança órfã, o marido viúvo e a parteira com o prestígio abalado perante a comunidade, dentro das narrativas que encontramos não é frequente mencionado a morte de mulher durante o parto.

Para que esse processo acontecesse, as parteiras desenvolveram uma ritualística. Severina Maia nos conta que em sua época “... *pra* fazer a limpeza, e tinha assim pimenta do reino, pisar a pimenta do reino às vezes, muitas vezes *butar* na cachaça”. Essa mistura era dada a mulher para beber, segundo ela para fazer a “limpeza”, que era a saída da placenta e os restos do parto do corpo da parturiente.

Já Maria José, nos relata de um momento em que teve dificuldade com a saída da placenta em um parto que ela acompanhou. Ela nos relata que:

...útero dela no lugar de sair à placenta, saiu o útero, aí a mulher *tava* tentando puxar o útero, falei pra ela que *tava* errado, que não era daquele jeito, aí ficou um pouco chateada comigo, aí eu tomei a frente, aí coloquei o útero dela, aí quando eu coloquei,

eu acho que, eu emborquei e, aí veio a placenta depois de muito tempo.

A senhora Esmeraldina conta que quando a placenta demorava a sair era preciso que “depois que tinha a criança não desocupava e tinha outra ideia também, colocar a calça do marido no travesseiro da cama para cortar hemorragia”. Esses são alguns dos rituais desenvolvidos pelas parteiras em Salgadinho.

3.3.6. Ritual de “ligação”: emborcando o útero

Esse também foi um ritual raro em nossos depoimentos, mas fez parte desse sagrado, que era executado por algumas parteiras, nos depoimentos que colhemos apenas duas pessoas mencionaram essa prática, a primeira a senhora Lourdes Souza que ao falar sobre a parteira Maria Tereza, que era sua mãe que fez os seus partos, nos conta que a mesma “tinha um mistério em que fazia a ligação da mulher durante o parto isso emborcando o útero da mulher depois do parto”. Outra parteira que nos relatou esse ritual foi a senhora Maria José, que também era enfermeira, sobre essa prática ela nos diz:

Coloquei o útero dela, aí quando eu coloquei, eu acho que eu emborquei, e aí veio à placenta. Depois de muito tempo ela foi *pra* um médico não teve mais filho, aí o médico pediu pra ela fazer uma ultrassom exame de rotina mesmo, até porque ela já estava entrando na menopausa, aí ele disse que o útero dela estava emborcado.

Longe de ser uma prática apenas mítica, pois a parteira que executou esse ritual, trata-se de uma parteira enfermeira, notemos que no depoimento que ela faz questão de mencionar que depois dela ter feito isso, com o tempo, o fato foi constatado pelo médico em um exame de rotina da mulher. Outra variação desse ritual nos foi narrado pela senhora Esmeraldina Nóbrega, falando sobre essa prática ela diz; “Elas pega o saco que guarda a criança e vira *asavesso*, enterra, emborca uma cuia virgem ou *alguidar* ou qualquer coisa virgem, passa por cima três vezes rezando o Creio em Deus Pai ou o Ato de Contrição”.

3.3.7. Rituais de cura do coto umbilical

A existência da criança era envolta em práticas mágico-religiosas, que segundo a crença, protegia a mesma contra vários males, principalmente a mortalidade infantil, que era algo comum nas comunidades. Uma das partes do corpo da criança que recebia uma grande atenção era o cordão umbilical, anteriormente falamos sobre a leitura, amarração e o corte deste. Logo após esse processo vinham os rituais de cura, que visavam acelerar o processo de secagem e queda da parte do cordão que ficava preso ao corpo da criança, já que caso esse processo fosse mal feito, podia gerar deformações no umbigo da criança para o resto da vida e até mesmo causar a morte.

Em se tratando de trabalho que aborde esse assunto, temos a tese de doutorado *Tenho guardado os “imbigos” de todos os meus netos: memórias de avós no cuidado do coto umbilical* (LINHARES; 2018), por mais que tenha sido produzida por uma enfermeira, a partir de suas experiências vivenciadas no sistema de saúde, ela não busca nesse trabalho, desqualificar essas práticas, mas busca por meio do sistema de saúde conciliar o saber medicinal com essa tradição das parteiras. Sobre essas práticas sabemos que “os cuidados com o coto umbilical estão cercados de crenças, mitos e medos, que perduram até o dia de hoje” (RIBEIRO, BRANDÃO *Apud* LINHARES; 2018, p. 38). E percebemos exatamente isso no contexto de Salgadinho.

A senhora Esmeraldina Nóbrega nos conta que curava essa parte do corpo de seus filhos “Com pó de alfazema com o mesmo azeite (usado durante o parto) ou o pó do *antecasca* do angico”. Já o senhor José Pedro que nos relata sobre sua esposa conhecida como mãe Didi nos diz que para cura ela usava:

Era um *pavi* de *aigudão* e ela amarrava, às vezes eu assistia e via ela fazer, aí ela amarrava ali quando a criança nascia, ela amarrava o umbigo ali e nunca sangrava ali ela amarrava e cortava o umbigo, mandava a mulher colocar um *azeitim*, era azeite de *momona* de carrapateira.

A senhora Iracema Pereira falou que na cicatrização do umbigo: “Usava, tinha aquela *restinha* da telha no chão, *rapava* aquela *restinha* em cima, aí assoprava e *rapava* mais em baixo, peneirava e *butava* no umbigo da criança foi o tempo *mais melhor* que tem e as crianças *sadia* do umbigo”. Notemos no depoimento da senhora, que para a cura

dessa parte, a mesma costumava usar terra de dentro de casa, mas essa terra deveria ser tirada em um local onde o sol penetrasse pelo espaço da telha e também salienta em sua fala que foi o tempo em que as crianças eram mais saudáveis isso se comparado com os usos atuais indicados pela medicina.

O interessante ao analisarmos essas práticas, percebemos que elas quase sempre mesclam elementos naturais associados ao uso ritual, fatos que são típicos da cultura medicinal das parteiras, demonstrando por meio desses o saber sagrado feminino, ligado à natureza e o poder de cura dela usado em benefício da comunidade. Embora achem esses usos arcaicos, se comparados ao saber médico, ainda hoje essas mulheres são procuradas mesmo não fazendo mais partos, elas prestam orientações às mães que as procuram demonstrando que seu saber ainda é vivo e circula na comunidade por meio dessas práticas.

3.3.8. Rituais para influenciar o futuro da criança: os cuidados com o cordão umbilical

Esse tipo de ritual é uma reminiscência da cultura indígena, nos remete aos tempos da Colônia como podemos observar pelo trecho a baixo que diz:

Quando o umbigo da criança secava e caía, o pai partia em pedacinhos pregando em todos os pilares da oca, para que o filho, no futuro, fosse um bom chefe de família e pudesse sustentar a sua casa. (MIRANDA, 2011; p. 241)

Esse ritual sobreviveu ao tempo, e chegou aos nossos dias por meio da atuação das parteiras. Na crença local que tivemos contato por meio da pesquisa percebemos que as mães acreditavam que a manipulação dessa parte, poderia influenciar o futuro da criança, assim como na crença indígena, após a queda do cordão umbilical por meio da escolha do destino final dado a essa parte do corpo da criança depois da queda.

Esse cuidado, excessivo com o destino do coto umbilical após a sua secagem, e queda se deu, devido à crença popular onde se acreditava que “Partes como o umbigo e as unhas, que poderiam ser utilizadas para malefícios contra os vulneráveis filhinhos, era cuidadosamente enterradas no quintal de casa” (PRIORE; 2010, p. 87). Sobre a prática

desse ritual aqui em Salgadinho, temos o relato da senhora Esmeraldina, que nos indica local de enterramento do umbigo de uma de suas filhas, ela nos diz “Eu enterrei em casa no pé do moinho, porque o meu esposo não podia sair e a gente não colocava em um canto desconhecido *mode* causa de cachorro ou qualquer um bicho”.

Note a preocupação de nossa depoente de evitar que um cachorro ou qualquer bicho acabasse comendo o coto umbilical de sua filha, já a senhora Iracema Olindina nos conta que enterrou os umbigos de seus filhos “No *mnturo* tudo perto de casa”. Onde ficava perto de um curral do gado fato que se repete no relato de dona Ester Mota, ela nos conta que “*Os umbigos dos meus filhos foi enterrados todinhos na parteira do curral*”.

A melhor explicação para a prática desse ritual que foi desenvolvida aqui em Salgadinho, foi dada pela senhora Esmeraldina. Ela nos explica que, segundo a crença, se “O rato se desenterrasse e carregasse (o coto) dava para ladrão (a criança) e o cachorro dava para comilão e debaixo de uma mala, a criança ficava calada conversando pouco”, percebemos na explicação dessa senhora, presente aqui em Salgadinho na mentalidade o desejo de livrar o filho de um destino ruim, essas mulheres desenvolveram esse ritual.

A escolha do curral como lugar de enterramento, se dava por dois motivos, o primeiro percebemos no depoimento de dona Iracema Olindina, quando ela justifica o motivo da escolha do curral como local de enterramento para o umbigo de seus filhos ela diz: “Meu *fi* porque o povo dizia que era bom enterrar os umbigos onde passa gado, que dizia que gado era bento”. Bento, segundo a crença do catolicismo eram os animais que estiveram presentes na hora do nascimento de Jesus, esse fato traria as bênçãos sobre o novo ser vivente. E o segundo motivo de escolha se dava garantir ao nascituro um futuro promissor, pois o gado nessa época estava associado à prosperidade. Esse é o último ritual envolvendo a tríade aqui pesquisada composta pela parteira, parturiente e nascituro, os próximos irão excluir um desses.

Essas práticas “compunham um sistema básico de nutrição de-mulher-para-mulher que apoiava em especial as mães jovens” (ESTÉS, 2018; p. 207) explicitava, com isso o cuidado estabelecido entre a tríade aqui envolvida, parteira, parturiente e nascituro, de forma que podemos dizer que as parteiras eram mães das mães, pois cuidavam de quem devia cuidar do nascituro e da parturiente até que essa pudesse cuidar sozinha de seu filho. A parteira aqui vai devotar a ambos um cuidado maternal à comunidade.

3.3.9. Rituais de separação: o resguardo da mulher

Após o parto, segundo a cultura das parteiras, a mulher tinha que ter um longo período de repouso, com o objetivo de recuperar as forças que foram perdidas no momento do parto na luta para expelir a criança.

Era exatamente nesse momento que o cotidiano da mulher era alterado ainda mais, pois ela era afastada definitivamente das suas atividades domésticas, sendo esse um período caracterizado por uma série de proibições, como ter relações sexuais com o seu cônjuge, a mulher recém parida não podia pegar peso, comer comidas conhecidas como “carregadas”, passar por situações de medo e emoções fortes, evitando até mesmo “pancadas” de vento e “bafo” de chuvas; nem mesmo o banho em seu filho era dado por ela, mas pela parteira, e até mesmo a amamentação, era feita deitada na cama mesmo, sendo que para que isso acontecesse alguém trazia o filho até ela, como podemos perceber pelo relato que afirma que a mulher “era proibida de cozinhar e de compartilhar a cama com o marido. A placenta e o cordão umbilical eram enterrados pela própria parteira” (ACKER, *et al.*; 2006, p. 648).

Durante o resguardo a mulher passava um período que variava de trinta a quarenta e cinco dias na cama, era exatamente nesse momento que a parteira se tornava tão útil quanto na hora do parto, pois muitas delas ficavam nesse momento divididas entre as atividades de sua casa e da casa da parturiente.

Como podemos perceber pelo relato da senhora Esmeraldina quando fala sobre a parteira Maria Tereza que a atendeu ela nos diz “Depois ela passava quinze dias *mais eu*, ela passava quinze dias *mais eu* e só saía quando eu tomava o banho morno”, no resguardo a mulher, passava quinze dias na cama, quando passava esses quinze dias, a mulher era sentada e no quarto mesmo era dado pela parteira um ‘banho’ em uma bacia mesmo, já que a mesma não podia sair do quarto, percebemos aqui as péssimas qualidades de higiene pelas quais essas mulheres estavam expostas juntas com seus bebês, fato também é mencionado por dona Severina Maia quando fala sobre o resguardo ela nos diz:

Antigamente tinha mulheres que só *tomava banho* com quinze dias, era com quinze dias, só fazia se banhar eu não sei se o estilo mais novo, não sei como foi, eu tomava banho todo dia, porque

tinha casa que a gente chegava era um mau cheiro daquelas pessoas. Hoje não existe mais isso não, as mulheres hoje são mais zelosas, são mais tratadas porque quem vai para a maternidade não tem essa história de dizer que não vai tomar banho não.

O banho como podemos perceber pelos relatos das senhoras Esmeraldina e Severina era um banho morno, quinze dias após o momento do parto, que não significava só o momento de higienização do corpo da mulher, mas significava também que a mulher estava pronta para viver mais intensamente a maternidade, nesse período ela continuava tomando banho morno, até chegar a hora do banho com água em temperatura ambiente que marcava o final definitivo do resguardo e sua saída do quarto.

3.3.10. Rituais de cura do resguardo “quebrado”

Como pode-se perceber, o resguardo era um período marcado pela proibição, fato que nos leva a perguntarmos: e se a mulher desobedecesse por algum motivo essas orientações dadas pelas parteiras? Caso a mulher recém parida viesse por algum motivo a “quebrar” essa série de proibições, ocorria um evento que é conhecido na cultura das parteiras como quebra do resguardo, fato muito temido pelas mulheres, pois isso podia causar a morte da mulher, ou outros males que podiam ser carregados pelo resto da vida, como dores de cabeça, deficiências em membros do corpo, e loucura. Mas caso isso viesse acontecer, como para medicina para cada mal, há um remédio, era comum a mulher com o resguardo quebrado recorrer a sabedoria da parteira que fez o seu parto para que pudesse fazer a cura do resguardo.

De acordo com o saber das parteiras, os remédios utilizados para curar o resguardo quebrado variavam muito de parteira para parteira. Maria Tereza segundo sua filha Esmeraldina “*butava* pimenta, água, *butava* os pés da mulher dentro d’água e dava um chá de pimenta ou café de pimenta ou então aguardente com pimenta”. Dona Iracema Olindina que teve um resguardo quebrado segundo sua narrativa por causa da perda de uma filha, que ocorreu momentos antes de ter o parto de trigêmeos, ela nos conta que o resguardo dela foi quebrado devido o “aperreio” ocasionado por essa perda, e para curar o resguardo a parteira:

Fez um *rescaldo* de cinza que *pra* eu *tumar*, que disse que foi porque eu tinha me *aperriado*, porque a menina tinha morrido eu tava com sete mês dos três, ai ela fez um rescaldo de cinza quente quando *tava* bem *sentadim*, ela me deu pra eu *tumar*, e quando *cumade* Juvina chegou aqui que eu vi que era pra nascer menino mesmo, ai eu tomei um chá de *oi* de *cajuero* pronto.

A senhora Severina Maia que também teve um resguardo quebrado por causa de um susto, ocasionado quando ela soube da morte de seu avô nos conta como ocorreu essa quebra do resguardo:

Chegou à mulher de *Antoi* Ferreira e ficou conversando, eu estava com três dias, conversando com a minha cunhada, ai *cuchichando* e eu sentada na mesa assim e vendo ela *cuchichar* no ouvido da outra na cozinha, ai eu vi quando a outra (barulho imitando o cochicho), e era elas se mexendo, ai eu achei que tinha sido a minha vó que tinha morrido, porque o meu avô eu sabia que ele estava para morrer e ia morrer logo, mas eu achava que essa velha ia morrer primeiro, foi esse pensamento que eu tive antes de ganhar o menino, ai quando ela fez assim (se afastando do ouvido da outra) que eu olhei teve aquele susto que me viu, me deu uma pontada tão grande aqui assim na nuca (apontando para a nuca dela) e respondeu aqui na espinha (apontando para a região inferior da coluna dela) aquilo foi um choque assim e ficou dando aquele (gesticulando com a mão abrindo e fechando ela), e eu fiquei com aquele negócio ruim e quando foi daqui a pouco deu dor de cabeça.

Segundo o relato de dona Severina Maia após a quebra do resguardo ela teve outras complicações narrando o acontecido ela nos diz:

Aí de noite eu não dormi eu tive febre, tive muita dor de cabeça e inchou minha garganta e eu sei que eu passei mal, passei mal, que no dia de eu tomar o *banhe* morno eu fui, me levaram para Patos pro hospital minha boca estourou todinha (passando os dedos nos lábios) eu fiquei tão revoltada com esse negócio, pelo amor de Deus mulher tá de resguardo aconteceu alguma coisa converse logo com ela e diz, não tem pra que esconder não porque ela vai saber do jeito mais pior do mundo e não pode fazer isso. E eu sei que eu fiquei doente o mês todinho e fiquei muitos anos doente, custei muito, muito a melhorar.

E ela nos relata que sofreu muito a partir desse momento e também nos diz de como ficou curada segundo ela:

O derradeiro remédio que eu tomei, me ensinaram três *pimenta* malagueta pra torrar no fogo numa vasilha de barro e quando ela tivesse pretinha pisar num *pilãozim*, colocar num copo e encher de água morna pra tomar *todim*, *eita* menino! (...) ardia era

pimenta malagueta, era da braba mesmo (...) foi à derradeira coisa que eu tomei que me senti bem, hoje eu não sinto nada que mais nem dor de cabeça eu tenho e sofri muita dor de cabeça.

E quando perguntada sobre outros remédios que eram usados por parteira de sua época para tratar do resguardo quebrado ela nos fala:

Tinha assim pimenta do reino, pisar a pimenta do reino às vezes, muitas vezes *butar* na cachaça. Outro que tinha era apropriado para essas coisas era o *cumim*, pegar pisar o *cumim*, *butar* na cachaça *pra* mulher beber, tudo isso era remédios velhos que se fazia pras mulher tomar quando *tava* de resguardo eu toda vida fui ruim pra tomar cachaça, toda vida fui ruim pra tomar cachaça.

Como podemos perceber, no decorrer dessa pesquisa as práticas eram variadas, mas todas elas, demonstram o cuidado que era dedicado pela parteira no tratamento de sua parturiente, e podemos perceber por meio desses cuidados, como eram intensos os laços de afetos que uniam essas mulheres das comunidades de Salgadinho e sua relação com o sagrado. Já que grande era, a responsabilidade das parteiras, pois em suas mãos estavam as vidas, tanto da mulher quanto da criança que estava em processo de nascimento e que se algo desse errado ambas podiam ser perdidas, podemos afirmar por meio disso que na comunidade local as parteiras eram senhoras da vida e da morte.

3.4. AS REZAS DAS PARTEIRAS: VALEI-ME MÃE DE DEUS!

As rezas faziam parte da cultura sertaneja, pois as mesmas demonstravam uma relação de proximidade com o sagrado. As rezas feitas pelas parteiras eram diversas, feitas em vários momentos podendo ser antes do parto como meio de preparação para esse evento, elas podiam ser feitas durante o parto, caso acontecesse algum evento de complicação ou após o parto em agradecimento por ter tudo ocorrido bem. Sobre a eficácia dessas no momento do parto, temos o depoimento da senhora Iracema Olindina, que diz “Meu *fi* teve uma *cumade* Severina *Bunito*, não sei se ainda é viva ela morava no *Ri* de Janeiro, ela rezou uma oração que apertou e a *meninera* nasceu tudo (risos).

3.4.1 Rezas antes do parto: se preparando para o momento

Como a parteira era pega de surpresa, e no momento do parto tinha que ter agilidade, muitas vezes não dava tempo de rezar, no momento que antecedia esse evento, entendemos que em suas devoções diárias elas se colocavam diante do sagrado, clamando para que quando fosse solicitada para ajudar uma mulher, ocorresse tudo bem e como Severina Maia nos relata que:

Então para uma pessoa fazer uma coisa dessa, sem ela ser parteira e sem nada é preciso uma graça de Deus, a graça foi Nininha, eu digo foi Nininha não, quem fez foi Nosso Senhor Jesus Cristo e Nossa Senhora, que é a mãe das parteiras foi ela que fez não foi eu não. Eu achei de assistir aqui ajudando no que *podia* fazer, essa aí foi Deus não foi eu não.

Observe que no depoimento da parteira, ela atribui a Deus e a Nossa Senhora, notamos aqui a identificação da parteira com Maria, por ela ter passado pela mesma dificuldade que essas mulheres. Algumas das parteiras que tentamos buscar suas contribuições aqui já falecerem, e algumas das mulheres atendidas por elas fazem menção a esse momento de oração da parteira. A parteira que nos relatou esse momento de fé antes do parto foi a senhora Maria José, fato que nos chamou muita atenção, por se tratar de uma parteira com grau de instrução maior que muitas outras parteiras, mas a mesma recorria a prática da reza durante os partos que fazia. Vejamos o que ela diz em seu relato:

No início, eu tive como um sonho, uma revelação com Nossa Senhora, e ela me ensinava, aquela mulher muito bonita, ela me ensinava uma oração que quando eu saía de casa, eu já rezava ela e quando eu chegava lá dava tudo certo. Foi como uma amiga, minha amiga e companheira. Ela chegou no sonho, ela chegou e me ensinava era mais ou menos assim: Oh! Minha Virgem da Conceição, já que vós confiaste essa mulher nas minhas mãos, fazei com que ela tenha essa criança já, já. Assim durante a viagem que eu ia *pra* casa da parturiente rezando e quando eu chegava lá tudo dava certo.

Observe no depoimento a menção à relação de amizade entre a parteira e Nossa Senhora da Conceição, vemos aqui uma figura divina feminina, na qual a parteira buscava apoio, que fazia com que seus partos sempre dessem certo. Há uma íntima ligação entre elas três aqui no caso parteira, parturiente e a Senhora da Conceição, a parturiente estava em seu momento de concepção, a parteira buscando apoiar essa por meio dos seus

saberes, e a Senhora da Conceição, passou por esse momento ao conceber Jesus, vemos aqui que havia uma identificação entre ambas as mulheres que resultava nos conhecimentos que podemos chamar de sagrado feminino, pois se desenrolaram entre elas e a presença masculina foi inexpressiva se comparado com a atuação feminina.

3.4.2. Rezas durante o parto: clamando ajuda para vencer a dificuldade

As rezas feitas durante o parto tinham um caráter totalmente diferente da anterior, pois nas já mencionadas as parteiras se preparam para algo que elas já esperam que é o momento do parto, nas que iremos descrever aqui são diferentes porque elas se deparam com uma situação inesperada, em consequência da posição inadequada do bebê, tais como: cordão umbilical envolto no pescoço, parto de embrulho, dificuldade de expelir a placenta. A oração que conseguimos veio por meio do depoimento da senhora Esmeraldina, ela conta que a parteira que a atendeu rezou assim: “Minha santa Margarida, eu nem *tô* grávida nem *tô* parida, santa Margarida tire esse *fato*[órgão] *pode* da minha barriga”.

Notemos, o mencionado nessa reza, o palavreado de desprezo ao se referir à placenta, como *fato pode*, expressando o desejo de ficar livre da dificuldade. Já Maria Alves, segundo nos relata seu marido tinha suas devoções com a mesma santa, como podemos perceber por sua narrativa, “ela tinha as devoções dela, com santa Margarida e ela rezava também quando ia fazer um parto, fazia confiando em Deus e nela também, as mulheres sempre *dizia* que ela era uma boa parteira”, Maria Francisca também tinha suas devoções com essa mesma santa, já a senhora Maria de Lourdes rezava a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Dona Luisa Paulina costumava fazer suas intercessões a Nossa Senhora do Bom Parto. Na reza das parteiras em sua maioria é feita a uma santa, exatamente por essa identidade estabelecida de mulher para mulher que entendem desse assunto. Parte dessas rezas não foram mencionadas na pesquisa, pois constituía de um segredo entre a parteira e o divino, muitas parturientes, apenas percebia que a parteira estava em um momento de comunhão com o sagrado, mas não ouvia as preces no momento em que elas estavam sendo executadas.

Em todas as narrativas dos rituais de parto e pós-parto é consensual a representação dessas mulheres parteiras como cuidadoras com o poder sobre a vida e a morte das parturientes e dos bebês. A feminização do cuidado é uma experiência histórica marcante na história da nossa sociedade brasileira. Mesmo quando as mulheres saíram de suas casas para a vida pública levaram consigo essa subjetividade feminina de potencial cuidadora. Vemos nessas mulheres parteiras, a multiplicidade de papéis na sociedade no cotidiano de suas vidas em Salgadinho desenhando uma cartografia de feminização do cuidado, mas em se tratando de cuidado prestado a população das comunidades não podemos nos esquecer das rezadeiras que também deixaram sua marca na história local, fato que iremos abordar no próximo capítulo.

CAPITULO IV: AS “DONAS” DO PODER: O SAGRADO SECRETO DAS REZADEIRAS

Esse capítulo está dividido em três partes: na primeira vamos traçar o perfil da rezadeira comunitária em Salgadinho, tanto o coletivo, pois elas são parte de um grupo social, quanto o individual, pois, vamos perceber a rezadeira também como um indivíduo no meio social. Na segunda, vamos decodificar os rituais, usados por essas mulheres na prática da cura, vamos abordar suas rezas, bem como a fórmula mágico-religiosa usada junto com o ritual para fazer a cura.

4.1 O PERFIL DA REZADEIRA COMUNITÁRIA

Para haja uma melhor compreensão da nossa pesquisa, e seu universo mágico religioso, resolvermos traçar um perfil coletivo, para essas mulheres rezadeiras, lembrando que não vamos tentar homogeneizar elas, mas com o avanço da pesquisa percebemos algumas características semelhantes entre elas, que vamos destacar para permitir ao leitor, moldar em sua mente a imagem dessas mulheres.

Ao adentrarmos o universo das rezadeiras de Salgadinho percebemos logo, que, elas são mulheres bastante conhecidas, dentro da comunidade, e que, por meio do conhecimento das rezas e usos de ervas memorizadas em sua mente e a devida aplicação desses conhecimentos, conquistaram um grande prestígio, não só no município, mais, até fora dele, como vamos abordar, mais adiante, chegaram até a ser procuradas para rezar por pessoas dos municípios vizinhos como Taperoá, Assunção, Junco, Santa Luzia entre outros.

Sendo assim, percebemos aqui como a teia de poder que envolve a relação da rezadeira com os seus rezados era ampla, rompendo com a própria barreira geográfica municipal, isso vem demonstrar como poder simbólico, delas era reconhecido, mesmo elas não fazendo uso de nenhum meio de divulgação midiático de seu trabalho com a reza.

O segundo ponto em comum entre as rezadeiras, era a sua jornada de trabalho, que era múltiplo, pois elas, eram as donas de casa e mães de família, passava grande parte de seu tempo dedicada à agricultura e o cuidado com os animais do campo, os filhos e o lar, e em meio a todo esse ritmo do dia, elas ainda encontravam tempo para atender quem vinha a sua casa, em procura de suas rezas, e seus conhecimentos, sem falar que havia casos que alguns doentes por estarem debilitados não podiam ir à casa da rezadeira, elas prontamente iam à casa do doente rezar, após receberam a chamada, que quase sempre vinha por meio de um recado de forma oral ou um bilhete conduzido por terceiros, movidas pela dádiva com o desejo de servir elas iam.

O terceiro ponto em comum entre elas, era sua devoção aos santos, uns do catolicismo oficial, pois na casa delas tinha várias imagens, como da Sagrada Família, o Coração de Jesus, inúmeras representações marianas, mas podemos encontrar imagens de santos do catolicismo popular com de frei Damião e seu companheiro de missões, frei Fernando e a do conhecido padre Cícero, demonstrando que esse ofício é resultado de uma crença popular que escapa ao controle da Igreja, e segundo esse pensamento: “determinados santos protetores cuidavam de determinadas esferas da vida humana” (BURCKHARDT; 2009, p. 428). E isso vai fazer com que o repertório de rezas usadas por ela no ato de cura seja variado, pois para cada doença uma reza, e para cada reza um gesto simbólico, e também um santo, de forma que o exercício de memória feita por essas mulheres é muito complexo, isso levando em conta que a maioria não tinha caderno de rezas.

O quarto ponto em comum, era que, como elas residiam em uma comunidade marcada pela ausência do Estado e da Igreja, essas mulheres irão suprir a ausência dessas duas instituições, e por meio do conhecimento de várias rezas, sua atuação não estava restrita ao lar, pois, elas rezavam novenas, faziam procissões, conduziam velório e sepultamentos, algumas chegaram até a realizarem batismos dos inocentes e por algumas serem alfabetizadas faziam a leitura da bíblia, sendo assim perceberemos o ofício de rezar, era percebido como um sacerdócio feminino, amplamente aceito pela comunidade. E mesmo com a chegada de médico e padre na comunidade, elas continuaram sendo procuradas, pois entre elas e a comunidade havia uma relação de confiança, enquanto com esses outros era de desconfiança, não só por serem desconhecidos da comunidade, mas porque, entre a comunidade e a rezadeira havia uma relação de confiança baseado no conhecimento múltiplo.

O quinto ponto em comum entre elas, era que tratamos aqui, de mulheres que aprenderam um ofício por meio da narrativa oral e de suas experiências de vida, e passaram a pôr esse saber em prática por meio da oralidade em sua experiência de vida, percebemos aqui como a memória foi crucial nesse processo, não só de aprendizado como também de exercício do ofício, pois “... a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata de memória herdada, podemos então dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre memória e o sentimento de identidade” (POLLAK; 1992, p. 5).

Para cada doença tem uma reza, acompanhada de um ritual diferente e era a execução desses dois, que era de suma importância para o reconhecimento da rezadeira pela comunidade, e a importância dela para a formação da identidade local, já que, como já foi mencionado, dificilmente no município não tenha uma família, que não tenha se beneficiado dos saberes delas na época em estudo, o método de cura mais procurado pelos moradores era a rezadeira.

O sexto ponto em comum, tem relação com o anterior que pelo seu amplo saber, essas mulheres eram vistas como uma espécie de “anciãs”, “conselheiras”, “sábias”. Sendo assim, seus aconselhamentos, sempre eram procurados por pessoas da comunidade, inclusive por políticos locais, que queriam associar sua imagem a da rezadeira, e principalmente por mulheres, que na casa da rezadeira encontrava um ponto de apoio, para compartilhar determinadas situações de violência vivenciada em sua casa com o marido.

Percebemos aqui que, longe do que foi descrito em muitos trabalhos, que o público da rezadeira é composto de pessoas pobres e ignorantes, percebemos que seu saber, era procurado por diversas pessoas, das mais variadas instruções e níveis sociais, tanto do meio rural como urbano, sendo que até mesmo profissionais de saúde buscaram esse conhecimento ancestral e até mesmo dentre as rezadeiras mesmo, observamos essa variedade também pois teremos rezadeiras analfabetas sim, mas temos professora rezando na comunidade como veremos mais adiante.

Sétimo ponto em comum entre elas era o reconhecimento por parte da comunidade do trabalho dessas mulheres, não só na época em estudo, mais ainda hoje. Foi comum na pesquisa, depoimentos cheios de emoções, de gratidão pelas curas alcançadas, de frustração por não ter mais rezadeira na localidade onde elas moram após

o falecimento das rezadeiras mais velhas. Ficou presente nas falas que conseguimos, o sentimento de admiração, pois foi comum as pessoas se referirem as rezadeiras usando expressões como “boca santa”, “reza forte”, “mulher santa”, entre outros, que demonstram como essas mulheres conquistaram o poder, o respeito e admiração das pessoas na comunidade local.

Oitavo ponto em comum entre elas, era que, suas rezas de cura não ficavam restritas as pessoas, no saber dessas mulheres, elas aprenderam rezas para o cuidado com os animais, pois rezavam de vários males que os assolavam, era comum elas serem procuradas em caso de bicheiras, partos dificultosos, desaparecimentos, infestação de carrapatos, fraturas de membros entre outros; elas rezavam em roçados, para impedir ou afastar as pragas, e incêndios descontrolados para apagarem, percebemos dentro dessas práticas uma “magia agrícola” (MAUSS, 1974, p. 60), que queremos abordar, para haver uma ampliação em nossa pesquisa sobre o conceito de atuação das rezadeiras na comunidade.

O nono ponto, em comum entre elas, é que em seu saber, elas se valiam de um amplo repertório das rezas. Iremos perceber que quase toda reza segue uma estrutura, é composta de fatos das vidas dos santos ou de Jesus, descritos na bíblia ou na tradição católica, associadas a partes inventadas, que não fazem parte desses relatos oficiais, e durante essas rezas tinha manipulações de plantas ou outros símbolos que fazem parte desse sagrado, a rezadeira “se utilizava do conhecimento secular de plantas medicinais da nossa floresta e de certos rituais e crenças para atender e minorar as agruras de uma população entregue à sua própria sorte” (SOUSA; 2006, p. 78). Embora o meio mais usado de planta, pelas rezadeiras seja no tradicional ramo durante a reza, a manipulação de ervas se dará de várias outras maneiras.

Enquanto o ramo era usado durante a reza, várias outras ervas poderão ser usadas ou indicadas pelas rezadeiras para o uso ser feito em casa, esse uso pode era feito várias partes da planta, podendo ser as folhas, os frutos, os brotos, as sementes, as raízes, as cascas, entre outros, e essas partes da planta podiam serem usadas de várias formas, nesses remédios caseiros, podendo ser na forma de cataplasmas “preparações de uso externo, de consistência mole e compostas de pó ou farinhas diluídas em água, cozimentos, infusões, vinho ou leite” (MORGAN; 2003, p. 21), cozimento, contusão, filtração, maceração, mondação, sucos, xaropes, torrefação e garrafadas.

O décimo ponto era que, por causa desses conhecimentos, as rezadeiras além de médicas e enfermeiras, eram vistas como farmacêuticas, que indicavam um remédio gratuito, que podia ser encontrado no quintal de sua casa mesmo, ou na casa de quem buscava esse saber. Para essas mulheres “...a Natureza não é um desconhecido, mas faz parte da família” (ESTÉS; 2007, p. 25). E é por meio desse laço familiar, com a natureza que essas mulheres entregavam a cura a comunidade. Além disso, elas indicavam, o uso de vários outros elementos para cura, encontramos nesse uso leite materno para dor de ouvido, urina humana para frieiras, pena de juruti para picada de cobra, banha de teju para garganta, banha de carneiro para machucado, banha de raposa para varizes entre outras.

4.2. EIS O MISTÉRIO DA FÉ: AS REZADEIRAS DE SALGADINHO

Para que haja um melhor entendimento do universo das rezadeiras locais, pretendemos aqui, apresentar ao leitor quem foram essas mulheres, que estiveram ou ainda estão em exercício do ofício de rezar na comunidade de forma que, damos face aqui a nossa escrita.

4.2.1. Judite Job: dona Judite

Figura 13 - Judite Job, dona Judite



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Judite Job Leite, hoje com 84 anos, teve 8 filhos todos nascidos em casa, é agricultora aposentada. Iniciou o ofício de rezar ainda jovem, quando morava no sítio Bonfim Velho, reside na sede do município na parte urbana do município e ainda está na ativa, segundo ela, atende qualquer um que busca sua ajuda, devota de santo Antônio e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Segundo ela mesmo aprendeu a rezar da seguinte maneira:

Faz muito tempo foi assim tinha um rezador aqui, no tempo da Collier, no tempo da Collier viu? Que ele rezava em dente, em dente sabe? Eu sei que ele rezava e eu escutando, prestando atenção assim, *tudim* ninguém me ensinou eu ouvia ele rezando sabe? Aí eu fiquei rezando no povo rezando dos dentes. Ele morreu, ele não era daqui não veio na Collier, no tempo da Collier. Aí às vezes o povo *tava* com uma dor na coluna, eu rezo, passa, mas eu não sei de nada não, só sei se chamava *Chico Galo*.

Percebemos aqui, no relato o que já foi dito com a morte do rezador devido à necessidade, outro logo assumia esse posto, para atender a necessidade da comunidade, no caso aqui dona Judite deu continuidade a esse trabalho garantindo esse sentimento de proteção comunitária.

Ela costuma rezar de “olhado”, de “dor de cabeça” e “dor de dente”, mas seu saber não está restrito aos cuidados com pessoas, ela reza também em animais doentes. Para rezar não usa nada além de um ramo e a imposição de suas mãos sobre o local da doença. Não cobra por seu saber, costuma também rezar a distância em parentes por meio do celular. Um dos mistérios que envolveu essa mulher e nossa pesquisa, foi o fato que ela foi uma das rezadeiras que não revelou suas rezas, segundo ela porque ao fazer isso, sua reza perde a força, isso se dar porque segundo o pensamento da crença popular da rezadeira:

O relativo segredo que as rezadeiras fazem ao não compartilhar com os outros que não fazem parte do seu grupo, suas orações e rezas, pois implicaria na perda do “puder”, é uma demonstração dessa magia. Ao balbuciar as rezas e as ejaculatórias, estabelecem uma relação de poder com o solicitante (SANTOS; 2018, p.72).

De forma que o segredo dar um ar de mistério ao ofício dessa mulher, pena para o pesquisador que queria trazer esse conhecimento para outras pessoas, mas cabe a nós entendermos o pensamento que norteia esse silêncio aqui, e percebemos que mesmo por

meio desse silêncio essa rezadeira vai falar, pois isso constitui um ponto importante do sagrado dessa mulher.

4.2.2. Rita Nogueira: dona Rita

Figura 14 - Rita Nogueira, dona Rita



Fonte: Arquivo pessoal de Alex Alves

Rita Nogueira dos Santos Silva, nascida no ano de 1965, hoje com 54 anos de idade, é dona de casa aposentada como auxiliar de serviços gerais, nasceu no sítio João Bento, uma das comunidades que formam o município, casada com o senhor Inácio Paulino com o qual teve dois filhos. Ela é devota de São Miguel Arcanjo e Santa Rita de Cássia.

Quando perguntada como foi que aprendeu a rezar ela nos conta que: “Desde os três meses de idade eu já via a minha avó rezar e ia gravando na cabeça sabe? Depois de três anos eu gravei a primeira vez a Salve Rainha, segundo a Virgem Santa do Rosário e daí por diante”. Observemos no relato que mesmo aprendendo com a sua avó ela não recebeu esse ensinamento de forma direta mais apenas pelo ver e ouvir.

Ela é procurada para rezar de “olhado”; “quebranto”, “espinhela caída”, “arcas emborcadas” e “peitos rendidos”; e segundo ela reza de qualquer outro mal, costuma rezar a distância também pelo celular ou em foto, para essa reza ela costuma usar ramo, terço, crucifixo, algodão, água e até mesmo fogo. A mesma é muito experiente na arte de curar, pois reza também em animais e em pragas de roçado, faz tudo isso de graça.

O curioso sobre essa rezadeira e que ela é considerada tão experiente pela comunidade que entre os seus rezados encontram-se evangélicos, pessoas essas que antes de se converterem, buscavam o saber dessa rezadeira, e que mesmo depois da mudança de religião mantiveram esse hábito, pois enquanto o pastor da Igreja só está presente à noite na hora do culto, dona Rita está disponível a qualquer momento que a pessoa procurar, esse fato demonstra também como a influência de uma boa rezadeira pode ser percebida indo além da religião.

4.2.3. Ester Mota de Farias: dona Ester

Figura 15- Ester Mota, dona Ester



Fonte: Arquivo pessoal de Juliana Soares

Ester Mota de Farias Noberto, conhecida como dona Ester. Reside atualmente no Olho D'Água, é casada como senhor Francisco Farias, é também agricultora aposentada, atua como rezadeira desde os trinta anos de idade, na mesma comunidade que reside. É devota de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que é a padroeira da comunidade que ela reside, do Divino Pai Eterno, de todas as Nossas Senhoras, e também de Nossa Senhora Aparecida. Segundo ela quando perguntada com quem aprendeu a rezar ela responde:

Eu aprendi a rezar com *Cumade* Júlia Neco, outra rezadeira me ensinou a rezar eu já sabia, mais aprendi, com *cumade* Júlia me ensinando as orações, ela passando as orações dela *pra* mim. Eu ouvi, aí depois eu perguntei *pra* ela se ela podia passar pra mim, aí ela começou a passar para mim.

Ela atende a pessoas na sua residência, que por sinal fica localizada na frente do posto de saúde da comunidade, um fato curioso nessa rezadeira é que profissionais de saúde que trabalham nesse posto, já procuraram a reza dela, ela reza também à distância, em pessoas que pedem sua reza pelo telefone. Costuma rezar de “olhado”, de “dor de dente”, de “mal vermelho” e de “ventre caído” e para isso além da imposição das mãos usa um ramo, que ela costuma pegar nas árvores do terreiro de sua casa mesmo, nunca cobrou por seus saberes.

Dois pontos nos chamaram atenção no saber fazer de Ester: O primeiro é que assim como dona Judith, ela não revelou suas rezas, acreditamos que pelo mesmo motivo, e também que, com a competição com o movimento pentecostal que cresceu na comunidade em que ela mora a mesma costuma ser procurada por evangélicos, fato que nos chamou muita atenção sobre isso ela nos conta que:

A semana passada, veio uma sobrinha minha *pra* rezar, porque o menino dela *tava* doente, aí ela chegou aqui e falou: tia eu vim pra senhora rezar. Aí a menina disse: *oxente* tu é crente e vem aqui *pra* rezar. Aí ela disse: não porque Deus é um só eu sei que tia vai rezar. Eu não cheguei a rezar aqui rezei na casa da minha menina mesmo que eu *tava* rezei de olhado e de ventre caído nele, aí ela foi pra casa quando foi de tarde chegou aqui e disse: mais tia Ester a senhora acredita que esse menino não *aperriou* mais passou a tarde depois que a senhora rezou.

No trecho acima percebemos o que temos frisado ao longo de nosso trabalho, na ausência de um pastor no momento da necessidade dessa mulher ela recorreu a rezadeira

que é sempre presente na comunidade e independente da fé pelo depoimento ela recebeu a cura.

4.2.4. Inácia Dias Alves: dona Inácia

Figura 16- Inácia Dias, dona Inácia



Fonte: Arquivo pessoal de Rozelita Alves

Inácia Dias Alves, 69 anos, nasceu em 31 de março. É professora aposentada, essa é a rezadeira com o maior nível de instrução escolar que encontramos, ela trabalhou como costureira e artesã, ela é casada com o senhor Manoel Alves, nasceu, foi criada e sempre morou na comunidade de São José da Batalha, teve seis filhos biológicos e adotou quatro, ainda atua como rezadeira, costuma atender as pessoas em sua casa. Ela é devota de todos

os santos e das santas, entre eles os seus preferidos são: Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora das Graças, Coração de Jesus e São Pedro. A família Alves tem a tradição de festejar São Pedro com uma novena que já se tornou tradição em São José e faz parte do calendário de eventos culturais religiosos locais. Segundo ela quando perguntada com quem aprendeu a rezar ela nos conta que:

Eu fui criada com minha *vó*, minha mãe morava com minha *vó*, e a minha *vó* era quem era rezadeira, era parteira e rezava, aí quando ela ficou velhinha eu era quem dormia com ela, aí ela ia me ensinar, nos anos de sessenta, por aí quando ela me ensinava a rezar ela dizia: Oh minha *fia* eu vou ensinar a você, porque quando eu me for, eu não quero que as palavras de Deus que eu sei fique boiando, aí ela ensinava eu rezar.

É uma rezadeira muito experiente, costuma rezar de “olhado”, “quebranto”, “carne triada”, “osso desconjuntado”, “nervo torto”; “dor de cabeça”, ela tira “raios de sol” e de “lua” da cabeça; “dor de pontada”, “dor de vitrusidade”, “dor reumática” entre outras. A mesma reza em roçados para combater pragas faz tudo isso sem cobrar nada.

4.2.5. Josefa Pereira: Dona Deta

Figura 17- Josefa Pereira, dona Deta



Fonte: Arquivo pessoal de Cícera Oliveira

Josefa Pereira de Oliveira, hoje com 67 anos, nasceu em 25 de julho de 1951, ela é agricultora aposentada, casada, chegou à São José ainda pequena, com um ano idade, e é onde reside até hoje, é nessa comunidade onde costuma atender as pessoas que procuravam suas rezas, casada com o senhor José Gomes, com o qual teve onze filhos e adotou um, esses filhos foram nascidos em casa, a maioria com a parteira dona Dondon. Ela é devota do Coração de Jesus, como mora perto da igreja, costuma frequentar muito as celebrações locais, inclusive participa do apostolado da oração de sua comunidade.

Segundo ela quando perguntada, com quem aprendeu a rezar, ela nos conta que foi: “Com Cícero meu tio, Cícero, Cícero Pereira do Nascimento uma pessoa que tinha muita fé em Deus”. A mesma costuma ser procurada para rezar de “olhado”, de “quebranto”, de “ventre caído”; faz “cura de aranha”, e já fez cura de “mordida de cobra”. Atualmente devido à grande quantidade de rezadeiras em São José, a mesma tem aconselhado as pessoas que a procuram irem as outras rezadeiras que residem perto, são cinco, só nessa comunidade, de forma que ela tem deixado o ofício gradativamente, isso é feito quando a rezadeira percebe que sua memória está ficando fraca. Isso se dá também porque entre as rezadeiras há a crença na “... existência de uma força muito negativa, “muito pesada”, que os adultos carregam com eles quando estão com problemas de saúde é absorvida pela rezadeira no momento do ritual, assim, esses problemas são passados para aqueles que pratica o ofício” (SANTOS; 2018, p. 56).

Isso fez com que a mesma se especializasse em rezar mais em crianças da comunidade, embora seja também procurada por adultos, que ela muitas vezes acaba indicando outra rezadeira da comunidade, percebemos aqui que não havia uma concorrência entre as rezadeiras locais, de forma que mesmo uma rezando e sendo procurada ela vai prontamente indicara outra.

4.2.6. Maria do Carmo: dona Carminha

Figura 18- Maria do Carmo, dona Carminha



Fonte: Arquivo pessoal de Alex Alves

Maria do Carmo Alves de Oliveira, reside atualmente em São José, está com 80 anos, nasceu em 1939, é agricultora aposentada, casada com o senhor Amadeus Oliveira, com quem teve 13 filhos. É devota do Coração de Jesus e Nossa Senhora de Fátima, tem sua vida religiosa na igreja local participando de missas e celebrações em residências locais. Quando perguntada como foi que aprendeu a rezar, ela nos conta que: “desde eu casada *num* sabe, desde os 23 anos *pra cá*, que a minha vó, era rezadeira, muito rezadeira mesmo, e eu já levava filho meu pra ela rezar. Ela disse minha filha vou lhe ensinar para você não ocupar ninguém, você suas palavras santas mesmo de sua própria boca certo”.

Ela costuma ser procurada em sua residência por pessoas para rezar de “olhado”, de “ventre caído” e “carne triada”. O curioso sobre essa rezadeira, foi quem também ela não nos revelou suas rezas, durante a entrevista ela falou que estava esquecida, mais percebemos isso como uma desculpa, e assim como outras rezadeiras ela tem que manter

essas rezas em segredo para não perder o poder, a mesma não cobra para atender os seus rezados, pela foto percebemos os traços indígenas nessa mulher.

4.2.7. Maria Júlia Bezerra: dona Júlia Neco

Figura 19- Júlia Bezerra, Júlia Neco



Fonte: Arquivo pessoal de Inácia Souza

Júlia Bezerra foi uma rezadeira que atuou no município de Salgadinho, mais precisamente, ela fixou residência na comunidade de Olho d'Água, zona rural do município, casou-se com o senhor Sebastião Gomes de Araújo conhecido como *Paizim Neco*, ficando logo viúva, ela criou filhos do primeiro casamento de seu marido, que eram seus sobrinhos, contam os familiares que sua irmã antes de morrer pediu que ela cassasse com o seu marido e cuidasse de seus filhos, dona Júlia Neco, como ficou mais conhecida não teve filhos. Ela faleceu no ano de 1996 e está sepultada no cemitério de Salgadinho na sepultura de sua família. Para colher depoimentos sobre ela, recorreremos a várias pessoas da comunidade que foram rezados por ela, e também duas sobrinhas sua.

Segundo os familiares começou a rezar muito cedo, era neta de uma rezadeira, e filha de outra, conhecida como Maria Santina Bezerra, foi com essa mulher que ela aprendeu a rezar, e por ser a mais velha das irmãs, ela teve facilidade de aprender mais, já que sua irmã Maria Bezerra, conhecida como *Noquinha* também era rezadeira, mas era considerada pela comunidade como uma rezadeira menos experiente que sua irmã, pois dona Júlia rezava de mais doenças que sua irmã de forma que era bastante procurada.

A mesma rezava de “olhado”, de “amorto”, de “quebranto”, de “arcas emborcada”, “espinhela caída” e “peitos abertos” rezava de “dor na coluna”, de “ventre caído”, “dor de dente”, “carne triada”, “nervo torto”, “osso desconjuntado”. Além disso, também rezava em animais, roçados e incêndios. No saber fazer de dona Júlia, assim como era ampla, a quantidade de doenças que ela curava, por meio de sua reza, vasto também eram os seus instrumentos de cura, para rezar ela usava o ramo, cinzas da fogueira de São João, panos bentos, água, a porta da casa, saquinhos com orações pendurados no pescoço dos rezados entre outros. Nunca cobrou por seus conhecimentos ela foi uma das rezadeiras que realizou na comunidade o batismo dos inocentes que abordaremos mais adiante.

A mesma conquistou uma grande admiração na comunidade local, pois além de rezar nas pessoas, a mesma fazia procissões, rezava o mês de maio, tirava novenas, rezava a ladainha, fazia a leitura da bíblia e conduzia ritos fúnebres, foi por isso a rezadeira mais conhecida em todo o município. O curioso sobre essa rezadeira é que segundo depoimentos em suas celebrações, a mesma falava uma língua que era estranha aos participantes, segundo eles isso se dava quando o Espírito Santo vinha sobre ela, esse fato para comunidade era sinal de sua intimidade com Deus.

4.2.8. Maria Santina de Bezerra: dona Noca/Noquinha

Figura 20- Maria Bezerra, dona Noca/Noquinha



Fonte: Arquivo pessoal de Lourdes Santos

Maria Santina de Bezerra dos Santos (na imagem com o pano na cabeça), morava no Olho D'Água. Nascida em 21 de janeiro de 1921, era filha de uma rezadeira, Santina Maria da Conceição. Maria Bezerra casou com senhor José Maria de Bezerra, um homem influente que na década de 60, foi um dos responsáveis pela emancipação política de Salgadinho, dona Noquinha como ficou conhecida pela comunidade, trabalhou desde cedo, fato que a afastou da escola, não sabia ler, casou muito cedo aos 16 anos de idade e teve 16 filhos, nascidos alguns por meio da parteira Maria Teresa.

Residiu durante muito tempo na comunidade de Olho D'Água. Aprendeu o ofício de rezadeira com sua mãe e com a sua irmã Júlia Neco, passou toda sua vida dividida entre a agricultura a sua família e o ofício de rezar, a mesma acompanhava sua irmã nas celebrações feitas por ela e como sua irmã Julia Bezerra, essa faleceu primeiro que dona

Noca, a mesma deu continuidade à tradição de rezar, da sua família até o dia de sua morte.

Costumava atender as pessoas em sua casa mesmo onde era procurada por muitos para rezar de “olhado”, de “amorto”, de “quebranto”, de “arcas emborcadas”, “espinhela caída” e “peitos abertos, rezava de “dor na coluna”, de “ventre caído”, “dor de dente”, “carne triada”, “nervo torto”, “osso desconjuntado”. Além disso, ela rezava em animais, roçados e em incêndios.

Ela faleceu em 12 de dezembro de 2009, em Assunção, está enterrada em Salgadinho, no cemitério na sede do município, desde a sua morte na comunidade de Olho D'Água não surgiu outra rezadeira tão influente como ela e sua irmã, ela já mais cobrou por seus conhecimentos.

4.3. COM O PODER NAS MÃOS: RITUAIS, REZAS E INSTRUMENTOS DE CURA

Quando pensamos nas rezadeiras, vem logo a imagem cristalizada, de uma mulher rezando com um ramo na mão, mas com o avançar de nossas pesquisas, podemos constatar que o ramo, é apenas um, dos vários elementos materiais, repleto de simbolismo religioso, usados pelas rezadeiras na arte de curar. Por meio dos seus saberes percebemos que “as mulheres tinham uma relação especial com o sagrado que emanava da natureza” (MURARO; 1992, p. 64). Essa característica é percebida pela análise de seus ritos, pois “o ritual se apresenta como uma espécie de receita (...) caso não siga ou por algum motivo seja interrompido o processo (...) todo o ritual perderá sua eficácia. Posto isso, caracterizou-se o ato como mágico, visto que sua tônica é marcada pela repetição” (ALMEIDA; 2017, p. 122), e que aqui “analisar o ritual é antes, de mais nada examinar como significados, símbolos e metáforas são manipulados em um contexto e ação” (RABELLO; 1994, p. 48).

No que diz respeito ao saber-fazer das rezadeiras, vamos utilizar o conceito de rituais das rezadeiras, pois esses não seguem o modelo de rito, imposto pela Igreja Romana, sendo assim, dessa forma esses rituais populares, podem variar e variam de rezadeira para rezadeira, enquanto que os da Igreja não.

Os Elementos, símbolos e metáforas de cura que são usados pelas rezadeiras estão repletos de simbolismo religioso onde sua “... força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física” (BOURDIEU; 2016, p. 60). E alguns desses elementos resultado dessa relação feminina com o sagrado, que vamos descrever a baixo e entender seu simbolismo oculto. Nesse trabalho:

O símbolo é a fonte criativa de espírito humano e que revela a tendência de unir elementos que são contraditórios, [material e espiritual] entrelaçados, sobrepondo e interconectando as formas nas fases da vida. A consciência nasce e se desenvolve no processo de formação de símbolos no inconsciente, pois, o símbolo indica, sugere, e estimula os conceitos como os sentimentos, a intuição e a sensação (JUNG; 2014, p. 23).

Esses símbolos usados pelas rezadeiras, são de extrema importância para entendermos como essas mulheres conseguiram conquistar esse lugar de autoridade dentro do inconsciente coletivo comunitário.

Em se tratando da arte de curar, podemos perceber como a memória, associada à oralidade eram duas ferramentas importantes do saber fazer das rezadeiras, pois associada ao ritual temos as rezas executada pela rezadeira, que consiste em “prece rogatória devia ser rezada regularmente, tanto para a preservação da saúde e a condição normal da pessoa, quanto para a orientação e assistência em circunstâncias anormalmente difíceis” (THOMAS; 1991, p. 105). E, elas ficavam armazenadas na memória das rezadeiras. Usaremos nessa pesquisa, o termo rezas para se referir, as falas das rezadeiras ao invés de orações, pois enquanto, uma oração tem um modelo oficial, que não muda, por causa do cânone religioso, as rezas, por pertencerem a tradição das rezadeiras, variavam mesmo dentro da mesma localidade. Segundo a crença, tinha algumas doenças que só podiam ser curadas por meio da reza, como podemos observar nessa pesquisa:

...a reza se dá através da linguagem oral e gestual com a qual algumas pessoas portadoras de um saber especial – as rezadeiras – proporcionam o alívio a quem sofre de algum tipo de mal. Rezar é garantir a continuidade da harmonia com o próprio corpo, é debelar o mal que incomoda, é restabelecer a saúde. (THEOTONIO; 2010, p.34)

Percebemos que a existência, e continuidade da comunidade estavam atreladas a esse pensamento, mágico-religioso havendo assim “Correlações entre magia e

sobrevivência” (WISENBACH; 1997, p. 11). Em uma comunidade marcada pela ausência do Estado e da Igreja, são as rezadeiras, com suas rezas e seus rituais, que garantiam a comunidade, corpo e mente sãos, pois em meio à dificuldade, eram elas, a quem a comunidade recorria, não importando a hora ou o lugar, a rezadeira sempre estava apta para ajudar por meio da dádiva recebida, quem precisava de seus conhecimentos, sem cobrar nada por isso, nem usando seu conhecimento para fazer distinção religiosa, pois percebemos que algumas era/são procuradas por evangélicos, e isso demonstra a importância dessas mulheres cuidadoras para a comunidade.

Analisando a estrutura das rezas, que conseguimos juntos com os depoimentos, percebemos que, elas são compostas de três partes: a primeira é a fórmula mágico-religiosa, onde geralmente nessa parte se nomeia a doença, e coloca também o nome da pessoa rezada, a segunda parte, é onde se usa as rezas oficiais da Igreja, dependendo cada ritual pode variar. Percebemos na pesquisa, o uso do Pai Nosso, da Ave Maria, Salve Rainha entre outras, e a última parte da reza, é chamada de dedicatória, onde a rezadeira simbolicamente, entrega a doença para ser levada; esse momento pode ser acompanhado de um gesto simbólico como lançar fora o ramo, ou a água ou colocar aos pés do santo o mal.

Essas rezas são um aspecto importante da cultura das rezadeiras. Assim como para cada doença vai haver um ritual, para cada doença, vai haver uma reza, para um santo, que segundo a crença era responsável por fazer a defesa daquela parte do corpo doente.

4.3.1. O ritual e reza de cura do “olhado”, “amorto”, e “quebranto”

Segundo Câmara Cascudo, essa doença de olhado consiste na “Alteração da saúde, causada por influência de olhos maus. Quebranto. Feitiço. Olho. Mau-olho. O mau-olhado em todo Brasil Central possui ainda todo o seu misterioso poderio (...) e a benzedura impera como soberana terapia” (CASCUDO; 2000, p. 540), segundo o pensamento essa doença causa a “...falta de disposição, aparecem os sintomas de cansaço no corpo, choro sem motivo das crianças, o ato de bocejar repetidas vezes, a falta de apetite que, em geral, são associados a fatores externos onde o mau olhado é apontado como a causa da doença” (THEOTONIO; 2010, p.66).

Como podemos perceber, essa crença é tão forte que está presente na literatura: “Eu estava indisposta, resolvi benzer-me abri a boca duas vezes, certifiquei-me que estava com olhado” (JESUS; 2014, p. 10). Sendo assim, percebemos que essa doença, era causada pelo olhar, acompanhado do sentimento de inveja ou maldade, e a única forma de curar seria feita penas por meio da benzedura.

Segundo a crença ele não acomete só pessoas, mas também pode atingir os animais, a moradia, e as plantações e é na sabedoria popular que as pessoas irão procurar a proteção contra esse mau.

Figura 21 - Carminha rezando de olhado



Fonte: Arquivo pessoal de Emanuely Araújo.

O ritual de cura, dessas doenças é o mais simples, que encontramos em nossa pesquisa. A rezadeira geralmente pega três ramos com mão direita, como observamos na imagem a cima. Perceba-se aqui, a presença do número sagrado que “... simboliza a aceitação total e absoluta do mistério dos mistérios da religião cristã: a crença sem silogismo defectivos no Pai, no Filho e no Espírito Santo, sentidos e entendidos como uma só pessoa. Trata-se, em outros termos da concepção de Deus como unidade e como Trindade (DISTANTE *Apud* ALIGHIERI; 1998, p. 12).

Aludindo a Santíssima Trindade, esse ramo pode ser de algumas plantas próximas a sua casa, sendo que essa não pode ter espinhos. Às rezadeiras locais irão usar uma variedade delas, como a vassourinha, o pinhão roxo, a pinheira, e o arruda; e com esse ramo vai passando pelo corpo da pessoa, esse gestual sagrado é como se ela “varresse” do corpo do doente o mal.

Com esse ramo, ela vai fazendo o sinal da cruz, repetidas vezes, de cima para baixo, do corpo da pessoa rezada, quando o ramo chega na parte de baixo, a rezadeira, faz um gesto simbólico de jogar para trás dela, lançando fora o mal, durante o ritual quanto mais a rezadeira e a pessoa bocejar, mais intenso é o mal que está saindo da pessoa, isso porque “...tudo que rodeia a benzedeira faz parte do ritual” (QUINTANA; 1999, p. 102). Inclusive o seu próprio corpo, pois “(...) o corpo é a realidade do sujeito na qual vivencia e experiencia o mundo” (JUNG; 2014, p. 24), com o corpo aqui, ela não só reza, ela se doa, participa da arte de curar pondo em prática a dádiva que recebeu.

O ato de bocejar durante e reza era a evidência da saída do mau, nos remete a prática antiga de alguns xamãs, que costumavam cuspir alguns objetos durante o ritual de cura, para dar mais veracidade ao processo (LÉVI-STRAUSS; 2003, p. 203), sendo assim, nesse processo o corpo da rezadeira funciona como um espelho, que vai refletir o mal que se encontra no corpo da pessoa rezada e o ato dela bocejar, evidencia esse processo de expulsão da doença do corpo e o restabelecimento da saúde no rezado.

Além do número sagrado percebemos também a questão da mão, usada no ritual ser sempre a direita, em oposição a esquerda porque “O elemento esquerdo pode ser visto como outro significante do processo. Ele aparece em diversas situações sempre representando forças negativas” (QUINTANA; 1999, p. 179).

O interessante nesse ritual, e que ele é resultado do hibridismo cultural, pois reproduz a mesma prática de cura dos caboclos e Pretos velhos nos terreiros de Jurema que quando são incorporadas; “... essas entidades empregam folhas e galhos para realizar limpezas, - ato que consiste em passar as folhas ao redor do corpo dos presentes, simbolizando a retirada dos males-. São entidades em grande medida requisitadas em trabalhos de cura” (BARROS; 2017, p. 225).

Também tem relação direta com o Candomblé onde segundo a crença “Cada folha com seus *axés* e seus *ofós*, que são as cantigas de encantamento, sem as quais as

folhas não funcionam” (PRANDI; 2001, p. 154). Essas ervas e as fórmulas mágicas eram conhecimentos de domínio do orixá Ossaim e eram usadas:

Devido ao seu poder de cura e transformação, as folhas são elementos sagrados na liturgia e na prática da vida religiosa. Diz-se que sem folhas não há orixá. O saber de manipulação das folhas e o minucioso conhecimento de suas qualidades fitoterápicas caracterizam essa matriz religiosa como uma técnica de atendimento e uma prática terapêutica ecologicamente sustentável de primeira ordem. (NASCIMENTO; 2014, p. 164).

O curioso sobre esse ritual é que, segundo a crença das rezadeiras, que durante e execução do ritual é possível saber se quem colocou aquele mal, foi um homem ou uma mulher, isso se dava durante a reza, se a rezadeira errar, durante uma Ave Maria acredita que foi uma mulher e se for durante o Pai Nosso acreditava que foi um homem. Após o ritual de cura, o ramo murcha, isso segundo a crença evidencia a intensidade do mal, ao término do ritual o ramo deve ser jogado fora, e a pessoa que foi rezada não deve mais tocar nele.

Uma reza bem comum e muito procurada tanto que nos depoimentos que colhemos, essa é a reza mais lembrada, também porque apresenta a fórmula mais curta de todas. A rezadeira que nos descreve a como reza dessas doenças é a senhora Rita Nogueira, que nos conta que costuma rezar assim:

Com dois te *butaram*, com três eu te tiro, com os *poder* de Deus, e da Virgem Maria. *Uiado, mufina*, quebranto, inveja, sai do teu corpo. Com dois te *butaram*, com três eu te tiro, com os *poder* de Deus e da Virgem Maria, *uiado*, quebranto, inveja, mau vontade, sai do teu corpo, sai do teu olhado, sai da tua boniteza, sai da tua esperteza, vai *pras* aldeias, *pra* as águas do mar, *pras* encruzilhadas onde o dono de tu não vai passar, aonde não ver nem galo cantar, nem menino pagão chorar, aí reza três Pai Nosso, três Ave Maria e repete a oração três vezes.

Dentre as rezadeiras que revelaram suas orações, vai ter uma variante dessa reza a senhora Josefa Oliveira, para as mesmas doenças nos disse que reza assim:

Leve o que trouxesse. Deus te benza com a santíssima cruz, Deus te defenda dos maus olhos, dos maus olhados e dos maus querem lhe fazer, és ferro isso é aço, mas Jesus é quem dá o desembaraço quando termina essa reza aí reza um Pai Nosso e três Ave Maria e oferece a Nosso Senhor Jesus Cristo e Nossa Senhora do Desterro quando termina. Sabe quantas vezes repete essa reza? Nove (ênfase na voz).

As duas rezadeiras que tiveram suas rezas mencionadas aqui atuam na comunidade de São José e moram perto essa variedade ne reza delas demonstra o que temos apontado ao longo do texto que a cultura das rezadeiras, é marcada pela variedade já que essa não segue as normas da religião oficial.

Segundo essa crença, para se proteger uma criança do olhado “Não se pode achar menino bonito sem dizer logo o “benza-deus” (HORTA; 2004, p. 82). Esse ato simples, é como se anulasse a maldade do olhar, com uma benção sobre o infante. E para proteger animais, casas e plantações segundo a crença “Deve-se enfiar chifres de boi em postes, pau de curral ou nas cercas diante das hortas e plantações, para proteger tudo do mau-olhado e do malfeito” (*Op. Cit.*; 2004, p. 82). Já pessoas adultas costumam usar o pingente em forma de figa acreditando que isso vai protege-las desse mal.

4.3.2. O ritual e reza de cura de “ventre caído”

A doença do “ventre caído”, segundo a crença acometia só crianças, ela se manifestava por um distúrbio no sistema digestório, que causava uma alteração na consistência das fezes da criança, como podemos observar, pelo relato da senhora Efigênia Fernandes que ao descrever os sintomas da doença ela diz que nessa “A criança sente dor na barriga e a *obra* dele é verde da cor desse *bichim* aí, (apontando para uma pia verde), é verdinha, chega fica esfarelada todinha esfarelada”.

O ritual de cura de “ventre caído” foi o mais diferenciado dos rituais que iremos analisar. Primeiro, porque trata-se de uma doença que atinge apenas crianças e segundo, que o ritual de cura se dar da seguinte forma; a rezadeira pendura a criança de cabeça para baixo na passagem de uma porta para a outra e fica abaixando e levantando a mesma três vezes e repetindo a reza, durante esse ritual devido a posição desconfortável que a criança fica, ela chora muito, algumas rezadeiras com uma idade já avançada para não pegar em peso costumava pedir a um dos pais da criança para fazer esse movimento.

Já a reza, usada na cura dessa nos foi descrita pela rezadeira Josefa Oliveira, que se especializou em rezar mais em crianças, segundo ela para rezar de ventre caído, ela primeiro diz assim:

Pelo sinal da santa cruz livra-nos Deus, Nosso Senhor dos nossos inimigos, amém Jesus, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, *né* a primeira coisa. Aí reza três Ave Maria (...), *pra* você rezar, você tem que ser católico, tem que ser católico, tem que frequentar a igreja, fazer o seu pedido da sua oração na igreja, pelas pessoas que você vai curar tem tudo isso. Aí eu já disse a você. Pelo sinal da santa cruz, três Ave Maria e agora você fala essas palavras aqui: leva o que trouxesse, Deus te benza com a santíssima cruz, Deus te defenda deste ventre caído e da *espirtura mardada*, dos olhos maus e do mau que querem te fazer, por que se é ventre caído, se Deus quiser vai curar, e se é olhado, o mau vai se afastar, aí repita essa oração três vezes, até nove vezes repetindo aí faz glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo e quando é no terminal o *Creio* e Salve Rainha e a cura é essa de ventre caído.

Já a senhora Inácia Dias que também é rezadeira na mesma comunidade faz a reza de ventre caído de uma forma diferente, sendo que essa reza assim:

Jesus Cristo era menino, quando pelo mundo andou, vestiu-se e revestiu-se, e subiu para o altar, curou cegos e aleijados e livrou de todo *má*, assim livrai, aí diz o nome da criança, livrai de ventre caído, dor de cabeça, ventre caído, disenteria, ramo vivo e ramo morto e *molesta* do tempo e, do ar, te *arretire* agora em nome de Jesus, para as ondas do mar sagrado, aí reza o Pai Nosso, e aí quando termina. Não Pai Nosso não, reza a Ave Maria, vai de novo do mesmo jeito. Jesus Cristo era menino, quando pelo mundo andou, vestiu-se e revestiu-se, e subiu para o altar curou cegos e aleijados e livrou de todo mal, assim livrai, diz o nome, de ventre caído, de disenteria, de dor na barriga, e de todo mal quanto em ti chegar, que vai sair agora em nome de Jesus, vai sair do intestino e vai *pra* carne, sai da carne a vai pra pele, sai da pele para onda do mar sagrado.

Nota-se nessa reza o lugar de autoridade espiritual ocupado por essas mulheres que dão ordem a doença, para que ela sair do corpo da pessoa que solicitou a sua reza.

4.3.3. O ritual e a reza de cura de “raios de Sol” e de “Lua” e “dor de cabeça”

Essa doença a “dor de cabeça”, segundo a crença era causada pelos raios de Sol ou de Lua, que penetravam no couro cabeludo, chegando a causar dores intensas de cabeça nas pessoas, era por isso que as rezadeiras e parteiras costumavam usar um pano

amarrado na cabeça, mesmo a noite quando saiam de casa. Segundo a crença, os raios de Sol podiam causar mal as pessoas, daí a proibição de banhar-se em água quente e comer frutos esquentados pelo Sol. Como no perfil de pessoas que procuravam as rezadeiras, em sua maioria era composta de agricultores, essa era uma reza muito procurada, por muitos, já que costumavam trabalhar várias horas por dia, expostos ao Sol. Segundo Câmara Cascudo “Sol na cabeça são certas cefalalgias constantes, tornadas cefaleias insuportáveis” (CASCUDO; 2000, p. 716).

O ritual de cura dessa doença, também era muito diferenciado, geralmente como se rezava durante o dia, a pessoa deveria estar voltada para o lado que o Sol nasce, a rezadeira pegava um recipiente com água que tinha de ser de vidro como podemos perceber pela imagem a baixo, e emborcava em cima de um pano branco bento, colocado sobre a cabeça do doente, segurava com uma mão e com a outra, ia passando o ramo, e rezando.

A rezadeira vai movimentando o recipiente e o tecido na cabeça da pessoa rezada, segundo a crença no lugar onde mais subia bolhas na água estava localizada os raios causadores da dor e era necessário a rezadeira concentrar sua reza mis nessa área afetada pelos raios, na imagem a baixo dona Inácia reza na cabeça do pedinte, notamos nessa representação o lugar de autoridade religiosa ocupada por essa mulher ao manipular os instrumentos de cura sobre a cabeça do pedinte.

Era uma das rezas baste procurada, mas devido sua extensão, associada ao fato da rezadeira apenas murmurar muitas partes da reza, já para manter o segredo, a descrição dela foi rara, isso foi feito por dona Rita, que nos conta, que dessas doenças ela costuma rezar assim “Jesus quando andou no mundo com um punhal de ouro, ele curou raio de sol, raio de lua, raio de claridade. Aí eu rezo, digo o nome da pessoa, três Pai Nosso, três Ave Maria, para três almas do purgatório, aí rezo três vezes Jesus quando andou no mundo”.

Notemos nessa reza, o que temos falado, a presença do número sagrado três em alusão a Santíssima Trindade, nessa reza temos fatos inventados sobre a vida de Jesus, pois no início, se diz que ele andou com um punhal de ouro que era usado para curar, fato que não tem base bíblica.

Figura 22 - Dona Inácia rezando de raios de sol e lua na cabeça



Fonte: Arquivo pessoal de Emanoely Araújo

Ao término do ritual o ramo é jogado fora, a água é aspergida sobras às plantas e o pano colocado para secar ao Sol, dependendo do borbulhar da água a rezadeira pode pedir que o rezado retorne a sua casa para outra secção.

4.3.4. O ritual e a reza de cura do “mal de monte” ou “mal vermelho”

Essa doença é pouco comum, dentre as que encontramos em nossa pesquisa, é tanto que, das rezadeiras que entrevistamos, ela se encontra descrita, apenas nos relatos da senhora Ester Mota e Rita Nogueira, segundo dona Rita “...o *má* de monte sai uma ferida *baraba* na pessoa *né*, cria um a *pipoca* e vai alastrando no corpo”.

Segundo a mesma no ritual de cura dessa doença, ela usa algodão virgem e fogo, e ele se dá da seguinte maneira “pega algodão desse plantado na *roça*, aí você descarroça ele, aí faz uma lâzinha bem fininha, coloca de acordo do tamanho da ferida, você coloca em cima da ferida da pessoa toca fogo e assopra para apagar e rápido dois, três dias está

curado depende da fé de cada um”. Notemos o simbolismo desse ritual que ao circular a ferida com o algodão e colocar fogo ela delimita, é como se falasse daqui você não passa.

Uma doença pouco comum, é tanto que essa reza só é feita por uma, das rezadeiras que entrevistamos, dona Rita Nogueira nos conta que dessa doença ela reza assim:

Santa Madalena de onde tu *vem*? Vem de Santana. O que é que tu viu por lá? Vi muito morto do *má* de monte. Traz rama do monte, *pra* curar do *má* de monte, traz lírio do campo, *pra* curar do *má* de monte, traz água do monte *pra* curar do *má* de monte, aí reza três Pai Nosso e três Ave Maria.

4.3.5. O ritual e a reza de cura de dor de “*ritrosidade*”

Outra doença pouco comum, que chegou ao conhecimento em nossa pesquisa, pelo relato da senhora Efigênia Fernandes. Segundo ela “é dor assim na musculatura da gente nas *apá* que dar aquela dor forte, tão grande assim nas *apá* da gente pegando assim a coluna”. Por se tratar de uma doença incomum o ritual de cura também era totalmente diferenciado, esse descrito aqui era realizado pela rezadeira Júlia Bezerra, que segundo a senhora Efigênia Fernandes, a rezadeira:

Guardava muita cinza da fogueira de senhor São João, aí eu sei que ela pegava e amarrava uma *troxinha* de cinza, *saquim* de cinza era um *panim*, ela pegava um *panim* e *butava* a cinza dentro, amarrava e ficava batendo na cruz e rezando, era rezando e batendo nas costas dele, nas costelas assim, aí pronto ele ficava bom.

Nota-se nesse ritual a atribuição do poder de cura, a cinza da fogueira que era usada nessa reza em um saco, o uso de cinzas da fogueira será algo comum entre a população camponesa local em vários rituais diferenciados desse aqui.

Essa reza, é também pouco comum, quem nos narra ela, é a senhora Inácia Dias, que nos conta que, desse mal ela reza assim: “Eu ia *por* um caminho meu Jesus, como é teu nome? Eu: Ivo. Encontrei Ivo, Ivo anda comigo? Senhor não posso. O que é que tu *tem*? Dor de cabeça, dor de pontada, dor de *vitrusidade*, dor reumática, ramo vivo, ramo morto, me acompanhe até o calvário eu lá te curará”.

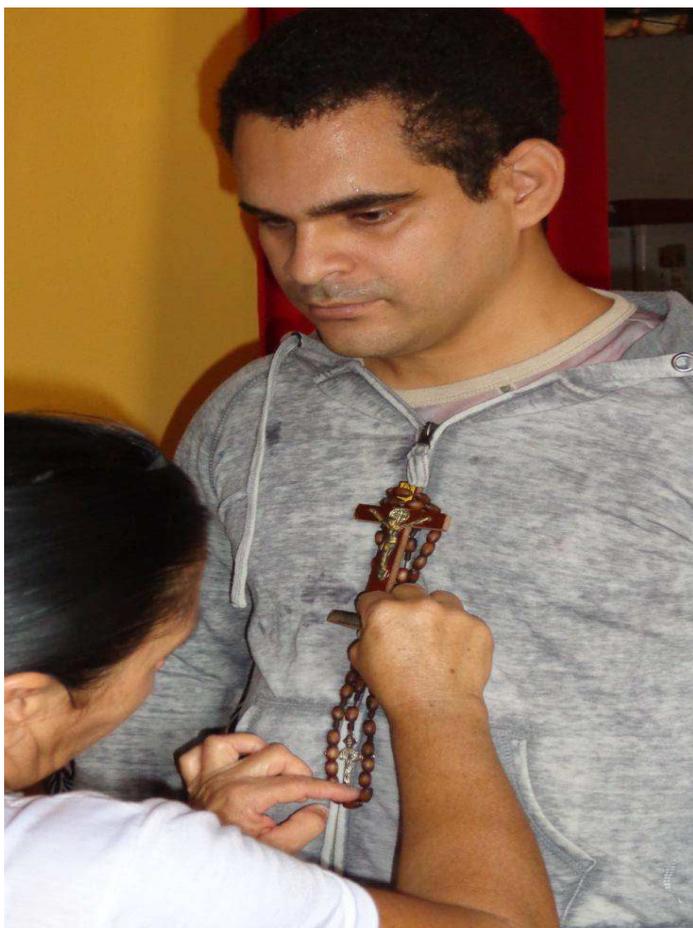
4.3.6. O ritual e a reza de cura de “espinhela caída”, “peitos abertos” e “arcas emborcadas”

Enquanto a dor de “ritrosidade” se manifestava por meio de dores na parte de trás do corpo, na região da coluna, essas três doenças aqui descritas, segundo a crença se manifestavam, através de dores na região peitoral, que poderia causar até falta de ar e escarros com sangue, como podemos perceber pela descrição: “Dor lancinante no peito, acompanhada de mal-estar, respiração opressa, há de ser invariavelmente o que chamamos de ‘espinhela caída’” (WISSENBACH; 1997, p. 36).

Foi o ritual de cura mais complexo, e demorado que chegou ao nosso conhecimento por meio dessa pesquisa. Primeiro, a rezadeira mede com um pano, em duas dobras do dedo mínimo da mão, até a região do cotovelo, e essa vai ser a medida padrão para as outras regiões, ela abre o pano, e com essa medida ela confere as medidas das duas regiões do tórax, onde segundo a crença se encontra essas partes; para os peitos ela mede logo abaixo dos ombros, se as duas pontas da toalha não se encontrarem é porque precisa rezar, pois os peitos estão abertos.

Já para “espinhela caída”, a rezadeira usa o terço dobra-se ele onde fica as contas de Pai Nosso e Ave Maria e mede na parte inferior do meio do tórax nas últimas costelas, como podemos observar pela imagem a baixos, e do meio para o fim do corpo não alcançar a ponta do terço isso quer dizer que precisa rezar para voltar para o lugar.

Figura 23- Dona Rita medindo a espinhela com o terço



Fonte: Arquivo pessoal Alex Alves

A rezadeira vai rezando, com um crucifixo no alto da cabeça, da pessoa e ao término da oração, ela faz as mesmas medidas para comprovar, para a pessoa que foi curada, caso ainda haja alguma diferença, nas medidas é necessário rezar, até que as regiões rezadas coincidam com as medidas da toalha e do terço.

Essa foi, uma das rezas mais bem conservadas que chegou ao nosso conhecimento, por meio da pesquisa, pois as irmãs rezadeiras Noquinha e Júlia Neco, já falecidas costumavam, escrever a reza e em um saquinho de tecido, colocar no pescoço dos rezados, a senhora Maria Gorete conservou um saquinho desse e nos permitiu abrir dentro tinha um papel que estava escrito assim:

Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo, para sempre seja louvado nossa mãe Maria santíssima.

Oração milagrosa. Quando Deus no mundo andou, muitas doenças ele curou, arca e espinhela caída Jesus Cristo levantou ou vinde mãe Imaculada levantai as arcas e espinhelas de Maria,

peito rendido Jesus Cristo levantou *ou* vinde mãe Imaculada levantai a espinhela de Maria com o poder de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, deixando Maria salva, sã, e curada.

Assim como estava Jesus no ventre da Virgem Imaculada. Amém.

Uma variante dessa reza, veio por meio do depoimento da senhora Rita, ela contou que reza assim “espinhela caída e arcas emborcadas, tu vai ficar curado pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo, aí rezo um Pai Nosso a reza completa *pra* ficar curado, são depende do tipo da enfermidade que você tem 14 Pai Nosso, pode ser até 16 depende”.

4.3.7. O ritual e a reza de cura de “mijada de arranha”

Essa, segundo a crença, era uma doença bem comum na época, pois pelas condições das casas, que eram bem próximas a áreas de mata ou plantações, as arranhas eram criaturas presentes, sejam dentro ou fora das residências, e segundo a mentalidade local caso essas, urinasse sobre a pele de uma pessoa poderia causar uma doença, que se manifestava por meio de bolhas na pele que iam se espalhando para o resto do corpo.

O ritual de cura, desse mal era feito com um copo de água pois “No Cristianismo a água também faz parte de vários rituais sagrados. É usada para purificar as mãos do sacerdote, para ser misturada com o vinho, simbolizando a união da humanidade com a divindade de Jesus. Também é um dos elementos essenciais do batismo” (BELNIOK; 2013, p. 161). Sendo assim, devido a importância desse elemento sagrado, as rezadeiras fazem o uso dele. Durante a reza era colocado sal dentro da água e ao término do ritual, essa mistura era dada para a pessoa rezada beber. Notemos o simbolismo aqui, primeiro, da água um dos elementos sagrados do cristianismo e também do sal outro elemento com um forte simbolismo, Jesus disse que seus discípulos seriam o sal da terra (MATEUS 5:13).

Também trata de uma reza pouco comum, nos chegou ao conhecimento por meio do depoimento da senhora Josefa Oliveira, que nos conta que desse mal ela reza assim:

Jesus Cristo acompanhe esse pedido que eu estou fazendo, as sete candeias iluminam, os sete anjos acompanham, Jesus Cristo é meu padrinho, Nossa Senhora minha madrinha, foi quem fez a cruz na minha testa, na sua testa, para que a doença que você estiver no seu pé. Aí diz o nome da doença. Sê curado ou de dia, ou de noite, ou na hora de meio dia, que assim seja, aí você vai nessa reza, reza cinco Pai Nosso aí *pra* primeiro dar o desenvolvimento nisso, aí oferecer a Jesus, que a força do mundo é Deus e Jesus.

4.3.8. O ritual e a reza de cura de carne “triada”, “osso desconjuntado” e “nervo torto”

Essa é uma doença bem simples, pois na crença “carne triada” era um machucado externo, ou interno no corpo, já o osso desconjuntado, era um machucado no osso, ou nas juntas e nervo torto um problema nos ligamentos, já que, o que eles chamam de nervo cientificamente, são as cartilagens e ligamentos.

Figura 24 -Dona Inácia rezando de carne triada



Fonte: Arquivo pessoal de Emanuely Araújo

O ritual de cura dessas doenças, se dava da seguinte forma: A rezadeira pegava uma agulha, e com uma linha e um pequeno pedaço de tecido, ia costurando como

percebemos na imagem a cima. Notemos aqui, como o gestual simbólico é presente nesse ritual, onde o tecido sendo costurado, representa a ferida sendo fechada, enquanto ela vai rezando, sobre a parte afetada, vai com a agulha mesmo fazendo sinal da cruz repetidas vezes, ao término desse ritual, na linha é dada um nó, e o pano costurado, é colocado aos pés de um dos santos do altar da casa da rezadeira. Nesse caso, ela depositou o pano costurado aos pés da imagem de Nossa das Graças; dependendo da orientação da rezadeira, a pessoa pode ser chamada para retornar para ser rezada mais algumas vezes.

Essa também era uma reza muito comum entre as rezadeiras, segundo a senhora Inácia Dias, ela nos conta que desses males ela reza assim: “São Linfonso o que é que eu coso? Carne triada, nervo torto, osso desconjuntado tudo isso eu coso em nome de Jesus”.

Notemos aqui o simbolismo dessa reza onde o ato de cozer se refere ao fechamento da ferida que simbolicamente é fechada durante essa reza.

Figura 25- Pano depositado nos pés de N. S. das Graças no final da reza de carne triada



Fonte: Arquivo pessoal de Emanuely Araújo

4.3.9. O ritual e a reza de cura de “mordidura” de cobra

Esse ritual é pouco usual, mas faz parte do cotidiano do povo sertanejo, pois, na lida com a roça, acidentes com animais peçonhentos, como cobras era comum, mas eram poucas as rezadeiras que faziam esse ritual devido à responsabilidade que trazia sobre ela.

Segundo crença popular além da reza, a rezadeira fazia um chá de castanha de caju, essa deveria ser assada, e pisada para se fazer esse chá, que deveria ser bebido pela pessoa picada, em outros rituais, era dado à pessoa picada leite de pinhão, ou um chá de pena de Juruti. A crença nesses instrumentos de cura, era tão forte, que muitos caçadores costumavam levar a castanha e a pena no bisaco, para caso fosse picado na mata longe de quem pudesse ajudar.

Essa era uma reza pouco comum, isso porque trazia uma responsabilidade muito grande, para a pessoa que rezava e para o rezado, no caso da pessoa rezada, tinha uma série de recomendações aos rezados e caso essas não fossem cumpridas, como foram ditas a cura ficava invalidada. Como exemplo, a pessoa rezada ficava proibido de sair de casa durante quarenta dias, e não podia ver ninguém, ficava também proibido de passar na água corrente, e pessoas com o olho mau não poderia olhar para o curado que causava a morte.

A reza de cura de “mordidura de cobra” nos chegou ao conhecimento por meio da senhora Esmeraldina de Souza que não é rezadeira, mas que ganhou essa oração escrita em um papel por outra rezadeira e no papel estava escrito assim: “A cruz sagrada seja minha luz. Não seja o dragão o meu guia. Retira-te satanás. Nunca me aconselhes coisas vãs. E o mau que tu me ofereces. Beba tu mesmo o teu veneno. Amém”.

Segundo Esmeraldina reza ainda três Salve Rainha e durante a reza não pode errar, caso isso aconteça o rezado morre.

4.3.10. O ritual e a reza de cura de azia e engasgo

A azia é um mal, causado pela produção excessiva de suco gástrico, que causa uma sensação de queimação no estômago. Para cura desse mal, segundo a senhora Esmeraldina Nóbrega nos conta que pega um “pau de anjico, bota no fogo de lenha, aí quando toca fogo vira”. Notemos aqui, o simbolismo desse rito, ao inverter os paus acessos o fogo se apaga, isso tem uma relação direta com a queimação provocada pela azia que com esse rito se espera que passe.

A reza feita para curar esse tipo de mal, segundo a senhora Esmeraldina Nóbrega e feita assim “Estrela no chão de couro velho, *janta* de peixe negada da boca de Nosso Senhor Jesus Cristo, mas Santa Sofia tinha três *fias*, uma fiava e outra cosia, e outra curava de mau de azia. Então Santa Sofia, venha curar essa pessoa, ou de mal de azia ou de engasgo. A mesma justifica que essa reza tem sua origem em um acontecimento da vida de Jesus que se deu assim:

Nosso Senhor Jesus Cristo, ia andando, aí quando chegou numa casa tinha uma *janta*, tinha arroz, macarrão e tudo, aí ele pediu e não quiseram (dar), aí quando ele andou um pouco o homem, ia um homem correndo e disse: Venha aqui que minha mulher *tá* engasgada, aí quando ele chegou e foi.

Notemos no conteúdo dessa reza, que o fato narrado sobre a vida de Jesus não estar descrito na bíblia, característica bem presente nas rezas das tradições de cura das rezadeiras, baseadas na arte de inventar a cura.

4.3.11. O ritual e a reza de cura de argueiro

Os argueiros, era como era conhecida, a irritação no olho humano, provocada por corpos estranhos que aderiram na membrana do olho. Geralmente, esse corpo estranho podia ser poeira, terra, cisco, insetos e outros mais. O ritual de cura desse, já mencionado, envolvia três sopros no olho, isso feito voltado para o lado do vento, essa ritualística remete ao modo de cura dos nativos pois, “O sopro foi uma das práticas mais utilizadas pelos pajés” (MIRANDA; 2011, p. 209), como método de cura, e isso também chegou

aos nossos dias por meio do saber das rezadeiras, demonstrando que esse ritual aqui é resultado desse hibridismo cultural.

Para cura de argueiro, que era um incômodo no olho, segundo a senhora Esmeraldina Nóbrega era assim “Passei pela porta de São Pedro, passei pela porta de São Paulo, é três santos que diz, São Pedro, São Lourenço e São Paulo, e pedi uma pontinha de lenço para tiara esse argueiro, Pai Nosso, Ave Maria o argueiro sai.

Há uma variação dessa reza em Salgadinho para cura de argueiro segundo a senhora Rosemira Maria é assim: “Corre, corre cavaleiro passa na casa de São *Pedo*, passa na casa de São *Migué*, pede o *livo* de Santa Luzia para tirar esse *aigero*”. Segundo a crença, Santa Luzia era responsável pela proteção dos olhos, então nessa reza se busca a intercessão dela na busca da cura dos olhos.

Notemos a simbologia, aqui nesse ritual, três sopros em alusão a Santíssima Trindade, isso sendo executado na direção do vento, para esse que podia ter trazido o mal levasse o mesmo, trazendo saúde ao doente.

4.3.12. O ritual e a reza de cura da íngua

Íngua, é como é conhecido a inflamação dos gânglios linfáticos, que causam dor e inchaço geralmente na região da virilha ou debaixo das axilas. Segundo a crença, o ritual de cura desse mal, era feito, segundo a senhora Rosemira Maria da seguinte forma: “mede [desenha] o pé no chão, aí fica cortando com a faca”.

Notamos aqui o simbolismo desse ritual de conhecido como cura pelo rastro, que também é usado em animais. Perceba-se em primeiro momento, a transferência do mal do corpo para o rastro, que depois é cortado com uma faca. Segundo, ela todo rastro deve ser preenchido com cortes, para que haja a cura completa. Segundo a crença, o rastro tinha poder, e isso está ligado ao hábito de não deixar as sandálias viradas para baixo, pois segundo a crença dava azar, e também quando uma pessoa estava sem sorte costumava dizer que uma de má fama tinha mijado em seu rastro, era comum também entre os antigos apagarem os rastros de uma pessoa indesejada após essa sair de sua casa.

A reza para cura de íngua, também é bem simples segundo a senhora Rosemira Maria nessa reza se fala assim: “...to cortando essa íngua de carne triada, só diz três vezes”. Vale salientar que essa que essa reza era executada enquanto o rastro da pessoa era cortado.

4.3.13. O ritual e a reza de cura de dor de dente

A dor de dente é uma infecção causada por bactérias que atuam na boca humana, nas condições que viviam muitos sertanejos, essa era uma doença frequente na população, devido às más condições de higiene, e falta de informação que muitos não tinham sobre os cuidados com os dentes, alguns deles não tinha se quer um dente são na boca, sendo assim, a dor de dente era frequente tanto em crianças como em adultos.

As rezadeiras desenvolveram rituais que visavam curar esse tipo de doença, em Salgadinho encontramos dois rituais diferentes. O mais usado, era rezar colocando os dedos pressionados no local do dente por fora da boca, mais outra rezadeira, antiga, em São José rezava de uma forma diferente, ela colocava uma pedra de sal sobre o dente inflamado e rezava pedindo a cura e a remoção do mesmo. Segundo relatos essa reza era muito forte era comum o dente cair depois que ela era feita.

Um das rezas usadas para cura de dor de dente, em Salgadinho foi narrada pela senhora Esmeraldina, ela conta que quando a rezadeira rezava desse mal ela dizia assim:

Três Pai Nosso, e três Ave Maria, oferecidos a Nosso Senhor Jesus Cristo, para afastar a dor de dente, se for dor de dente de *piorréia*, de *nestezia*, aí tudo Nosso Senhor Jesus Cristo afastará. Dor de dente de onde tu *vem*? De onde que tu sejas? Seja qual o teu princípio, seja qual a tua natureza, Nosso Senhor Jesus Cristo afaste esse para o mar sagrado, do outro lado para sempre, sem fim amém.

4.3.14. O ritual e a reza para amarrar cobra e de proteção contra os inimigos

Foi percebido em nossa pesquisa, também aqui em Salgadinho o costume que atribuem aos nós e aos laços uma função de cura, de defesa contra os demônios e os males podiam atingir a população já que as doenças eram vistas como sinais da atuação do mal sobre as pessoas e para se defender desses os nós eram usados em um ritual.

Segundo esse pensamento, o poder do nó dependia de quem fizesse esse. Se feito por alguém, era para afastar o mal, se feito contra alguém era para fechar os caminhos, atraindo assim o mal. Câmara Cascudo, falando sobre essa crença ele diz que “Nas superstições populares o nó representa a dificuldade, a obstrução, a parada” (CASCUDO; 2000, p. 527). Notemos que, algumas expressões populares têm origem nessa crença, no poder do nó, como a crença que uma dificuldade que está sendo enfrentada é um laço, um nó ou uma amarração.

Os nós fazem parte da vida do ser humano, no nascimento logo após o corte do cordão umbilical, ele era usado para selar o coto umbilical, dando a criança mais independência; os nós também eram usados por adolescentes e jovens em fitas envolta da estátua de Santo Antônio, segundo a crença para amarrar o amado; o próprio matrimônio, é conhecido também como enlace, passa essa ideia de amarrar duas pontas com um nó; na morte, ele estava presente no cordão de São Francisco, peça que fazia parte das mortalhas, que eram amarradas na cintura do morto e já continha sete nós. Segundo a crença, esse mesmo item era usado em rituais de exorcismo; para saída do espírito do corpo era recomendado, dar uma surra em forma de cruz com o cordão nas costas da pessoa.

Dentre as representações marianas temos a imagem de Nossa Senhora Desatadora dos Nós representada por uma imagem que recebe um cordão cheio de nós, de um anjo em sua mão esquerda, e com a direita desfaz os nós e outro anjo recebe o cordão. No contexto de Salgadinho os nós foram usados em um ritual de proteção. Esse ritual entra na categoria de raridades, pois algumas das rezadeiras que o executavam, faleceram e as pessoas entrevistadas apenas faziam menções a ele. Esse ritual foi nos descrito pela senhora Esmeraldina Nóbrega, segundo ela esse ritual é feito da seguinte forma:

...dar o nó no *rusário* ou no cordão de São Francisco, agora não existe mais só se comprar e mandar benzer (...). A pessoa tem

que obedecer ao *rusário*, tem que guardar o *rusário*, se entrar em uma festa ou num baile, coisa que não é de Deus deve tirar, enganchar pelo menos *num* toco ou guardar e quando vim. Até um terço vale (...) quando tiver *tumando banhe tá* desprotegido, vale pros inimigos.

Notemos o simbolismo desse ritual, que era usado por alguns agricultores para afastar cobras de seu pasto, para não picar os animais soltos, amarrando o rosário, cordão de São Francisco ou terço, no caso de cobras eram amarradas, ficando impossibilitadas de se aproximar do local ou da pessoa que carregava esse instrumento.

Já a rezadeira Inácia Dias nó narrou um ritual parecido com esse e com mais detalhes que é feito por ela da seguinte forma:

Se você está correndo um perigo você se acha você chega aqui: Dona Inácia reze por mim, que eu *tô* correndo um risco, um perigo (...) eu *tô* correndo um perigo, dona Inácia eu quero que a senhora reze por mim, ou reze em mim, que eu *tô* correndo um risco, correndo um perigo e eu queria me defender disso aí, o que é que a gente faz? A gente pega o rosário, aí dar aqueles três *nozin* e vai rezar, aquele rosário para Nossa Senhora *Desatadeira* de todos os Nós, nos defender daquele mau, que te persegue, daquela doença que tu estiver, daquele mau pensamento que tu *tiver*, ou que alguém tenha contra tu. Não seja tu o dragão para te atingir entendeu? A gente vai rezar essa oração todo dia, durante 15 Pai Nossos com 150 Ave Marias e 150 Santa Marias, quando terminar, oferece a Nossa Senhora *Desatadeira* de todos os nós, *pra* te livrar daquele mau que aquele não segure, e seja acorrentado o mau e os que tiver solto para te livrar. É assim que a gente faz essas coisas, e aqueles *nozim* se desmancha, quando a gente, vai se desfazendo quando a gente faz. Não tem aquela *partinha*? (Fio do cordão do rosário, sem ser a parte circular). Faz o nó e deixa eles assim, Jesus crucificado te defenderá e o demônio está acorrentado, aquele mau que tiver acorrentado só se desmancha quando o mau deixar de te perseguir.

Esse amuleto é uma releitura dos breves, elementos religiosos trazidos ao pescoço, cozidos dentro de um saco, preso por um cordão era levado pelo seu portador para onde ele ia, usado em caso de inimigos. O instrumento usado no ritual deveria ser preservado de locais profanos caso a pessoa entrasse deveria tirar o mesmo, deixar em um lugar e pegar quando voltar, era até proibido de tomar banho com o instrumento usado nesse ritual ou manter relações sexuais, pois “...eram considerados sagrados, por isso era preciso que, ao usá-lo consigo, quem o carregasse se conservasse puro, ou não praticasse qualquer “ato reprovado”, incluindo relações sexuais” (SAMPAIO; 2003, p. 400).

Diferente do que afirmam alguns estudiosos das práticas das rezadeiras, dizem que essas são muito procuradas, porque seus rituais não envolviam a questão moral, coisa presente no ritual cristão institucionalizado, mas percebemos não só nesse rito, aqui em evidência, mais em outros também, que as rezadeiras tinham uma série de recomendações morais, para os que procuravam o seu saber, mais no seu saber fazer era comum a sacralização de objetos, diferente do cristianismo que sacraliza o corpo por esse ser morada do Espírito Santo.

Segundo a senhora Esmeraldina essa reza não tinha uma fórmula específica, mas um gestual que foi descrito, em seu rito e acompanhando esse rito, segundo ela rezava “Três Pai Nosso, três Ave Maria e três Santa Maria”

4.3.15. O ritual a e reza de batismo dos inocentes das rezadeiras

O pagão, era como era chamado, segundo a crença, a criança que por ter morrido de forma repentina, não vai passar pelo ritual batismal da Igreja, e, vai ser a ausência desse esse ritual que, segundo a crença, determinava seu estado de alma penada. Esse tipo de crença se baseia no fato de que “como ele não recebeu o batismo não pode ir para o céu, porque não é cristão, nem para o inferno, porque não pecou, o [sendo assim] pagão vagará pelo Limbo e reaparecerá sempre (...) choramingando pelo batismo” (CASCUDO; 2000, p. 567-568).

Além de afirmação, do ritual católico, do batismo, com essa crença, a igreja queria combater o aborto, pois para a igreja “o aborto era um pecado contra o corpo, mais sobretudo contra Deus, que depois da queda dos anjos rebeldes precisava repovoar o paraíso com almas batizadas” (DEL PRIORE; 2009, p. 252), e essa prática do aborto era comum entre as mulheres, juntamente com o infanticídio, e pra combater isso, a Igreja por meio de seus pregadores, disseminava a imagem que “...as [almas das] crianças mortas sem batismo, [voltavam] acorrendo a hordas [do inferno] no dia do juízo Final [vindo] para acusar suas mães” (*Op. Cit.*; p. 255), e assim disseminavam, juntamente com o medo do juízo Final, a culpa por abortar, pois, ainda segundo a crença, nos pagãos, a mãe em primeiro lugar e depois toda família era penalizada, pois “A criança a quem não fora dado o direito de escolha sobre a vida retornava para vingar-se” (*Op. Cit.*; p. 256).

O não recebimento desse ritual se dava pelas circunstâncias da morte, acontecida ainda no ventre, ou antes de chegar a uma igreja, para a realização do batismo e a necessidade de dar ao cadáver um enterro rápido, que geralmente era feito pelo pai da criança, a mãe mesmo ou a parteira, que auxiliou a parturiente durante o parto.

Geralmente essas crianças nem recebiam vestes seu corpo, era enterrado envolto em panos da casa mesmo, e se não recebiam isso muito menos caixão, ainda segundo a crença, essas crianças eram enterradas junto das encruzilhadas ou porteiras de currais de gado, que eram considerados animais bentos, o enterro era marcado pelo temor da volta da alma, para perturbar sua família. Segundo a crença popular por não ter recebido os devidos cuidados do ritual de passagem elas ficavam ligadas ao mundo dos vivos e isso era percebido por que:

Suas almas anunciavam o desejo do batismo aos vivos de que de alguma forma poderiam contribuir para a entrada no paraíso, realizando-o no pós-morte, com o simbolismo da água santificada sendo depositada na cova em que fora sepultado. O anúncio era entoado através de um choro fino, insistente e meloso. O pagão, depois de batizado, cessava de chorar e voava para o céu (SANTOS; 2010, p. 10).

Caso o nascituro morresse pagão, em casa os familiares e a comunidade tomava várias precauções para batizar o morto. O primeiro era procurar uma rezadeira. A senhora Esmeraldina conta que para esse ritual em caso de morte de pagão era comum as rezadeiras da comunidade serem procuradas para fazer o batismo, sobre isso ela conta “Eu mesmo batizei, *Maneu* ou José e Maria só dava esses nomes, *Maneu*, José e Maria eu te batizo em nome do Pai, do filho e do Espírito Santo, usava água e um *ramim* verde. Esse fato de dar nome ao pagão estava intimamente ligado a crença na vida após a morte, pois:

Acreditava-se em uma vida além da morte que não ia necessariamente até a eternidade infinita, mas que promoveria uma conexão entre a morte e o final dos tempos. Assim, a idéia do Juízo Final está ligada, em minha opinião, à da biografia individual, mas esta biografia só é concluída no final dos tempos, e não apenas na hora da morte. (ARIÈS; 2012, p. 52).

Essa necessidade de nome estava ligado a crença na necessidade da intercessão do santo na passagem, por isso se escolhe nomes de Manoel, José e Maria, integrantes da sagrada família, e segundo a crença o pagão precisava de um nome, para ser escrito no

livro da vida, ou seja, ele precisava de uma identidade para ser salvo. Esse ritual particularmente demonstra como essas mulheres eram detentora do poder simbólico, na comunidade, a ponto de um ritual realizado por elas, poderem definir a situação de quem já morreu.

Outra forma de batismo informal de pagão, que não era feito pelo sacerdócio da igreja, estava no ato de batizar a criança doente antes de morrer em uma das fogueiras das festas juninas, segundo a rezadeira Inácia Dias esse rito de batismo era assim:

Você pega três paus de lenha pegando fogo aqueles três, aí você faz uma cruz, bota ela lá fora da fogueira, agora faz uma cruz assim, que ela fique feita pegando fogo para esse lado e para esse (apontando com as mãos o lado esquerdo e direito) e fica apagada, aí você vai encruza ela com a mão direita um do lado e outro *douto* daquele lado que tá com o fogo, ao diz assim: Primeiro você *envoca* o Espírito Santo em silêncio, aí você deixa ele ficar acesinho, o fogo acender, você vai ver aquele *foguim* subindo, aí você vai e diz assim: O divino São João, com o teu santo poder batizasse Jesus com a água do rio de Jordão e com o claro de fogo acendeis, aí pega um pau, aí vai e diz assim: São João disse, e São Pedro confirmou que você fosse meu afilhado que Jesus Cristo mandou. Aí diz assim: Assim como Jesus Cristo se viu livre, sã e salvo de todas as suas santas chagas, assim seja tu livre de todo mal que em tu chegar com a água do rio do Jordão que batizou São João e São João batizou São Pedro estais batizado em teu nome Jesus, eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Aí quando terminar a última palavra você vai e joga aquela água naquela criatura.

O medo de uma pessoa da família morrer pagão, e a crença nesse rito era tão forte, que avós costumavam usar esse ritual, que era mais privativo que o batismo na igreja, para batizar secretamente, filhos de pais evangélicos ou que decidiram não batizar seus filhos, geralmente isso era feito escondido dos pais. Mas, segundo a crença, caso isso ocorresse ainda podia ser feito, pois essa crença afirma que alma do falecido vem clamar pelo batismo para deixar de vagar segundo a senhora Esmeraldina isso ocorre:

Quando passa num canto, que ele tá gemendo ou chorando, um mesmo já chorou para mim, mas eu não acreditei que era um pagão, naquela ponte da rua, eu ia com a lata de melancia, e haja choro e haja choro e eu *tava até buchuda*, aí eu disse a mulher de Tuzinho, mulher dona Iracema, mais a mulher, ali naquela ponte tem uma criança que *butaram* a senhora entre para cuidar dela, pois eu com um peso desse não posso levar, criança no braço (...) A gente só batiza na hora que *tá* chorando, o batismo só voga na hora que *tá* chorando, aí batiza, faz a cruz e bota o nome, Maria eu te batizo em nome do Pai, do filho e do Espírito

Santo e se for *machim bota Maneu*, eu te batizo em nome do Pai, do filho e do Espírito Santo, amém.

A crença era forte que depois desse batismo do pagão ele virava anjo e completava sua passagem para o céu passando lá agora a interceder pelos seus familiares vivos, segundo a senhora Esmeraldina “o povo tinha prazer quando botava um *anjim pro céu*”.

4.3.16. O ritual e a reza contra pragas nas plantações

Os rituais executados pelas rezadeiras, não estavam restritos aos cuidados com a saúde dos humanos, mas se fomos analisar o cotidiano religioso do povo sertanejo, estava cheio de rituais, que são reflexos de suas crenças para proteção a determinados locais importantes. O roçado era uma dessas partes, na vida desse povo, muitos chegavam a passar mais tempo nessa parte, do que dentro da própria casa. Havia o tempo de preparo da terra, tempo de aguardar a chuva, com a chegada dessa vinha à plantação, limpa do mato, a colheita e remoção das plantas secas para os animais.

Mas as pragas podiam atrapalhar a produção, e fazer com que todo esse trabalho fosse em vão, para que isso não acontecesse, os agricultores recorriam as rezadeiras que desenvolveram um ritual, que segundo a crença afastava todo tipo de praga dos roçados, sejam ela de lagartas, de gafanhotos ou de fungos que assolavam a produção anual. Para proteger os roçados, as pessoas chamavam uma rezadeira, que com um rosário e um crucifixo, rezava nos três cantos do roçado, seria necessário deixar um aberto para saída desses males esse ritual deveria ser executado no dia de São Sebastião, poderia ser de proteção dos roçados ou de expulsão do mal em caso de roçados já atingidos por pragas.

Essa reza, é a mais simples das estudadas aqui, pois consiste em rezar três Pai Nosso, sendo um em cada canto do roçado, em caso de roçados já atingidos pelas pragas e no dia de São Bento, esse canto não rezado funcionava como saída para as pragas. Essa reza pode ser feito pela rezadeira ou mesmo a pessoa dona do roçado caso essa saiba da reza e do ritual.

4.3.17. O ritual e a reza para apagar incêndios

Esse ritual é pouco comum, e nem é toda rezadeira que vai executar ele. No tratamento da terra, era comum o agricultor usar o fogo, para acelerar esse processo, e algumas vezes esse fogo saía do controle dele, quando isso acontecia, a rezadeira era chamada. Segundo relatos ela usava água, e durante esse ritual, ela aspergia esse líquido enquanto rezava sobre o fogo, em alguns depoimentos que colhemos com os moradores locais vai ser bem presente o sentimento de espanto deles diante do fogo apagado depois da reza confirmando assim o poder da reza executada.

4.3.18. O ritual e a reza para trazer de volta pessoa desaparecida

Esse ritual era bem simples, como era comum o povo da comunidade rural viver em locais próximos a matas fechadas, era comum o desaparecimento de pessoas, principalmente crianças que iam brincar, e se perdiam ou caçadores, que iam para mata em busca de presas e se perdiam.

Segundo a senhora Esmeraldina Nóbrega esse ritual é realizado “com o terço na mão, aí reza o terço” segundo ela esse ritual traz a pessoa perdida de volta.

O relato da prática dessa reza, nos foi dito pela senhora Esmeraldina, que ela era rezada assim: “Santo Antônio pequenino, procurador dos perdidos, traz fulano para mim que nunca foi esquecido. Diz de boca com o terço na mão aí reza o terço”

4.3.19. O ritual e a reza de cura de bicheira

Bicheira, em Salgadinho, e outras localidades é como, é denominado a ferida no corpo do animal, que as moscas depositaram seus ovos e esses eclodiram dando origem as larvas, conhecidas como bichos ou tapurus. Essas larvas vão crescendo, e se alimentando do próprio animal, lembremos que os animais faziam parte da produção do

agricultor, dependendo da relação alguns chegavam até a serem criados dentro da própria casa sendo como integrantes da família.

Foi desenvolvido um ritual, que segundo a crença, combate esse mal é o chamado de cura pelo rastro, Câmara Cascudo fala sobre essa crença dizendo “Diz-se que no Sertão do Nordeste aos feiticeiros ou simples *curiosos*, que fazem cair os bichos (vermes) das bicheiras dos animais saem que os veja, usando apenas a força das fórmulas oracionais” (CASCUDO; 2000, p. 271).

Em Salgadinho, esse ritual era feito, segundo a senhora Esmeraldina Nóbrega assim: “desenha o símbolo de Salomão [estrela de cinco pontas] e vai cortando o rastro do bicho”. Aqui percebemos o simbolismo desse ritual, onde vai haver uma transferência do mau corpo do animal, para o rastro que vai ser cortado, e esses cortes eram feitos formando o símbolo de Salomão. A crença era tão forte nesse ritual, que segundo relatos as larvas caíam na mesma hora durante a execução do ritual. Esse símbolo da estrela, é muito presente na crença popular, muitos moradores antigos tinham anéis com esse símbolo como forma de proteção.

Essa é uma doença que acomete animais é aqui em Salgadinho não encontramos uma fórmula específica, segundo a senhora Esmeraldina Nóbrega “De bicheira mesmo é a Salve Rainha”. Embora em outras pesquisas tenha uma fórmula específica para a reza usada no ritual de cura de bicheira.

Os rituais e a rezas aqui analisadas fizeram parte da maneira como essas rezadeiras inventavam a cura para as pessoas que procuravam seus saberes e demonstram como essas mulheres foram importantes para a formação da identidade religiosa local desenvolvendo dentro da localidade essa cultura do cuidado feminino assegurando por meio desse seu nome nas páginas da história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Nos deparamos aqui com a história do cuidado, e as memórias produzidas por meio desses saberes na população local, isso evidencia como esses saberes foram uma fonte de riqueza e amparo para os moradores locais que buscaram ao longo de sua vida a ajuda de uma parteira ou de uma rezadeira, essas por sua vez buscaram no sagrado uma forma de aliviar quem necessitava de seus saberes. Aqui a fonte oral se torna muito importante para o estudo dessas práticas de cuidados, pois estamos falando de dois ofícios que são praticados pela oralidade, que relembra a memória que um dia foi aprendida por meio da experiência de vida dessas mulheres, e que remete a ancestralidade de forma que essas mulheres são guardiãs de uma tradição viva que revela memórias, saberes, práticas, e tradições resultados de uma herança cultural intimamente ligada ao conceito de sagrado.

As histórias de vidas narradas não são de heroínas, mas de mulheres reais, de carne e osso, que apesar de medos, dúvidas, hesitações e universalidades, tem coragem de seguir o que pede a sua alma (...), podendo por isso servir de exemplo e alento (DEL PICCHIA, 2010; p. 103).

Esse trabalho tem a função de analisar a importância da terceira idade na formação da identidade cultural comunitária, por se tratar de mulheres pobres nas letras, mas ricas nas experiências de vida, tanto a vivida no passado como a narrada no presente, demonstrando assim o lugar de poder ocupadas por elas na comunidade.

Na sociedade contemporânea essa arte de narrar está em decadência, aos idosos restam os asilos e casas de acolhimentos e mesmo aqueles que convivem em família vivenciam um grande distanciamento social causado pela introdução de novas tecnologias no cotidiano das famílias, isso tem relegado suas memórias ao anonimato, e silenciado suas narrativas, pois os mais jovens de hoje não tem interesse por essas coisas de velhos de forma que “O protagonismo dos corpos enrugados é invisibilizado” (SILVA; 2012, p.14). De forma que dentro dos lares temos uma barreira entre os jovens e os idosos que impede a circulação de saberes.

Os saberes das parteiras e das rezadeiras aqui analisadas fazem parte do patrimônio imaterial e cultural da localidade, de forma que a identidade local foi moldada por essas mulheres, percebemos que na época em estudo elas marcaram a memória da sociedade de forma que cada família de Salgadinho tem uma narrativa sobre os seus feitos, seja com uma parteira ou uma rezadeira, o sentimento de gratidão ficou presente nos depoimentos de forma que podemos perceber o quanto elas eram importantes. Hoje em dia as parteiras já não fazem mais partos, mas os seus conhecimentos ainda são muito procurados principalmente quando se trata de cura do coto umbilical, assim percebemos que mesmo com a mudança na forma de parir essas mulheres ainda são essenciais para a vida comunitária local, seus saberes ainda circulam na comunidade de forma que sua experiência ainda está viva.

Já no caso das rezadeiras, as que ainda estão vivas sempre que são procuradas ainda atendem nas comunidades onde elas residem, mesmo algumas, agora sofrendo perca de parte seu público por meio do avanço do protestantismo, fato notado em algumas comunidades, entre os moradores locais ainda é forte a tradição de se benzer. Mas percebemos com o avançar da pesquisa que também trata de um ofício com o risco de desaparecer, pois além da competição religiosa como podemos perceber por meio da fala da senhora Maria Gorete quando ela diz:

...por isso que eu digo o povo tem o costume de dizer, até os padres fala também não é só pastor não, os padres falam porque a pessoa acredita na rezadeira, mais rapaz, mas podia gente *ta* assim caindo, já e com dor de cabeça e tudo e se você aguentasse ir lá a gente ia, e se não aguentasse ela vinha, na hora que ela chegava, que ela começava a rezar na pessoa se a pessoa tivesse lá quando saia era quase bom.

Por meio da fala percebemos que não era só o protestantismo que ameaçava a crença da comunidade local nas rezadeiras, mas os próprios representantes da Igreja Católica, da qual as rezadeiras faziam parte, assim elas foram uma forma de resistência na sociedade.

Hoje muito dos jovens não tem interesse nesse tipo de prática, essa é uma queixa das rezadeiras que mesmo querendo não tem para quem passar o seu saber para que haja uma continuidade dele, a educação local também não manifesta interesse nesse saber pois a cada dia “Os pais renunciaram a um direito, que devia ser inalienável, de transmitir o que aprenderem, a memória deles, para que a próxima geração possa existir no mundo

com alguma herança, com algum sentimento de ancestralidade” (KRENAK; 2020, p. 55). Percebemos aqui que não só a escola como a família das rezadeiras, reforçam esse silenciamento das memórias delas.

É nesse ponto que essa pesquisa se torna importante no âmbito municipal, pois ela conserva parte de um legado deixado por essas mulheres que marcaram uma época por meio dos seus saberes, pois falamos de mulheres “cujas as mãos tecem o tecido vivo da história” (BOSI, 2008, p. 19). Sendo que esse tecido é feito com “Fios que representa a penetração de um passado na textura do presente” (BENJAMIN, 2012, p. 139). Garantindo a todos uma “*comunidade bem tecida*” (BAUMAN; 2003, p. 48).

Baseada no princípio do compartilhamento não só dos seus saberes, mas também de suas vidas, consumidas em favor da comunidade, pois “Quando uma pessoa vive de verdade, todos também vivem. “Esse é o principal imperativo da mulher sábia. Viver para que os outros se inspirem” (ESTÉS; 2007, p. 9). Elas foram realmente mulheres inspiradoras que deixaram suas marcas na história baseada no princípio do compartilhamento não só dos seus saberes, mas também de suas vidas consumidas em favor da comunidade.

Esperamos que esse trabalho seja o início de pesquisas voltadas para pôr em evidência as contribuições das mulheres na formação da comunidade local demonstrando que elas são agentes sim capazes não só de produzir o espaço, mas de modificar ele por meio dos seus sabres.

BIBLIOGRAFIA:

ACKER, Justina Inês Brunetto Verruck *et al.* As parteiras e o cuidado com o nascimento. *In: Revista Brasileira de Enfermagem REBEn.* 2006, Lajeado. **Anais.** Lajeado: UNIVATES, 2006. p. 647- 651.

ALIGHIERI, Dante: **A Divina Comédia: Inferno.** Trad. Itab Eugenio Mauro. São Paulo: Ed. 34, 1998.

ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de: **O Sexo Devoto: Normatização e resistência feminina no império Português.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2005.

ALMEIDA, Tatiane Aparecida de: Considerações sobre a relação entre religião e a magia no censo religioso contemporâneo. **Interações,** Belo Horizonte, V. 12, p. 122-136, 2017.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes: **Usos e Abusos da História Oral.** 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ANDRADE, Maristela Oliveira de: **Cultura e Tradição Nordestina: Ensaios de história cultural e intelectual.** João Pessoa, Ed. Manufatura/ Fundação João Fernandes da Cunha, 2000.

ARAÚJO, Manoel Alves de: **A História da Minha Vida.** 2007.

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente: Da Idade Média aos nossos dias.** Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BARCELOS, Lusival: **Práticas educativas-religiosas dos Potiguaras da Paraíba.** Editora da UFPB, 2014.

BARROS, Ofélia Maria de: **Terreiros Campinenses: Tradição e diversidade.** Campina Grande, EDUEPB, 2017

BASTIDE, Roger: **O Sagrado Selvagem e outros ensaios.** Trad. Dorothée de Bruchard, São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BELÉM, Vitor Curvelo Fontes: **Arraiá na Tela: a construção midiática das festas juninas em Sergipe.** Dissertação de mestrado em comunicação e semiótica. PUC: São Paulo, 2010.

BELINOK, Luiza Maria: A água como símbolo sagrado. *In: Ensino Religioso: Diversidade cultural e religiosa*. Curitiba-PR, 2013, p. 155-163.

BENJAMIN, Walter: **O Anjo da História**. Trad. de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

BENJAMIN, Walter: **Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sérgio Paulo Roanet. 1ª Ed. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.

BETHENCOURT, Francisco: **O Imaginário da Magia: Feiticeiros, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BORDIEU, Pierre: **A Dominação Masculina**. Trad. de Maria Helena Kühner. 3 ed. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2016.

BORDIEU, Pierre: **A Economia das Trocas Simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOSI, Ecleá: **Cultura de massa e cultura popular: Leituras de operários**. 12. Ed. Vozes, 2008.

BOSI, Ecleá: **Memória e Sociedade: Lembrança de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal**. Trad. João Ferreira de Almeida: CPAD, 2003.

BAUMAN; Zygmunt: **Comunidade: A busca por segurança no mundo atual**. Trad. Plínio Dentzien, Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BURCKHARDT, Jacob Christoph: **A Cultura do Renascimento na Itália: Um ensaio**; Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BURKE, Peter: **Testemunha Ocular: História e imagens**. Trad. Vera Maria X. dos Santos: Bauru, SP: EDUSC, 2004.

BURKE, Peter: **Variabilidade de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CAIXETA, Vera Lúcia. Parteiras Mineiras Oitocentistas: entre a institucionalização e as práticas costumeiras. **Saeculum-Revista de História**. João Pessoa, p. 103-120, jul./dez. 2014.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.): **Domínios da História: Ensaio de teoria e metodologia**. 16 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CASCUDO, Luis da Câmara: **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 8 ed. São Paulo: Global, 2000.

CASTELLS, Manuel: **O Poder da Identidade**. (Trad.) Klauss B. Gerhardt, São Paulo, Paz e Terra, 1999.

CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa; Pensar a interface Sertão e mulheres: Fontes e perspectivas. *In: Cenários Históricos Educativos: Sertão questão indígena e espaço de saber*. Campina Grande: EDUEPB, 2011, p. 301-313.

CERTEAU, Michel de: **A Cultura no Plural**. (Trad.) Enid Abreu. Campinas, São Paulo, Papirus; 2012.

CERTEAU, Michel de: **A Invenção do Cotidiano 1 Artes de fazer**. 22 ed. (Trad.) Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

CHALHOUB, Sidney; *et al*: **Artes e Ofícios de Curar no Brasil: Capítulos de história social**. Campinas, São Paulo: Editora da INICAMP, 2003.

CHARTIER, Roger: **A História Cultural Entre Práticas e Representações**. (Trad.) Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

COSTA, Maria de Fátima Medeiros da; OLIVEIRA, Alex Alves de: **História de Nossa Terra**. Campina Grande, Serigraf. 2007.

DEL PICCHIA, Beatriz: **O Feminino e o Sagrado: Mulheres na jornada do herói** [Recurso eletrônico] 1 ed. São Paulo: Agora, 2010.

DEL PRIORE, Mary: **Ao Sul do Corpo: Condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

DEL PRIORE, Mary (org.): **História das Crianças no Brasil**. 7 ed.- São Paulo: Contexto, 2010.

DEL PRIORE, Mary (org.): **História das Mulheres no Brasil**. 10. Ed. São Paulo: Contexto, 2013.

ESTÉS, Clarissa Pinkola: **A Ciranda das Mulheres Sábias: Ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem.** Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro, Rocco. 2007.

ESTÉS, Clarissa Pinkola: **Mulheres que Correm com os Lobos: Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem.** Trad. Wladéa Barcellos. Rio de Janeiro, Rocco, 2018.

FARIAS, Degiane da Silva: **Entre o Parto e a Benção: Memórias e saberes das mulheres que partejam.** 2013. Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Pará, Pará, 2013.

FACINA, Adriana; SOIETH, Rachel: Gênero e memória: Algumas reflexões *In: Gênero*, Niterói. Vol 5, 2ª sem. 2004p. 9-19.

FONTANA, Josep; **História: Análise do passado e projeto social.** Trad. Luiz Roncari. Bauru, SP: EDUSC, 1998.

FREYRE, Gilberto: **Casa Grande & Senzala: A formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** 51 ed. São Paulo: Global, 2006.

GENNEP, Arnold van: **Os Ritos de Passagem.** Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis, Vozes, 1977.

GOMES, Josinaldo; SOUSA, Ivo: **Salgadinho Revelando a Memória: Tecendo o fio da História.** João Pessoa: Editora CCTA, 2020.

GURGEL, Cristina: **Doenças e curas: O Brasil nos primeiros séculos.** São Paulo: Contexto, 2010.

HALBWACHS, Maurice: **A Memória Coletiva.** Trad. Beatriz Sidou; São Paulo: Centauro, 2003.

HOBBSAWM, Eric J: **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991.** Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, Eric J, Eric; RANGER, Terence (Orgs.): **A Invenção das Tradições.** Rio de Janeiro, Paz e Terra; 1997.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete T: **Benzeduras, Garrafadas e Costuras: Considerações sobre a prática da benzeção.** *In. Guaju, Martinhos*, v. 1, n. 2, p. 110-126, jul/dez. 2015.

HORTA, Carlos Felipe de Melo Marques: **O Grande Livro do Folclore**. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2004.

IPHAN: **Dicionário IPHAN de patrimônio cultural**. CAPEDOC, 2013.

JESUS, Carolina Maria de: **Quarto de Despejo: Diário de um favelado**. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014.

JUNG, Carl Gustav: **O eu e o inconsciente**. Trad. Dora Ferreira da Silva. Petrópolis, Vozes, 2014.

KENAK, Ailton: **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LE GOFF, Jacques: **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão... *et al.* 5 ed, Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003.

LEVACK, Brian P: **A caça às bruxas: Na Europa no limiar da Idade Moderna**. Trad. Ivo Korytowski, Rio de Janeiro: Campus; 1988.

LEVI-STRAUSS, Claude: **Antropologia Estrutural**. Trad. Chaim Samule Kantz e Eginaro Pires. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2003.

LINHARES, Eliane Fonseca de. **Tenho guardado os “imbigos” de todos os meus netos: Memórias das avós no cuidado com o coto umbilical** (Tese de doutorado). Vitória da Conquista, 2018.

MAIA, Luna Maia: **Com o Poder de Deus nas Mãos: Concepções das parteiras acerca da vivencia do parto numa perspectiva espiritual**. 2013. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

MARTINS, Ana Paula Vosne: **Visões do Feminino: A medicina da mulher nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004.

MATOS, Julia Silveira de; SENNA, Adriana Kivanski de: História Oral como fonte: Problemas e métodos *In. Historiae*, Rio Grande, Vol. 2, p. 95-108, 2011.

MAUSS, Marcel: **Sociologia e antropologia**. Trad. Paulo Neves, São Paulo: EPU, 1974.

MENDONÇA, Antônio G. *et al*: **Religiosidade Popular e Misticismo no Brasil**. São Paulo: Ed, Paulinas, 1984.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha: **A Arte de Curar nos Tempos da Colônia: Limites no horizonte do tempo**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2011.

MUÑOZ-VARGAS, Monica; SAFFIOTH, Helieth I. B. (Orgs): **Mulher Brasileira é Assim**. Rio de Janeiro, Rosa dos tempos: NIPAS: Brasília-DF: UNICEF, 1994.

MORGAN, René: **Enciclopédia das Ervas e Plantas Medicinais**. 9 ed. Rio de Janeiro: Hemus, 2003.

MURARO, Rose Marie: **A Mulher no Terceiro Milênio: Uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.): **Guerreiras da Natureza: Mulher negra, religiosidade e ambiente**. [Recurso eletrônico]. São Paulo: Selo Negro. 2014.

NASCIMENTO, Keyla Cristine do *et. al.* A arte de partejar: Experiência do cuidado das parteiras tradicionais de Envira/AM. *In: Esc. Anna Nery Ver. Enferm*, 2009, abr-jun; p. 319-327.

OLIVEIRA, Alex Alves de: **Mãe Didi**. Campina Grande: Serigraf, 2018.

ORTIZ, Renato: **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PERROT, Michele: **Os Excluídos da História: Operários, mulheres e prisioneiros**. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PERROT, Michele: **Minha História das Mulheres**. Trad. Angela M. S. Côrrea. 2 ed, São Paulo: Contexto, 2016.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *In: Estudos históricos*, Vol.5, N. 10, 1992, p. 200-212.

PRANDI, Reginaldo: **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

QUINTANA, Alberto Manoel: **A Ciência da Benzedura: Mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise**. Bauru, São Paulo: EDUSC; 1999.

RABELO, Mirian Cristina M. Religião ritual e cura. *In. Saúde e doença: Um olhar antropológico*. [Recurso eletrônico], Rio de Janeiro, Editora Fio Cruz, 1994, p. 47-65.

RAGO, Margareth: As Mulheres na Historiografia Brasileira. *In*: LOPES, Zélia (Org.). **Cultura Histórica em Debate**. São Paulo: UNESP, 1995. p. 81-91

REIS, João José: **Rebelião Escrava no Brasil: A História do levante do malês em 1835**. Brasiliense, 1986.

RODRIGUES, Franciel dos Santos: **Entre o Dito e o Escrito: História e memória das rezadeiras e da comunidade de Junco do Seridó PB**. Monografia, UEPB, Campina Grande, 2019.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis: Tenebrosos mistérios: Juca Reis e a relação entre crença e cura no Rio de Janeiro Imperial. *In*: **Artes e Ofícios de Curar no Brasil**. Campinas-SP. Editora Unicamp, 2003, p. 387-426.

SANTOS, Cicero Joaquim dos. Anjos Insubmissos: A tradição oral dos sepultamentos infantis no Sul do Ceará. *In*: **Revista brasileira de História e Ciências sociais**. Vol. 2. Nº 24, Dezembro de 2010, p. 9-21.

SANTOS, Juaci Oliveira dos: **A Seca de 1970 em Salgadinho-PB: Sociedade, saque e migração**. (Monografia), Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2015.

SANTOS, Sergiana Vieira dos. **“Para as ondas do mar Sagrado”**: Uma etnografia dos rituais de rezadeiras e rezadores de Delmiro Gouveia, Sertão de Alagoas. (Dissertação de Mestrado), UFA. 2018.

SILVA, Kalina Vanderlei, Maciel Henrique: **Dicionário de Conceitos Históricos**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Keila Queiroz e: Cuidado e cuidadores: os outsiders em territórios urbanos modernos e pós-modernos. *In*: **Revista de história e estudos culturais**, Vol. 9, Ano X, N. 3, Set-dez, 2012, p. 1-15.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de: **Territórios de Confronto**. Campina Grande: EDUFPG, 2006.

SOUSA, Ivo Fernandes de: **Cortando Fios de Vida, Tecendo Histórias de Afeto: Memórias e saberes das parteiras de Salgadinho-PB (1970-1980)**. 2017. Monografia. UEPB, Campina Grande. 2017.

SOUSA, Ivo Fernandes de: Memórias de Daniel Severaino, o parteiro de Salgadinho-PB (1996-2009). *In: História Local: Múltiplos olhares*. João Pessoa: Ideia, 2008, p. 253-266.

SOUZA, Laura de Mello e, (org.): **História da vida privada no Brasil vol 1: Cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia de bolso, 1997.

TAUSSIG, Michael: **Xamanismo, Colonialismo e o homem Selvagem: Um estudo sobre terror e a cura**. Trad. Carlos Eugênio M. de Moura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

THEOTONIO, Andrea Carla Rodrigues: **Entre Ramos de Poder: Rezadeiras e práticas mágicas na zona rural de Areia-PB**. Dissertação de mestrado, UFCG, Campina Grande, 2010

THOMAS, Keith: **Religião e o Declínio da Magia: Crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII**. Trad. Denise Bottmann e Tomas Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VALENCIANO, Jeronymo Cortez: **Lunário e Prognostico Perpetuo para todos os reinos e províncias**. 1950.

VAZQUEZ, Georgiane Garabely Heil. Mulheres sem filhos e a revista pais e filhos: Entre memórias e representações. *In: VII Congresso Internacional de História*. Rio de Janeiro. Out. 2015, p. 2335-2344.

VIANA, José Ítalo Bezerra: **História local**. Sobral: INTA, 2016.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez: **Ritos de Magia e Sobrevivência: Sociabilidades e práticas mágico-religiosas no Brasil (1890-1940)**. Tese de doutorado em história social, USP, 1997.

FONTES ORAIS

- ALVES, Inácia Dias: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.
- BEZERRA, Ana: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.
- BULCÃO, Edileide Alves: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.
- FERREIRA, Cícera Josefa de Oliveira: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.
- GOUVEIA, Irací Maria de: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.
- GOUVEIA, Lindines Elias de: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.
- JESUS, Iracema Olindina de: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.
- LEITE, Judite Job: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.
- LIMA, Maria de Lourdes dos Santos: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.
- MAIA, Severina Maria do: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.
- MEDEIROS, Luisa Paulina de: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.
- NOBERTO, Ester Mota de Farias: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.
- NÓBREGA, Esmeraldina de Souza: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.
- OLIVEIRA, Iranilda Maria de: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.
- OLIVEIRA, Josefa Pereira de: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.
- OLIVEIRA, Maria Gorete Fernandes de: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.
- SALVIANO, Maria José da Silva: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.
- SANTOS, Efigênia Fernandes dos: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.
- SANTOS, Iracema Pereira dos: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.
- SANTOS, José Pedro dos: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.
- SANTOS, Maria do Socorro: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.
- SILVA, Maria de Lourdes Souza da: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.
- SILVA, Rita Nogueira dos Santos: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.
- SOUSA, Rosemira Maria de: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.

APÊNDICES

APÊDICE A: Termo de consentimento e livre esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTUDO: SAGRADO FEMININO: RITOS, REZAS E REPRESENTAÇÕES DAS PARTEIRAS E DAS REZADEIRAS DE SALGADINHO- PB (1960-1980)

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu, (inserir o nome, profissão, residente e domiciliado na)

portador da Cédula de identidade, RG, e
 inscrito no CPF/MF..... nascido (a) em ____ / ____ /____ ,
 abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como
 voluntário(a) do estudo “*Título*” (**SAGRADO FEMININO: RITOS, REZAS E
 REPRESENTAÇÕES DAS PARTEIRAS E DAS REZADEIRAS DE
 SALGADINHO- PB (1960-1980)**) . Declaro que obtive todas as informações necessárias,
 bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- I) Explicitar o (s) objetivo (s) da pesquisa);
 O objetivo geral dessa pesquisa é reconstruir através da narrativa oral a trajetória das parteiras e das rezadeiras no município de Salgadinho

- II) Descrever a justificativa e os procedimentos metodológicos com detalhamento do (s) método (s): Esse trabalho tem como foco principal analisara atuação das parteiras e rezadeiras, mulheres essas que foram de grande importância para a formação da comunidade

- III) Explicitação dos possíveis desconfortos, riscos e benefícios. A pesquisa não oferece riscos aos participantes
- IV) Esclarecimento sobre o acompanhamento do sujeito da pesquisa durante a pesquisa e após o término
- V) Garantias quanto a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração na pesquisa no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação ou penalização;
- VI) Garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa durante todas as fases da pesquisa;
- VII) Garantias de que os resultados serão mantidos em sigilo, exceto para fins de divulgação científica;

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa

- Desejo conhecer os resultados desta pesquisa
- Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

VIII) Garantias de recebimento de uma via do TCLE

- IX) Explicitação da garantia de ressarcimento e como serão cobertas as despesas tidas pelos participantes da pesquisa e dela decorrentes;
- X) Explicitação da garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa

IX) Caso me sinta prejudicado (a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos – CEP, do Hospital Universitário Alcides Carneiro - HUAC, situado a Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n, São José, CEP: 58401 – 490, Campina Grande-PB, Tel: 2101 – 5545, E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br; Conselho Regional de Medicina da Paraíba e a Delegacia Regional de Campina Grande.

Campina Grande - PB, ____ de _____ de 2018.

Participante _____
Responsável pelo Projeto: **RESPONSÁVEL (IVO FERNANDES DE SOUSA, MESTRANDO EM HISTÓRIA.**

Telefone para contato e endereço profissional do pesquisador responsável (83) 99858776

APENDICE B: Questionário de entrevista com parteira

- 01) Nome completo, data de nascimento, tempo de atuação como parteira.
- 02) Como era o cenário histórico da época? Como era o acesso a hospitais, dificuldades de acessos a cuidados médicos?
- 03) Como aprendeu a exercer a atividade?
- 04) Tem lembrança do primeiro parto?
- 05) Utilização de medicamentos, bebidas, rezas, chás, e ervas.
- 06) Média de partos feitos por ela.
- 07) Posição da mulher durante o parto.
- 08) Dificuldades no exercício do ofício.
- 09) Realização de abortos por parte dela.
- 10) Ocorrência de mortes de mulheres ou crianças durante o parto.
- 11) Ocorrência de fetos com má formação.
- 12) Utensílios utilizados para cortar o cordão umbilical.
- 13) Método de esterilização dos utensílios.
- 14) Quais presentes durante o parto.
- 15) Quais os cuidados com o cordão umbilical?
- 16) Quais os cuidados com o bebê depois de nascido o que era feito com ele?
- 17) Qual o perfil de pessoas que buscavam seus serviços?
- 18) Ganhava algum dinheiro pelo serviço prestado?
- 19) Tinha carta de atuação?
- 20) Qual a reza, amuleto, imagem, bebida ou chá utilizado, descrever a receita.

APÊNDICE C: Questionário de entrevista com rezadeira

01. Qual o seu nome?
02. Qual é a sua idade?
03. Qual é a data de seu nascimento?
04. Qual é o seu estado civil?
05. Qual seu grau de parentesco com a rezadeira?
06. Como era o nome dela?
07. Qual era profissão da rezadeira?
08. Qual era o estado civil dela?
09. Ela rezava de que?
10. Com quem ela aprendeu a rezar?
11. Sabe de alguém que foi curado através da reza dela? Quem?
12. Ela tinha imagens em casa?
13. Quais os santos que ela tinha imagem?
14. Ela costumava fazer novenas ou terços em casa?
15. Ela costumava acender velas em casa?
16. Ela tinha oratório?
17. A senhora sabe repetir algum das rezas que ela fazia?
18. O que ela fazia durante essas rezas?
19. O que ela usava para rezar?
20. De qual planta era o ramo que ela usava?
21. De onde eram as pessoas que procuravam ela?
22. Que lembranças você tem dela?
23. Ela costumava ir à casa de uma pessoa que não podia ir a dela?
24. Ela costumava cobrar pela reza que ela fazia?
25. As pessoas por gratidão costumavam dar alguma coisa a ela, mesmo sem ela pedir?
26. Ela rezava só em pessoas ou costumava rezar em animais e roçados também?
- 27.

APÊNDICE D: Questionário de entrevista com parturiente

01. Qual o seu nome? Idade? Onde mora?
02. Costumava procurar a parteira da comunidade?
03. Como era as rezas feitas por essas mulheres durante o atendimento?
04. O que elas usavam durante a execução dessas rezas
05. Qual lembrança marcante você tem dessa mulher?
06. Qual era a importância dela para a comunidade?
07. Quantos filhos você teve com ela?
08. Como eram esses partos?
09. O que acontecia durante esses partos em casa que você gostava? O que acontecia que você não gostava?
10. Como essa parteira chegou a sua casa?
11. Que ervas, chás, bebidas ela usava durante esse atendimento?
12. Gostou mais de ter filhos no hospital com os médicos ou em casa com a parteira?

APÊNDICE D: Questionário de entrevista com rezados

01. Qual o seu nome? Idade? Comunidade do município onde você mora?
02. Quem era a rezadeira da comunidade que você procurava?
03. Você costumava ir se rezar de que?
04. O que ela usava para rezar?
05. Como era essa reza feita por ela?
06. Além de rezar ela receitava algum remédio do mato? Qual?
07. Que lembrança você tem dessa rezadeira?
08. Recebeu alguma cura por meio da reza dela? Qual foi?
09. Ela cobrava para rezar?
10. Você deu alguma coisa a ela por gratidão?

ANEXOS

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Sagrado Feminino: ritos, rezas e representações das parteiras e rezadeiras de Salgadinho-Pb 1980-1990

Pesquisador: IVO FERNANDES DE SOUSA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 24231619.6.0000.5182

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.854.219

Apresentação do Projeto:

A presente pesquisa visa reconstruir a atuação das parteiras e rezadeiras de Salgadinho-PB por meio dos relatos orais colhidos ao longo das comunidades que formam o município e tentar por meio desses reconstruir a trajetória dessas mulheres demonstrando que as mulheres são agentes ativos na produção do espaço social que estão inseridas.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

-Analisar as práticas culturais das parteiras e das rezadeiras de Salgadinho-PB.

Objetivo Secundário:

-Descrever as práticas culturais adotadas pelas rezadeiras e pelas parteiras de Salgadinho;

-Traçar os rituais feitos por elas e delimitar o público que elas atendiam.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador prevê os possíveis riscos e traça estratégias para minimizar tais riscos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trabalho interessante

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n

Bairro: São José

CEP: 58.107-870

UF: PB

Município: CAMPINA GRANDE

Telefone: (83)2101-5545

Fax: (83)2101-5523

E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br